

# SERÕES

JUNHO 1911

N.º 72

1940

COMPRA  
1940



E. Marinho. gr.

Museu d'arte. — REMBRANDT (1606-1669). — Retrato de Isabel Bas

# Summario

## MAGAZINE

PAG.

### RETRATO DE ISABEL BAS

(*Frontispicio*) . . . . . 402

### O CULTO DA ARVORE

(*8 illustrações e 1 vinheta*) por VICTOR RIBEIRO . . . . . 403

### SENHORA DO CREPUSCULO (*Versos*)

(*1 illustração*) por AUGUSTO CASIMIRO . . . . . 410

### ALVARO DO CARVALHAL

(*1 illustração e 1 vinheta*) por FIDELINO DE FIGUEIREDO . . . . . 414

*X Camilo*

### ARTE PORTUGUÊSA (*Illustrações*)

Manhan em Clamart — CARLOS REIS . . . . . 415

Decoração da sala das festas do palacio do Bussaco — CARLOS REIS, pags. 419 e . . . . . 423

A caminho da fonte — CARLOS REIS . . . . . 435

A pobresinha — CARLOS REIS . . . . . 443

### PARIS POR DEBAIXO

(*8 illustrações e 1 vinheta*) por AQUILINO RIBEIRO . . . . . 425

### O MOVIMENTO RELIGIOSO CONTEMPORANEO

(*4 illustrações e 1 vinheta*) . . . . . 443

### LEVIATÃO E A SUA GRUTA

(*4 illustrações e 2 vinhetas*) . . . . . 447

### CAMILO

(*1 illustração e 1 vinheta*) por ALFREDO GUIMARÃES . . . . . 452

### MUSICOS EXCENTRICOS

(*5 illustrações, 1 vinheta e musicas*) . . . . . 455

### RESENHA PORTUGUEZA

(*6 illustrações e 1 vinheta*) por PORTUGAL DA SILVA . . . . . 461

### THEATROS

(*1 illustração*) por PORTUGAL DA SILVA . . . . . 468

### NOTICIA BIBLIOGRAPHICA

(*2 illustrações e 2 vinhetas*) . . . . . 470

### PELO MUNDO FORA

(*3 illustrações e 2 vinhetas*) . . . . . 474

### CHRONICA DA MODA

(*4 illustrações e 1 vinheta*) . . . . . 477

# Serões



Historia \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Sciencia  
Romance \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ Arte  
Actualidades \_\_\_\_\_  
\_\_\_\_\_ etc. \_\_\_\_\_

Magazine Mensal Illustrado

PROPRIEDADE DA

LIVRARIA FERREIRA

Collaboração dos melhores escritores  
e artistas portuguezes e brasileiros.

*Assignatura annual, 2\$200 réis*

*Semestre, 1\$200 réis*

*Numero avulso, 200 réis.*

Brinde aos assignantes: 50 % de abatimento nos volumes já publicados

---

**Atenção:** Se desejar a assignatura dos **Serões** tenha a bondade de o indicar no postal incluso, ainda que não queira o **Diccionario Séguier**. Neste ultimo caso, riscar os dizeres relativos ao DICCCIONARIO.



# Diccionario Prático Illustrado

---

A apparição d'esta obra foi verdadeiramente um grande acontecimento de livraria. Vem ella preencher uma falha ha muito sentida na lexicographia portugueza: a de um completo e pratico diccionario illustrado, em dia com os ultimos aperfeiçoamentos, pesquisas, invenções, ao alcance de todos e perfeito tanto no que respeita propriamente á lexicologia como em toda a parte material de uma publicação d'esta natureza. O

## Diccionario Prático Illustrado

condensa em um unico volume, de formato commodo, tudo que deve contêr um diccionario verdadeiramente **prático**, isto é, um diccionario em que se encontrem, com facilidade e presteza, todas as indicações de que possam carecêr as classes de leitôres a que se destina, compostas pela maior parte de homens de acção e de trabalho, que as complexas obrigações da vida moderna sollicitam incessantemente e que não podem perdêr tempo em demoradas pesquisas para encontrar o vocábulo, a definição, a noção breve e precisa, que lhes importa utilizar.

Dividido em três partes:

**Lingua portugueza**

**Locuções latinas e estrangeiras**

**Historia e geographia**

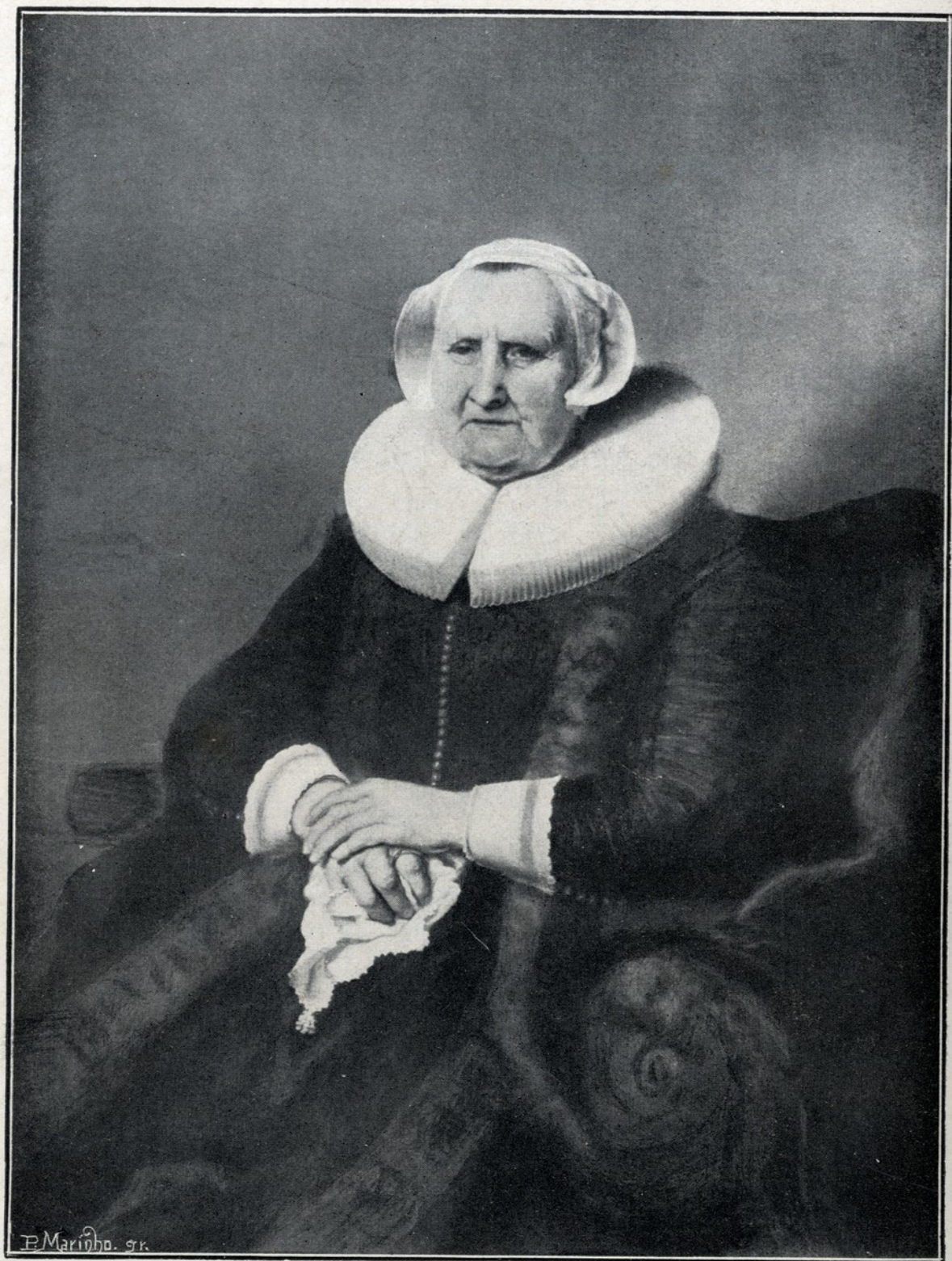
### O Texto

apresenta o mais copioso vocabulario que até hoje se apresentou em diccionario d'esta natureza, abrangendo a **lingua**, as **letras**, as **sciencias**, as **artes**, acompanhado de **definições** claras correspondentes ás diversas accepções dos termos, dispostas estas por ordem lógica, partindo do sentido natural para o figurado, apoiadas aquellas em **exemplos** que as precisam e completam; **synónimos**, **antónymos**, **proverbios** e **locuções proverbias**,

N.º 72



JUNHO 1911



MUSEU D'ARTE. — REMBRANDT (1606-1669). — Retrato de Isabel Bas



## O culto da arvore



utilidade e necessidade da floresta, principalmente nas regiões serranas, é hoje, felizmente, indiscutida. Esta necessidade constitue um dos mais importantes desideratums da agronomia portugueza. O problema florestal impõe-se como questão palpitante, para por elle se conseguirem multiplas vantagens, taes como o aproveitamento das hórridas zonas incultas das serras, a regularização do regimen das chuvas, a consolidação dos terrenos das encostas, a fertilização do solo pelos detricτος vegetaes, a criação de riquezas valiosas em madeiras de construcção civil e naval e de marcenaria, a frescura da atmosphaera modificadora do clima, por vezes torrido do nosso paiz, e, finalmente, o aformoseamento da paisagem coroando as linhas de cumiadas e os recortes caprichosos das cordilheiras com a viçosa verdura dos arvoredos, em que a vista se repousa dôcemente á simples lembrança das frescas sombras que elles promettem e das murmurantes fontes que sob ellas brotam.

Não desconheciam os nossos antepassados as beneficas vantagens, que o homem, desde a sua vida prehistorica, aufere da arvore bôa e protectora. Por isso, logo depois de conquistado o solo e de obtida sua povoação pelo elemento mosarabe e estrangeiro, ao mesmo tempo que nos reconcavos da costa

maritima, em modestos e rudimentares estaleiros, se fabricavam das nossas madeiras as primeiras caravellas, o rei lavrador, não tendo podido evitar que o assoriamiento das dunas de areia lhe destruísse as povoações do littoral, ordenou com providente desvelo, a plantação dos areaes da costa em vastos e preciosos pinhaes, de que nos resta ainda a viva tradição no extenso pinhal de Leiria, vulgarmente conhecido pela significativa designação do — *pinhal real*.

Infelizmente, a febre das viagens, descobrimentos e conquistas, desviou as atenções dos governantes destes problemas vitaes da sylvicultura, e portanto só com a reconstituição nacional, sob a dynastia brigantina, reviveu o estudo dos serviços florestaes. Os alvarás de 29 de maio de 1643 e 17 de março de 1691 ordenam as plantações de arvores nos baldios, nos paúes de Salvaterra de Magos, lembrando expressamente os utilitarios fins de assim segurar as terras, evitando o entupirem-se as vallas, de conservar o ar sadio, e de enxugar os terrenos, para poderem semear se.

Era já a revivescencia do culto ancestral da arvore, que o marquez de Pombal havia de patrocinar, incitando pelas suas ordens, (que relembraam as regias leis de 22 de janeiro de 1678, de 23 de setembro de 1713 e 11 de março de 1716), a cultura das amoreiras, e estabelecendo assim a mais



PINHEIROS

bella aliança entre a silvicultura e a industria artistica das sêdas.

O exemplo fertil e pródigo dos paizes do norte, em que a arvore é adorada, como na Suissa, onde o corte de um vegetal arboreo é crime que as leis punem com penalidades identicas ás que impendem sobre os homicidas, ou como na França e na Belgica, onde extensos tractos de terreno mostram as verdejantes cômas das florestas das Ardennes, das Cevennes e dos Vosges, veio a ter porfim echo no nosso paiz, onde mais do que noutros o problema florestal se impõe, pela necessidade do aproveitamento dos baldios e dos tractos incultos.

Num paiz em que 44 0/0 do

territorio se acha no estado bravio de charneca ou de areias de costa, onde as terras, até mesmo na area actual e fantastica da capital do reino, se apresentam escalvadas e nuas, reverberando o calor com que aquecem durante o dia as suas massas rochosas os quentes raios do sol do estio, mil clamores se levantam a pedir que esses 73:000 hectares de terreno, improductivo e esteril, sejam cobertos pela benefica e fresca vegetação dos arvoredos de sombra, ou dos productivos e encantaôres pomares.

Muito se tem feito e muito ha a fazer com a organização dos *serviços florestaes* e desenvolvimento das mattas no paiz. Esta obra abençoada da arborisação das serras, a que ficou ligado o nome de Emygdio Navarro, que nos legou tão uteis medidas para o fomento da industria, da agricultura nacional, do commercio e do ensino publico, tem tomado incremento desde então, não só pelo estabelecimento de viveiros e plantações arboreas, de projectos e estudos, de reclamações instantes de dedicados agronomos e silvicultores, como tambem pela fiscalização e vigilancia, tendentes a impedir os côrtes e destruição dos pinhaes e das nossas tão escassas riquezas arboreas.

A organização deficiente da policia rural, e a montagem dos postos florestaes, como o do Gerez, com os seus regentes; os esforços constantes da Associação Central de Agricultura Portugueza e de outras aggremações scientificas da especialidade provocaram o renascimento do problema. De norte



NO COMEÇO DO INVERNO



a sul, desde o Gerez á serra de Monchique, se reclama a arborização das serranias.

No Gerez, onde a natural vegetação produz as gigantescas carvalheiras, tão afamadas no norte do paiz, a matta do Estado occupa uns 10:000 hectares, que desde 1888 se cobriram das mais interessantes especies florestaes, como o platano, o vidoeiro, o azereiro, o teixo, o zimbro, o sobreiro e a azinheira, etc., ha os vastos viveiros com mais de 100:000 pés, e o posto meteorologico a estudar as condições climatericas da região.

Pelas quebradas e vertentes da serra do Gerez, desde a chã de Leonte até ás margens do rio Homem, erguem-se ainda florestas de carvalhos centenarios, exemplo raro no paiz, que bem lembra o aspecto viridente das zonas florestaes dos Pyreneus.

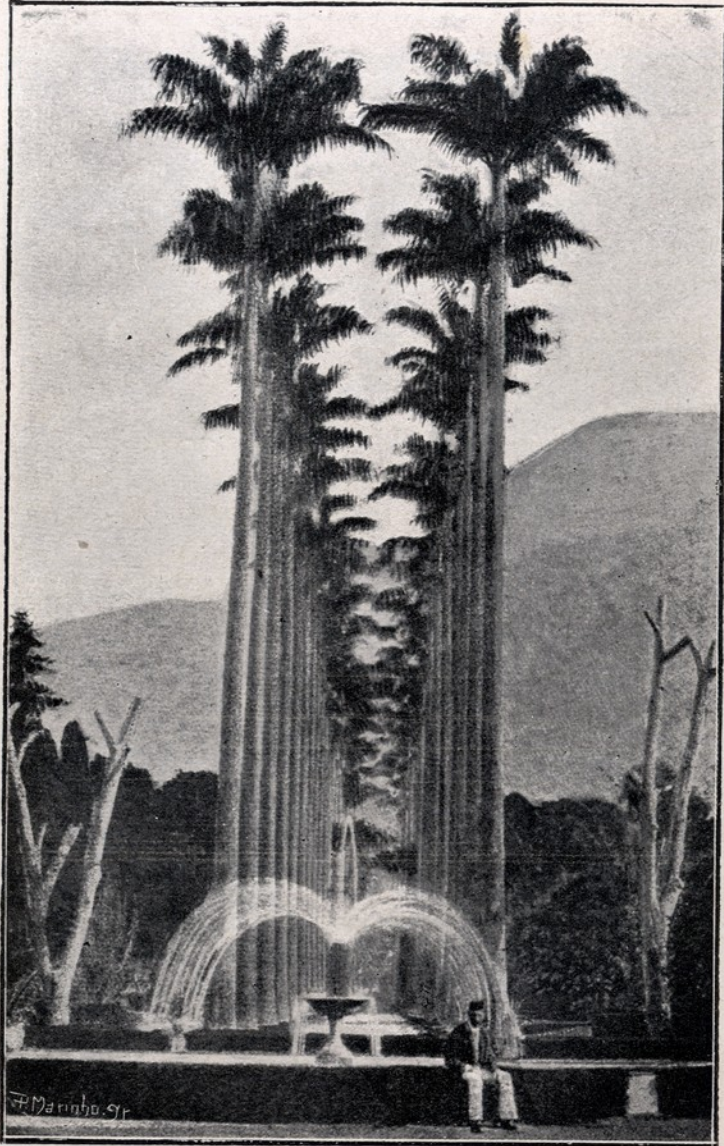
O *Anuario dos serviços florestaes*, que o Ministerio das Obras Publicas manda imprimir, e que attinge até ao anno de 1903-1904, diz-nos que naquelle anno se semearam 372 hectares de terrenos no Gerez, em Manteigas e noutros pontos, de pinhaes e carvalhaes, plantando-se, além disto, 57:000 pés de arvores no Gerez.

A camara municipal de Alemquer reclamava ainda ha pouco que parte da serra de Montejunto fôsse submettida ao regimen florestal; a serra foi de facto visitada pela missão scientifica official, que se pronunciou favoravelmente aos desejos dos Alemquerenses,

cujá petição deveria ser instantemente secundada pelas camaras da vasta e rica região do Cartaxo, Azambuja, Torres Vedras, Cadaval e Lourinhã, cujos cerros escavados e extensos tractos incultos attestam a incurria e desleixo de governantes e governados.

Para Monchique, cujas faculdades arboreas estão attestadas pela toponimia, desde o tempo de D. João II, que indo aproveitar das aguas, segundo é tradição historica, repousou momentos sob a grande carvalheira — no logar que hoje se denomina a

*Carvalheira d'Elrei*, e para as serras da Picota, da Foya e de Caldeirão, é facil de ajuizar que importantes vantagens adviriam da sua arborização, pelo oasis luxuriante de verdura que o viajante, desde Ptolomeu e Plinio, admiram na estrada que conduz á pittoresca povoação das Caldas de Monchique.



AVENIDA DAS PALMEIRAS NO JARDIM BOTANICO DO RIO DE JANEIRO

A arvore merece, sem a menor duvida, o culto que o homem moderno lhe votou, revivescencia singular das ceremonias religiosas dos antigos druidas em que os sacerdotes celticos iam, sob as abobadas sombrias das florestas, colher, nos dias solemnes do seu rito, com a symbolica foice de ouro, o agarico sagrado, na casca dos majestosos carvalhos.

Os gigantes vegetaes tiveram nomeada que a historia e a litteratura nos perpetuaram. Dos cedros do Libano e do Sinai, fonte da riqueza commercial e naval dos phenicios emprehendedores, dos baobabs gigantes, dos iombondeiros africanos, dos soberbos palmares e impenetraveis juncaes da India, até aos nossos formosos carvalhos do Gerrez e da Beira, aos cedros da matta do Bussaco, ás alfarrobeiras do Algarve, é enorme a tradição dos vetustos e encantadores collossos arboreos.

O culto da arvore, de que entre nós, ha pouco, a *A Liga Nacional de Instrucção* promoveu a fecunda renovação, é antigo na historia patria e na vida universal. Ar-

vores existem e religiosamente se conservam, como veneraveis reliquias que perpetuam a successiva gerações a memoria daquelles homens illustres que as plantaram, ou que á sua sombra amiga se abrigaram alguma vez dos calores estivaes, ou por fim sob cujos annosos troncos vieram determinar sua ultima jazida.

O cypreste funerario, o teixo e o olmo que sombreiam as campas de nossos paes, inspiram o respeito e a veneração que muitas arvores celebres, por varios motivos, igualmente conquistaram.

Assim, em parallelo com o famoso salgueiro, que em Santa Helena cobriu os restos de Napoleão, possuímos tambem em Portugal algumas arvores historicas, de que citarei aqui as poucas que no momento me occorrem.

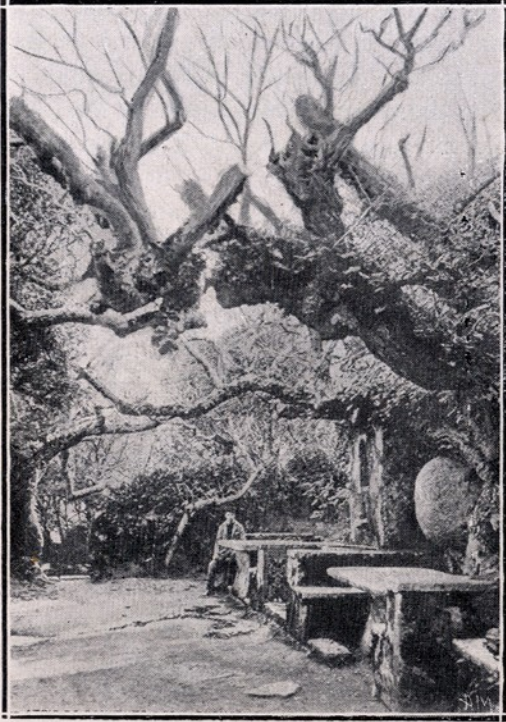
No Jardim Botânico de Coimbra ad-

mira-se a vetusta magnolia que alli plantou Felix de Avellar Brotero, o eminente botânico portuguez e primeiro director daquelle horto. Citarei tambem o cedro giganteo e secular da Castanheira da Serra, que alli plantou o cego Castilho, o *mais poeta dos portuguezes*, o *dulcissimo Castilho*, como lhe chamou Camillo Castello Branco. No pateo



UMA AVENIDA DO BUSSACO

do Saldanha, ao Giestal, antigo palacio que em 1807 serviu de quartel general a Junot, havia na quinta dois soberbos cyprestes plantados um por Junot e o outro pelo ma-



CINTRA — ATRIO DO CONVENTO DOS CAPUCHOS

rechal Beresford. A campa do venerando marquez de Sá da Bandeira, em Santarem, era abrigada pela sombra de uma noqueira amiga, que por sua determinação ou dos seus descendentes, alli foi plantada. A arvore symbolica desapareceu.

No Sardoal (Abrantes), foi ha dias derribado, numa quinta de Alcanena, um pinheiro manso que contava 300 e tantos annos. Media 14 metros até á *forca*, dividindo-se nessa altura em dois ramos de 5 a 6 metros de comprimento. O tronco tinha 5 metros de circunferencia. Foi comprado para construcções navaes.

\*

A *festa da arvore*, modernamente iniciada, veio revigorar o culto dos vegetaes arboreos, culto que, tanto sob o ponto de vista sentimental como pelo utilitario, tem na humanidade as mais veneraveis tradições. Já referimos algumas das que ennobrecem a

tal respeito o povo portuguez. A dôr profunda e o accesso de ira com que o Infante D. Henrique recebeu a noticia triste do incendio que, por indisculpavel incuria, logo depois da descoberta, acabava de devorar uma boa parte dos frondosos bosques da ilha da Madeira, arvorêdo no qual o sabio Infante fundava as melhores de suas esperanças para o desenvolvimento dos estaleiros navaes, representam o lado utilitario, que desde aquelles remotos tempos preocupava o espirito reflectido dos governantes.

O culto da arvore reviveu em nossos dias, e com elle veem as medidas de protecção aos vegetaes arboreos, que nos cumpre, por todos os principios estimar e admirar.

Em 20 de dezembro de 1907 realisou-se pela primeira vez, em Lisboa, a *festa da arvore*, cerimonia cultural de respeito, em que as creanças das escolas de Lisboa plantaram na rua Alexandre Herculano, com a



CINTRA — ESTRADA DA PENHA LONGA

assistencia dos directores de instrucção publica, da camara municipal, do iniciador da festa sr. Borges Grainha, e de numerosas pessoas, 38 arvores que ficarão historicas

na cidade, como recordação do facto e da geração escolar que as plantou.

Ainda bem que a *Liga de Instrucção* se fez paladina desta idéa patriótica, missão que em França avocou a si, entre outras collectividades, o *Touring-Club*, ao passo que na vizinha Hespanha um simples particular, o tenor Vignas, tem conseguido, com pertinaz propaganda civilizadora, estimular este culto, promovendo a plantação de milhares de arvores e a celebração da encantadora festa. Em Portugal, a *Direcção geral da instrucção primaria* mandou gene-

já pela *Liga Nacional de Instrucção*, já por outras individualidades, até áquella que ha poucos dias vimos e em que a municipalidade de Lisboa plantou, na principal Avenida da cidade, uma laranjeira, que oxalá viva, floresça e fructifique, largos annos, perpetuando a memoria d'aquella ridente festa, a que o Governo Provisorio da Republica se associou pelas palavras eloquentes do Dr. Bernardino Machado.

Já antes, o vereador sr. Miranda do Valle se occupára da arborização das ruas de Lisboa, e o illustre presidente do municipio

sr. Braamcamp Freire levantou, com a sua auctoridade, um brado em favor do culto da arvore, propondo, como a camara logo approvou, que — «*de futuro, se não destrua arvore alguma da cidade, nem se transplantem exemplares vegetaes arboreos, sem expressa auctorização da vereação municipal*».

Foi tomada esta louvavel e providente deliberação na sessão de 19 de janeiro de 1911.

Na *festa da arvore*, que tão brilhantemente se realisou em 29 de maio de 1910, na pitto-

resca povoação da Amadora, recitou-se uma formosa poesia do sr. Delfim Guimarães, cantando as plantas arboreas que embellezam a paizagem. Será com os versos graciosos que fecham essa poesia, que terminaremos tambem, *com chave de ouro*, esta desataviada noticia.

Dizem os versos:

*As aves vão poisar nas hastes dos seus ramos,  
Seus ninhos construir na sua alfombra amiga;  
E quantas vezes nós tambem buscar não vamos  
A sua protecção, exaustos de fadiga!*

.....



NO EGYPTO — A ESTRADA DE DACHUR

ralizar a todo o paiz aquella sympathica festa escolar, lembrando quanto este culto é patriótico e alevantado.

O *Touring Club de França*, na sua dedicada propaganda, publicou e fez distribuir profusamente por todas as cidades e campos da França, um livro intitulado — *Manual da arvore*, profusamente illustrado, onde a par das noções elementares de sylvicultura, se mostram claramente os perigos da devastação das florestas e da conservação da nudez arida das montanhas e dos baldios.

A *festa da arvore* tem-se repetido, já promovida pela *Academia de Estudos Livres*,

*A arvore traduz quanto ha de majestade,  
Todas as perfeições resume por encanto:  
Beleza, Força, Amor, Dedicção, Bondade.  
A altivez d'um heroe e a almasinha d'um santo!*

*Bem dita sejas tu, ó arvore, entre quantas  
Joias de admiração a natureza encerra!  
Fonte de sumo bem, imperatriz das plantas,  
Bem dita sejas tu, obra prima da terra!*

O culto da flôr é o remate gracioso e poetico do culto da arvore. De ha muitos annos o Porto se tornou a séde deste culto,

que numerosos amadores exerciam. Lisboa teve-os tambem; todos se lembram ainda com saudade das bellas rosas de Paulo Plantier, que adornavam as montras da sua loja. Hoje substitue-o o sr. Amor de Mello, apaixonado amator de flôres, e a cidade, com o patrocínio da sua vereação republicana erigiu em culto publico. mais de uma vez affirmado no brilhantismo publico da festa da flôr este culto privativo das almas simples e boas.

Abril de 1911.

VICTOR RIBEIRO.



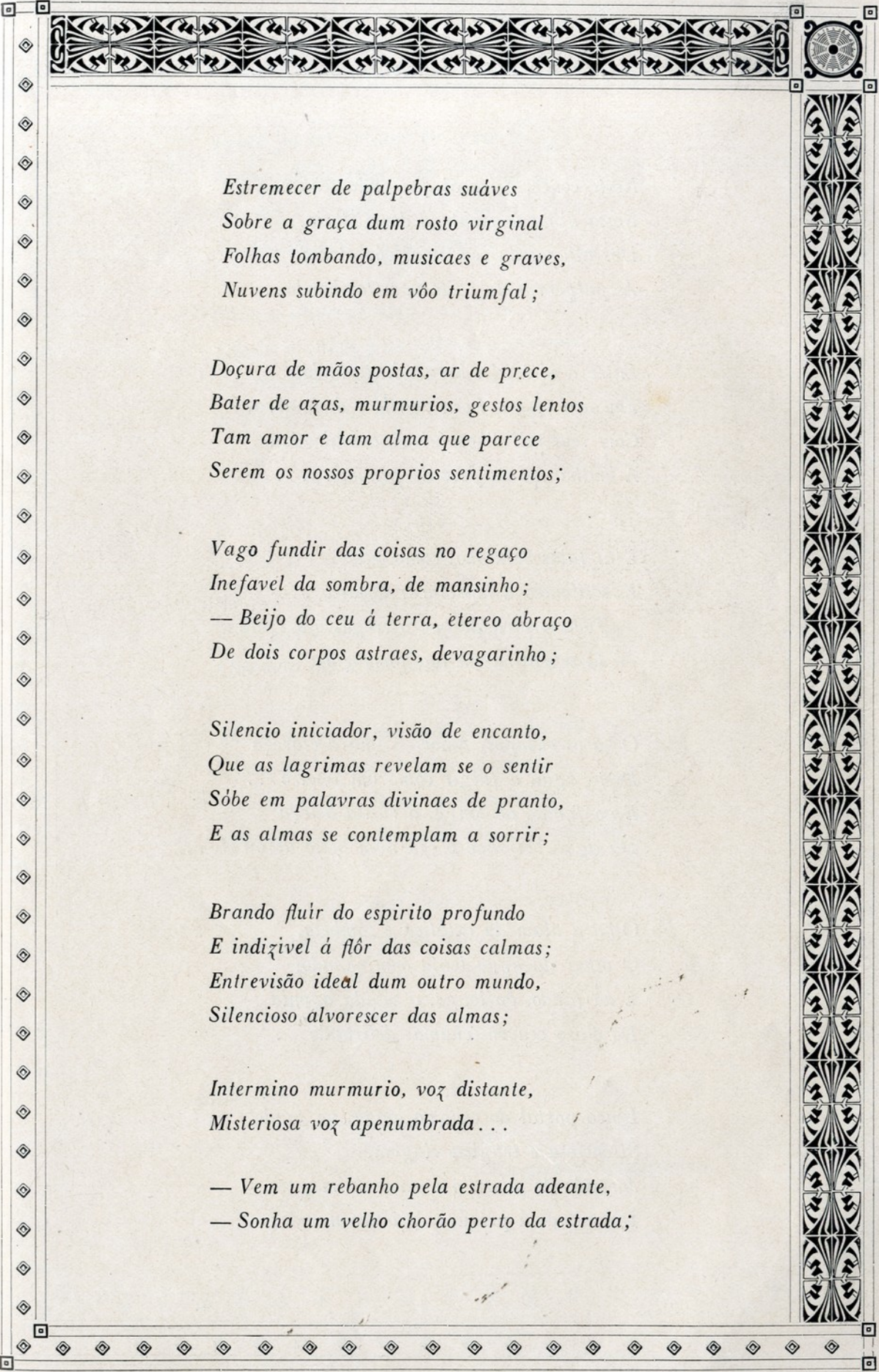
VISTA D'UMA FLORESTA ITALIANA



# Senhora do Crepusculo

*Ternuras de crepusculo veladas,  
Piedoso tombar da noite quando,  
No silencio e na sombra, extasiadas,  
Ficam as coisas, com amor, sonhando;*

*Manso florir de estrelas docemente,  
— Olhar de justo que se extingue vendo  
A luz de Deus além do aparente,  
Em profunda Beleza florescendo;*



*Estremecer de palpebras suáves  
Sobre a graça dum rosto virginal  
Folhas tombando, musicaes e graves,  
Nuvens subindo em vôo triumphal;*

*Doçura de mãos postas, ar de prece,  
Bater de azas, murmurios, gestos lentos  
Tam amor e tam alma que parece  
Serem os nossos proprios sentimentos;*

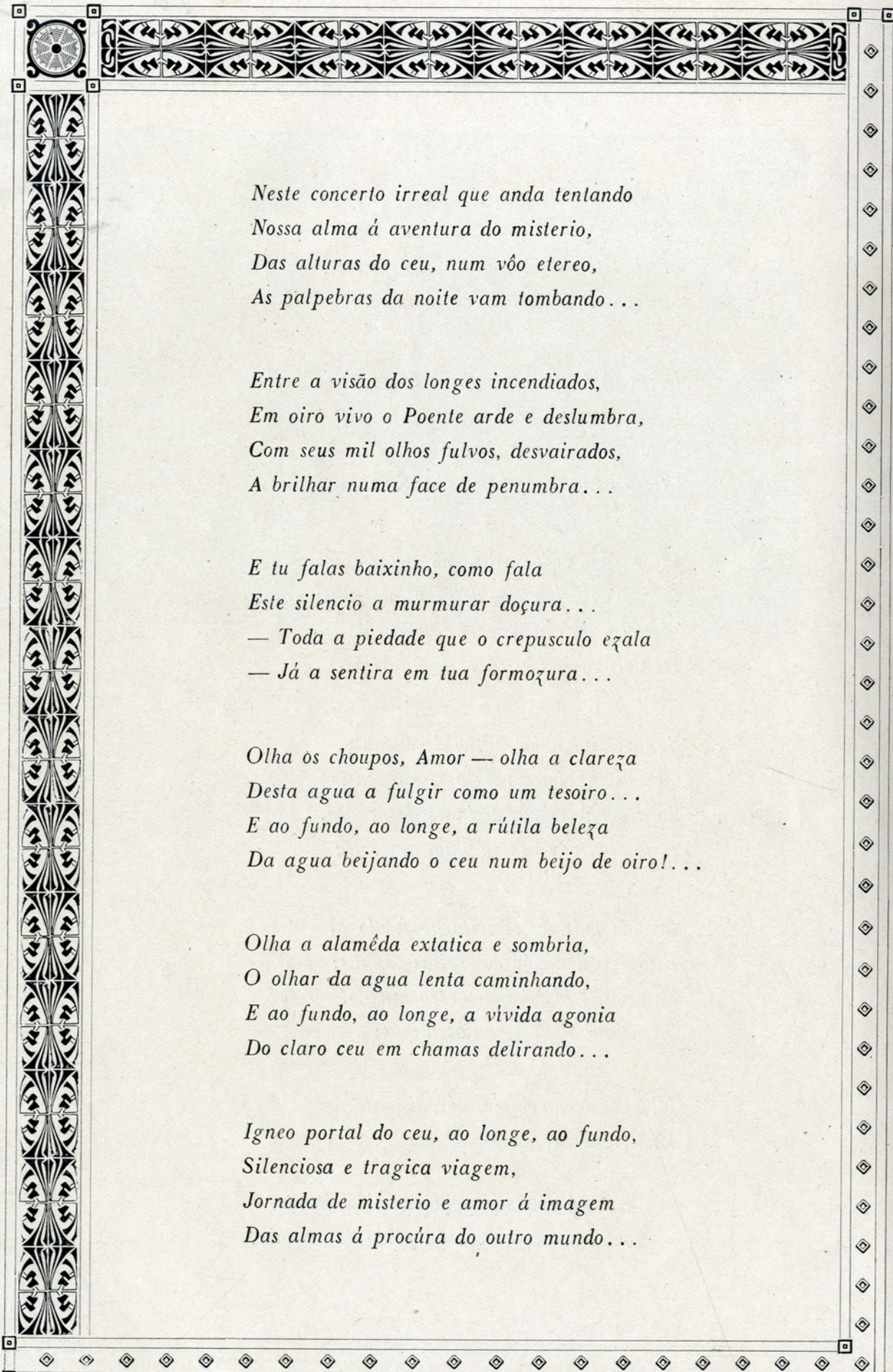
*Vago fundir das coisas no regaço  
Inefavel da sombra, de mansinho;  
— Beijo do ceu á terra, etereo abraço  
De dois corpos astraes, devagarinho;*

*Silencio iniciador, visão de encanto,  
Que as lagrimas revelam se o sentir  
Sóbe em palavras divinaes de pranto,  
E as almas se contemplam a sorrir;*

*Brando fluir do espirito profundo  
E indizível á flôr das coisas calmas;  
Entrevisão ideal dum outro mundo,  
Silencioso alvorecer das almas;*

*Intermino murmurio, voz distante,  
Misteriosa voz apenumbrada . . .*

*— Vem um rebanho pela estrada adeante,  
— Sonha um velho chorão perto da estrada;*



*Neste concerto irreal que anda tentando  
Nossa alma á aventura do misterio,  
Das alturas do ceu, num vôo etereo,  
As palpebras da noite vam tombando...*

*Entre a visão dos longes incendiados,  
Em oiro vivo o Poente arde e deslumbra,  
Com seus mil olhos fulvos, desvairados,  
A brilhar numa face de penumbra...*

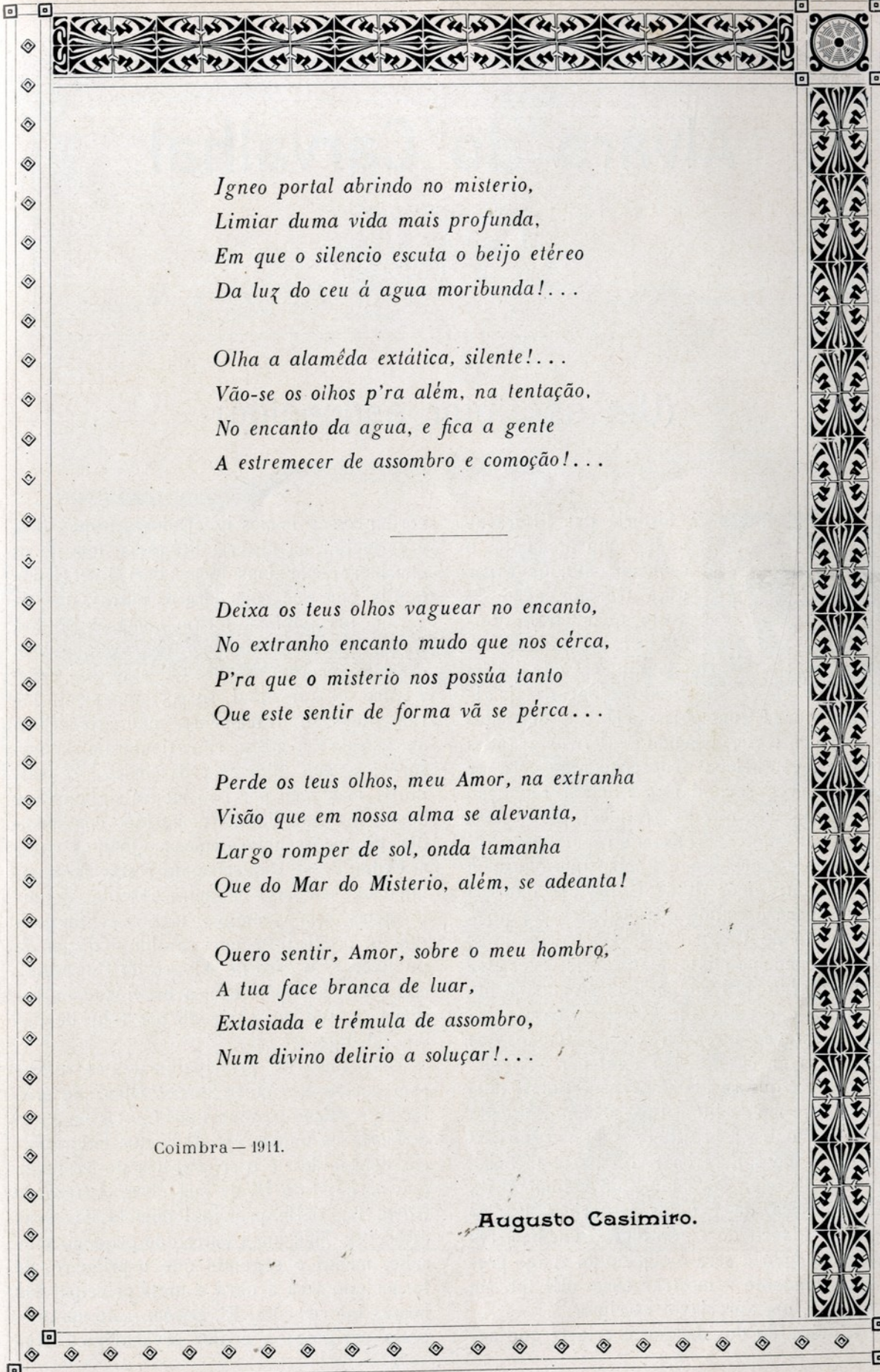
*E tu falas baixinho, como fala  
Este silencio a murmurar doçura...  
— Toda a piedade que o crepusculo ezala  
— Já a sentira em tua formozura...*

*Olha os choupos, Amor — olha a clareza  
Desta agua a fulgir como um tesoiro...  
E ao fundo, ao longe, a rútila beleza  
Da agua beijando o ceu num beijo de oiro!...*

*Olha a alamêda extatica e sombria,  
O olhar da agua lenta caminhando,  
E ao fundo, ao longe, a vívida agonia  
Do claro ceu em chamas delirando...*

*Igneo portal do ceu, ao longe, ao fundo,  
Silenciosa e tragica viagem,  
Jornada de misterio e amor á imagem  
Das almas á procúra do outro mundo...*





*Igneo portal abrindo no misterio,  
Limiar duma vida mais profunda,  
Em que o silencio escuta o beijo etéreo  
Da luz do ceu á agua moribunda!...*

*Olha a alamêda extática, silente!...  
Vão-se os olhos p'ra além, na tentação,  
No encanto da agua, e fica a gente  
A estremecer de assombro e comoção!...*

*Deixa os teus olhos vaguear no encanto,  
No extranho encanto mudo que nos cêrca,  
P'ra que o misterio nos possúa tanto  
Que este sentir de forma vã se pêrca...*

*Perde os teus olhos, meu Amor, na extranha  
Visão que em nossa alma se alevanta,  
Largo romper de sol, onda tamanha  
Que do Mar do Misterio, além, se adeanta!*

*Quero sentir, Amor, sobre o meu hombro,  
A tua face branca de luar,  
Extasiada e trémula de assombro,  
Num divino delirio a soluçar!...*

Coimbra — 1911.

**Augusto Casimiro.**

# Alvaro do Carvalho

(Um escriptor esquecido)



A historia das litteraturas, frequentemente, o esquecimento, quer por uma transformação do gosto, quer por circumstancias accidentaes, apaga nomes que tinham direito a lograr mais algum favor. E' um phenomeno que em todas se verifica e que, fazendo avultar as grandes figuras, estabelece a desproporção e reduz esses nomes secundarios á méra repetição de qualidades, que as grandes figuras mais vigorosamente concretisam e representam. E' o caso de Corneille e Racine que offuscam todos os tragicos desde Hardy, só interessantes para o estudo das origens e da differenciação do theatro nos seus varios tons, grave, comico e mixto. Mas outras vezes esse esquecimento provem do divorcio entre a litteratura e o povo, estando neste caso principalmente as litteraturas de imitação, das pequenas nações, de Portugal por exemplo. O critico, que se abalança ao estudo minucioso e probo da litteratura nacional, a cada passo encontra rehabilitações a fazer, tardias reivindicções a invocar. Na parte theorica já tive occasião de o fazer no volume II da «Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionaes». Alvaro do Carvalho é um bem tipico exemplo e será o objecto do artigo presente, tendente a mostrar como elle foi, em potencia, um apreciavel escriptor.

E' fóra de duvida que o critico, que ac-

cordar esses nomes ignorados e esquecidos, e os incluir na historia litteraria, tem de os considerar por uma fórmula bem diversa daquella por que considera os outros, que tiveram um publico, foram comprehendidos, foram amados. Os ignorados, os que bem cedo esqueceram, e sobre todos, os que, como Alvaro do Carvalho, só posthumamente fóram lidos, e fracamente, não exercêram acção sobre o gosto, não orientaram successores; a sua influencia dynamica, é, pois, nulla, mas nem por isso menos significativa a sua individualidade, como fóco condensador de acções heterogeneas. Quantas vezes a causa desse esquecimento reside na combinação, por uma maneira insolita, de influencias bem communs, mas que, em conjunto, produziram uma resultante dispar do publico. E' o caso de Alvaro do Carvalho, que passo a expôr, com a brevidade e a reserva, a que sou obrigado por falta de dados fidedignos.

Dois auctores, principalmente, se referiram a este escriptor; Simões Dias que prefaciou a edição posthuma dos *Contos* e a quem devemos os unicos apontamentos biographicos conhecidos, e o sr. Pereira de Sampaio, que no capitulo IX da sua obra, *A Geração Nova*, faz d'elle principal objecto das suas attentões. Mas um e outro dão pequeno subsidio, menos o segundo que o primeiro, de forma que será a obra a fonte principal das nossas informações. E', porém, este um processo perigoso; a critica psychologica, fre-

Arte portuguesa



CARLOS REIS — MANHÃ EM CLAMART

quentemente, chega a reconstituir um typo moral do auctor inteiramente opposto ao real, quando se baseou só sobre a obra; deste processo, na presente conjunctura forçoso, determinam-se duas consequencias: as reservas nos assertos relativos ao auctor e a predominancia do estudo da obra, em si, sobre o do auctor.

Seguindo o testemunho de Simões Dias, Alvaro do Carvalho nasceu na provincia de Tras-os-Montes, na aldeia de Argeriz, no anno de 1844, e falleceu em Coimbra em 1868, com vinte e quatro annos, portanto, ao tempo em que cursava a faculdade de direito. Essa breve vida passou-a na preocupação duma doença minaz, que teve o seu desfecho no aneurisma que o victimou. O retrato, que acompanha a edição posthuma, mostra-nos uma physionomia apoquentada, a testa em rugas, as sobrancelhas descahidas, o olhar inexpressivo, o bigode abandonado, todos esses traços que deixa a meditação pessimista. Não se póde, todavia, explicar a anormalidade mental, de que evidentemente Alvaro do Carvalho soffria, só pelo padecimento physico. Faltam-nos dados; teremos por isso de nos limitarmos a constatar essa anormalidade no character particular que imprimiu á sua obra e que nunca se repetiu na nossa litteratura. Tivemos nevroses, entre ellas a de Anthero de Quental e a de Camillo Castello Branco, mas tanto em Anthero como em Camillo, consistia, além duma deficiencia organica, principalmente na passividade com que soffriam as acções externas, nunca chegando á absoluta posse consciente de si proprios, passando a vida em suggestões e contradicções. Não soffriam duma total incapacidade de ver a realidade objectiva, na sua flagrantia; nem um nem outro era destituído do poder de pensar com logica e coherencia; a sua vontade é que enfermava, de forma que essa anormalidade psychica reflecte-se principalmente na sua conducta moral. Em Camillo surprehende-nos a justeza da sua observação, a descripção nos seus romances, e o discernimento com que conduz as suas investigações chronologicas, nos seus trabalhos de erudição; em Anthero, se não encontramos esse poder descriptivo é porque, sendo uma imaginação, na sua forma superior, abstracta, não era um observa-

tor pictorico das coisas concretas, desdenhava até a pintura; tinha, porém, a mais completa normalidade, o mais elevado senso logico a nortear-lhe o pensamento, como testemunhou irrefragavelmente nas *Tendencias geraes da philosophia*. Não succede assim em Alvaro do Carvalho, em quem a realidade era uma concepção subjectiva. Sobre disposições moraes ingenitas, o recolhimento alheado da vida quotidiana, da observação, veio accentuar essa incapacidade de ver bem e impessoalmente, essa anormalidade dos sentidos dominados pelas tendencias espirituaes, porque elle não vê completamente o que se lhe apresenta aos sentidos, mas corrige a visão com a representação que acompanha as suas tendencias. Como acima disse, a obra é o campo das nossas observações; nella vamos entrar. Faltam-nos elementos de estudo, porém a falta desses elementos — cumpre esclarecer — sentimo-la não para a localisação do character de Carvalho num elenco de anormaes pathologicos; esses elementos, a existirem, só nos importavam, para nos subsidiarem no estudo do character litterario do auctor. Faço este esclarecimento para accentuar o meu ponto de vista, exclusivamente critico. Como a obra é quasi totalmente desconhecida, resumo a acção dos *Contos*, volume posthumo, de 1876, que é quanto nos resta do auctor estudado.

No primeiro, *A Febre do jogo*, Marianno, personagem nuclear, perde ao jogo uma quantia importante, perda que importava a fallencia do pae. Em meio do seu grande abatimento, o banqueiro seu amigo, Lucio, proporciona-lhe um meio de salvação: tinha em seu poder uma quantia avultada, confiada á sua guarda, sem mais exigencia juridica, pelo lavrador P. Vassal, que vivia a duas leguas, para além da montanha, sobranceira á cidade. O dono pedira-lhe, havia pouco, a devolução do dinheiro, mas fallava-se-lhe, e se elle annuisse em esperar, Marianno estaria salvo. Restava-lhe trabalhar para pagar o emprestimo. Na noite immediata, Lucio devia atravessar a montanha, regressando com o dinheiro. Marianno passou todo o dia numa dolorosa expectativa. Surge-lhe no cerebro uma idéa criminosa, trepa á montanha, de noite, e quando vê passar um cavalleiro, desfecha a

clavina, precipita-se sobre elle e rouba-lhe o sacco; corre para casa, fecha-se no quarto e, quando tremulo de commoção, o abriu, encontrou-o cheio de miseraveis moedas de cobre, algumas de prata, em vez do ouro luzente de Vassal, que esperava. Tinha assassinado o pae; Lucio appareceu em breve com a fortuna redemptora. Segue-se uma violenta commoção cerebral — cuja forma de composição adiante será analysada — durante a qual elle — sonho ou realidade? — arrebatava o dinheiro, corre ao jogo, e vê ganhar-lh'o o banqueiro, um homem mysterioso. . . o cadaver do pae, ostentando na cabeça a ferida da bala, que na montanha o filho, pouco antes, lhe atirára. A' saída, acompanha o pae, que vae deitar-se no caixão, na eça armada numa igreja. . . Vem-lhe um delirar tetrico, accordando depois. . . em Napoles, convallescente dum ataque de loucura.

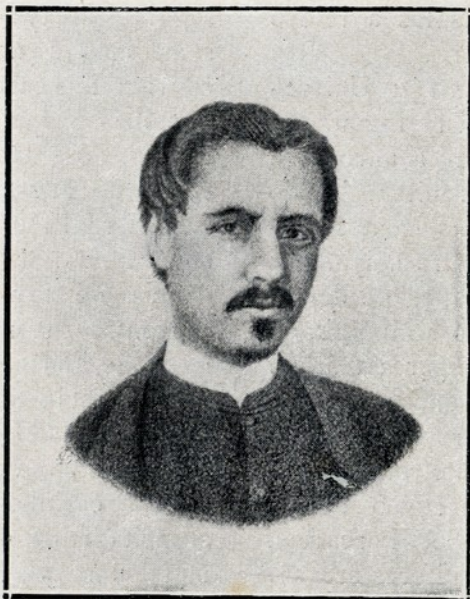
Tal é a acção, e não é facil resumi-la porque a composição é tão espontaneamente cahotica, que não se sabe onde termina a realidade narrativa e onde principia a loucura visionaria.

Chegados ao fim, tres surpresas nos colhem; a primeira, que a parte mais terrorosa do conto é uma visão, a segunda, na melhor das conjecturas, que essa visão, que suppunhamos o delirar duma noite, é o bosquejo do estado de loucura, cheio duma mesma preocupação e sem nitida contagem de tempo, a terceira que todo o conto é a narrativa pessoal dum jogador. Voltamos então a traz, e tomamos tudo, que se segue ao contracto com Lucio, por phantasia do alienado, mas um dialogo final nos esclarece que realmente Marianno matará o pae. E foi essa certeza que novamente lançou Marianno, curado, ao jogo.

O conto seguinte, *J. Moreno*, é, quer pelas analogias entre a sua acção e os escassos dados biographicos conhecidos do auctor,

quer pelo testemunho de Simões Dias, o caso pessoal de Alvaro do Carvalho.

De Coimbra sae de viagem para Hespanha o mancebo J. Moreno, avido de se resarcir de fadigas, soltando a alma em aventuras. Ainda então — no tempo de Carvalho — os portuguezes viajavam pouco e raramente além da Hespanha. Atravessa a peninsula, deixando um rasto de recordações sentimentaes, e dispunha-se a entrar pela Galliza, quando preso dos encantos de Petra, em Lugo, se demorou tão esquecidamente, que a eleição, que em Portugal, lhe preparavam foi comprometida pela sua ausencia. Chamado pelo pae, ainda, graças á cedencia da candidatura deste, conseguiu entrar em S. Bento. Desde então a sua vida foi uma sequencia de triumphos na politica, no mundanismo e nos amores facéis. Em breve esqueceu Petra. Assim viveu embalado de glorias — que Alvaro do Carvalho não diz quaes sejam, tão grandes que não as atingimos — até ao dia em que, instado, um medico lhe communica que sofre dum aneurisma. Cae num desalento desesperado, que a morte do pae vem ainda augmentar. E' então que lhe lembra Petra, como um balsamo. Parte para Lu-



ALVARO DO CARVALHAL

go, casam. . . e morre nos braços della, na noite de nupcias.

Tambem neste conto não faltam elementos da morbida phantasia do auctor, que todavia elle quer fazer entrar no ambito do verosimil, pela coincidencia entre um sonho e alguns factos reaes. Vejamos. Quando se retira para o seu solar, J. Moreno passa os dias e as noites numa grande agitação. Uma noite, dormindo, sonha que o pae — já morto — vem, tiritando, gasalhar-se ao lume do fogão, enroscando-se mirrado aos pés delle; accordado reconhece que é o corpo adormecido do cosinheiro, que ficando de véla ao amo, cedêra por fim ao somno. Ou-

tra noite, sonhára que ia escrevendo com a ponta duma lamina metallica sulcos sobre as cinzas do fogão, sulcos que depois se coloriam duma phosphorencia pallida. Afiguraram-se-lhe caracteres cabalísticos, uma tentação do demonio. «O espirito promettia ao enfermo um cauterio redemptor, á custa de ominosa convenção.» Invoca uma mão supremamente poderosa que o salve. Apparece-lhe Satanaz, faz-se o pacto; J. Moreno toca um pergaminho, immediatamente ahi apparece o seu nome a fogo, depois Satanaz, com a unha molhada em sangue da ferida, que com ella abre na testa de J. Moreno, lança no pergaminho as clausulas do contracto. Accordando, J. Moreno corre ao espelho; tinha a testa ferida . . . mas o ferimento fizera-o num dos ornatos a relevo da cadeira, em que adormecêra.

Segue-se o conto *Honra antiga*. Um velho alferes, das guerras civis, vingou, segundo a sua noção de honra, a affronta a elle feita por sua filha, Petronilha. Vendo que ella resistia a todos os casamentos propostos, impõe-lhe um villão para noivo, mas Petronilha, perdendo a esperanza de demover o pae, opta pela confissão ao indigitado marido do obstaculo que os separa; tem um filho de um conde das visinhanças, a quem ama. Retirando-se, o villão repete tudo ao veterano. A' noite, quando Petronilha, em sobresaltos, esperava no quarto o conde, apparece-lhe o pae. Depois de altercarem, ouvem os passos do conde; o alferes arrasta a filha para o interior e mata-a com a durindana das luctas civis, volta ao quarto e, após ligeira hesitação entre o dever e a commoção, ás escuras, brande a espada e despedaça o craneo do conde. Reuniu os cadaveres na cama, em que tinham noivado, e foi offerecer-se á justiça. Desde então a mulher do alferes, «quando é mais lauto o jantar e maior o numero dos convivas, conta, entre o sobremesa e o café, com orgulho de leôa, como na sua familia se castiga uma affronta». E conclue, digressivamente, sobre a relatividade da noção da honra, procurando por ella justificar o alferes.

O conto *A Vestal* é brutal de sensualidade, que ahi attinge o supremo grau de imprevisão. L. Gundar, viajado e um pouco sceptico, de visita a uma tia, surprehende na prima infantil, que annos antes deixára, uma

encantadora mulher, curiosa das suas viagens, simples, que contrastava singularmente com as que até então conhecêra na roda viva da sociedade. E ama-a. Passeiam, dão-se as mãos, beijam-se livremente; mas o seu amor parece entristecer, encolerisar por vezes um rafeiro antigo, Niger. Na cidade, contando o seu subito reviramento de crente no amor, a um amigo, Fausto, homem de vida mysteriosa, ouve as mais aterradoras prophcias, porque para Fausto a simpleza ingenua de Florentina não é mais do que calculo. E conta um episodio da mocidade, em que foi protagonista a mãe della, que não será por isso falta de argucia no guiar a estrategia da filha. Fausto promette ir á sua bóda, mas morre no dia seguinte de tysica. Gundar e Florentina casam, mas á hora dos brindes chega um conviva inesperado, Don Pablo. A Gundar semelha-se que é Fausto, o espectro de Fausto. Só então reparou na estranha parecença de Fausto e de Don Pablo. O casamento realisou-se assim, sob apprehensões aterradoras. L. Gundar, desdenhoso da ardençia de sangue da mulher, estabelece aposentos separados. Dahi tambem um começo de afastamento moral, em pouco, por consequencia de mal entendidos e de suspeitas, tornado quasi incompatibilidade. Don Pablo visita a casa com frequencia e é recebido carinhosamente por Florentina. A suspeita mina o coração de L. Gundar. Simula uma viagem, mas a pouca distancia retrocede, e, occulto, observa que o amante de Florentina era... Niger, o cão ciumento que os seguia, rugindo, quando em solteiros elles se passeavam pela alameda, de mãos dadas. Mata o cão, cospe sobre a mulher com desprezo e desfecha contra si o revolver.

O *Punhal de Rosaura* mais ainda exacerba o horror tragico, que no ultimo conto, *Cannibaes*, attinge a extravagancia duma concepção morbida. Everardo roubára á familia a mocidade querida e bella de Rosaura, de quem fez sua amante, desdenhando-a, após os primeiros entusiasmos. A sua vida solta de orgia a tal ponto alheára de si o coração de Rosaura, que, pouco a pouco, o remorso, o arrependimento, as saudades da America distante, donde era natural, fôram acudindo. E um dia, em seguida a uma dis-



CARLOS REIS — DECORAÇÃO DA SALA DAS FESTAS DO PALACIO DO BUSSACO

cussão vehemente, ella procura um refugio no suicidio; mata-se com um punhal. Um só homem testemunhou o seu fim, como testemunhára a sua vida de soffrimento, o escravo Antonio. Na Europa, viajava um irmão de Rosaura, Lorenzo del Giocondo, a quem Antonio communica a morte de Rosaura e entrega o punhal. Desde então Lorenzo só para um fim existe, vingar a familia desolada, vingar a irmã perdida. Persegue Everardo, e uma noite, num baile em Veneza, aonde elle fôra na variedade multipa dum viver ao acaso, encontra-o; mascarado, deixa-se cortejar, soccorrendo-se da feminilidade gracil do seu rosto, disfarçado ainda pela mascara, arrasta-o a um palacio em ruinas — todo o scenario é tristonho e sinistro! — onde o faz embriagar, e quando Everardo, curioso, ancioso, lhe supplica retire a mascara, mostra-lhe um rosto cadaverico, algido, onde Everardo descobre as feições de Rosaura morta. Exanime cae, e, quando torna a si, vê-se sobre a campa raza da sua amante. Desordena-se-lhe o pensamento, confundem-se-lhe as recordações, o cynismo requinta, a voluptuosidade do vicio torna-se-lhe o estado constante. Finalmente, uma noite, numa taberna, um mancebo entra e desafia-o: um empurrão apaga o velador, e um duello sanguinolento, um atroz duello de morte se trava na escuridão. Dahi a pouco abre-se uma porta, sahe o mancebo Lorenzo, e pela luz que entra, os convivas vêm estendido no chão a Everardo, com um punhal atravessado na garganta, o mesmo com que Rosaura trespassára o seio.

No ultimo, nos *Cannibae*, feriu a nota mais alta da inverosimilhança, da extravagancia e do artificial arranjo litterario, tão frequente em quem escreve idealizando emoções de segunda mão, colhidas indirectamente dos livros. Através das salas de baile e dos banquetes, duas personagens se passeia triumphalmente, ambas em meio da maior surpresa, admiração e curioso interesse. São Margarida, cuja belleza e cujo desdem por quantos lhe tributavam graças lhe tinham dado certo renome, e o visconde de Avelaneda, cuja fortuna, cuja melancholia e uma gravidade serena e tristonha o aureolavam com o prestigio fatal do mysterio. Casaram-se, mas toda a festa decorreu sob um veu de tristeza, de receio, que provinha da re-

serva melancholica do visconde, que nem nesse dia mudára, e de certas palavras syllinias, que Margarida lhe ouvia e que a deixavam num vago receio oppressivo. Uma terceira personagem, D. João, ardendo em ciume desesperado de pretendente desdenhado, no dia da bôda, mais accentua essa oppressão de temor, com um brinde ironico. Por ultimo, os receios de Margarida precisam-se, concretisam-se. Na noite do casamento, Avelaneda não corre a abraçá-la; encostado a uma poltrona, diz algumas palavras geladas, e em seguida, ante Margarida aterrada, *desarma-se* nas varias, complicadas partes que o compunham; é que o visconde era um aborto estupendo, um tronco e cabeça sómente; os braços, as pernas, os dentes, o movimento tudo era um artificio mechanico. Margarida foge espavorida para os jardins, onde cahe exanime, e o visconde, querendo chegar a um frasco de fulminante acido prussico, rola da poltrona, sem o conseguir, indo tombar sobre as chamas do fogão, que logo o envolvem e vão carbonisando. Na manhã seguinte, o pae de Margarida, vendo como tardavam e que a porta do quarto só estava encostada, entrou: logo um cheiro de carne queimada lhe despertou o appetite voraz, e vendo a carne ardendo ao fogão, explicou a ausencia dos noivos e a carne a arder pelo pendor para a excentricidade, que sempre conhecera no visconde. Chama os filhos, e, devidamente apetrechados, começam trinchoando e comendo na parte superior da carne, a menos tostada, não sem estranhar o seu gosto insulso. Entretanto um tiro os chamava ao jardim; era D. João, que do alto duma magnolia, assistira, por uma janella aberta, á estranha scena, e que assim punha termo á sua vida de desvários, no momento em que pela primeira vez um capricho seu se malográra. Da sua bocca moribunda, o pae e os irmãos ouviram a narração horripilante, e soubéram que, como cannibae, tinham comido da carne do visconde. A' sua consternação, porém, surge um consolo efficaz; eram os herdeiros legitimos do riquissimo visconde. Tal é a moralidade da historia, conclue Carvalhal.

Seria insensatez, ao fazer algumas observações criticas sobre o escriptor incipiente,



morto quando apenas produzira os ensaios referidos, applicar-lhe qualquer criterio absoluto, que esquecesse essa circumstancia e a de que a inverosimilhança e a estravagancia são fins procurados, intencionalmente, pelo escriptor.

Quanto se pôde extrahir da leitura morosa dos *Contos*, Alvaro do Carvalho, posto que contemporaneo da geração que em 1865 mostrava uma disposição moral de rebeldia contra o crêdo litterario reinante, era um romantico retardario, mas já da decadencia, quando os caracteres proprios do romantismo deixaram de apparecer implicitamente, mas foram, de intenção proposital, repetidos, numa crescente artificialisação. Ha nestes contos um evidente predominio da forma sobre o fundo, uma forma que é mais fim de que instrumento de arte, ha tambem um divagar da phantasia, á solta, longe da verosimilhança, mais ainda da realidade, mas nessa forma procurada e nessa soltura da imaginação percebem-se a insinceridade do auctor que, friamente consciente dos processos litterarios da sua epoca, se apossa delles e os utiliza, procurando assim o effeito almejado e supposto seguro. E' que nas escolas de arte, succede o mesmo que na vida individual; a repetição facilita o acto, automatiza-o; sómente, emquanto no viver quotidiano esse automatismo é uma commodidade, uma economia de tempo, um progresso de destreza, é, em arte, a decadencia e a uniformisação crescente das obras, a perda do essencial character pessoal, é o resvalar para a frieza insulsa.

Tal é a explicação psychologica do gongorismo que, documentada, apresentei numa monographia critica (1); tal a explicação da decadencia de todas as escolas; os caracteres essenciaes vão avultando successivamente, emquanto os menos evidentes se vão obliterando, esses predominantes codificam-se em regras, que ás vezes chegam a ser ministrados em receita, como nas antigas Poeticas, ou estão objectivados na mente do artista, chame-se-lhes *maneira, estylo* ou *processo*. Dahi á morte é um passo.

Tambem o romantismo teve essa phase.

de artificialisação, e entre nós com relevo especial, visto que, morrendo sem dar sequencia a um credo litterario novo, morrendo, mas não transformando-se, como em França, essa decadencia perdurou, por mais tempo, como noutro logar se mostrará. Este asserto, de suppôr uma continuidade evolutiva de escola a escola, nada tem de aventuroso, visto que a observação constata que, por exemplo, a passagem do classicismo ao romantismo, do romantismo ao realismo, quasi se pôde explicar por uma desproporção no equilibrio dos varios elementos constitutivos do primeiro. Assim, o lyrismo que no classicismo mal se affoitava por entre a litteratura impessoal triumphante, vae avultando a ponto de sobrepujar esta e tornar-se feição primacial no romantismo. Depois, a verosimilhança, a possibilidade, que tinham sido sempre um bordão da litteratura, tornam-se preocupação exclusiva, e surge o realismo. O que é necessario é explicar causalmente esse evoluir, e é isso que nos dá a consideração dos factos historicos, circumstancias sociaes, os auctores e os accidentes, maximamente repetidos em historia. E' justamente Carvalho um esquecido exemplo desse estadio da decadencia do nosso romantismo. Leitor de Shakespeare, Goethe, Musset, Victor Hugo, Espronceda, Alvares de Azevedo, Filinto Elysio Hoffmann e Poe, elle imitava não a natureza, embora vista através dum crêdo litterario, mas estes auctores, combinando esses elementos tão disparres por uma forma pessoal.

O seu modo de ser moral deu-lhes aspecto novo, fazendo que dentre os tardios imitadores romanticos, elle se destaque com certo cunho pessoal. Vejamos. Noutro lugar, affirmei convictamente o que segue, traduzindo em formula, o que atraz expús: «E eu creio mesmo... que a evolução das litteraturas modernas pôde ser resumida nesta formula, um successivo alargamento do bello. Na verdade, para um classico só era bello o que era normal, o que era do seu tempo, e até em França, de Paris. Duas crianças, que figuram no theatro classico francês, Joas e Louison, levantaram grande celeuma. Para um romantico é bello tudo que excita a imaginação, portanto toda a natureza externa, pictorica, e todas as manifestações da vida, que dêem uma sensa-

(1) V. *A Critica Litteraria em Portugal*, volume II da «Bibliotheca de Estudos Historicos Nacionaes», pag. 40 e seguintes.

ção de belleza; compraziam-se em aureolar as creanças e os animaes. Para um naturalista, até o anormal, até o pathologico.» (1) Ora o cunho pessoal, a novidade, que eu encontro nos *Contos*, de Carvalho, é este alargamento do ambito dos motivos litterarios, do bello. Na *Vestal* e nos *Cannibales*, pôs na téla litteraria assumptos, que um verdadeiro romantico português repugnaria. Não se diga que foi isso influencia do realismo francês, melhor diriamos de Zola, visto que Flaubert nos não dá o menor exemplo dessa preferencia por themas crús, uma donzella que ama um cão, alguns homens que comem um parente. Zola começou a publicação dos *Rougon Macquart* em 1871, quando Carvalho era já morto. Portanto, ainda que a crueza e a excentricidade de Carvalho façam lembrar *La Terre* e *Thérèse Raquin*, temos de explicá-las pela sua propria feição litteraria, como em França, noutras proporções, se faz para Théophile Gautier. Também não é uma previsão, visto que, nesse caso, ficaria em contradicção com todos os outros caracteres, por vezes accentuadamente românticos, dos seus contos, como por exemplo a falta de localisação das acções e de indicações biographicas das personagens. Raramente se sabe donde vêm, quem são, raramente ainda se conhece o seu nome completo. Nenhuma psychologia, sómente um caracter geral, uma maldade cynica, domjoanesca, um enfartamento de desvario, de orgia, de amores faceis, que conduz ao amoralismo. Também os seus quadros, imprecisos como são, abstractos recortes, que a ninguem, realmente, se pôdem referir, a nenhuma observação directa, a nenhuma emoção vivida, não têm fundo; não ha multidão, essa multidão que turbilhona na vida, no ultimo plano dum qualquer quadro pessoal, essas necessarias personagens secundarias e secundarissimas, que vêm pormenorisar, trazer verdade. As mulheres são sempre, áparte ligeiras variantes, como a que retrata, a pag. 226: «Rosaura tinha na physionomia sympathica a perfeita manifestação da sua alma ardente. Era uma natureza extraordinaria pelo complexo de

elementos variados e oppostos, que a constituíam. Nobre orgulho; imaginação febril, facil em exacerbar-se na criação de impossiveis, de phantasmas e de terrores; desvairada impaciencia no aspirar para o desconhecido, proprio das organizações vehementemente nervosas e sensitivas; quanto ha de mais dôce e pudico na virgem, temperado indescriptivelmente com um tanto da libidinosa soltura da peccadora: taes as qualidades, que davam relevo a esta creança original. Nada mais selvagem no ciume! Em cada ondulação do peito encapellavam-se tempestades; mas tempestades, que um singelo carinho meu tinha o condão de esconjurar.»

Eis como retrata Petra, do conto *J. Moreno*: «Esbelta, bem torneada, fresca como uma açucena, leve e travessa como uma phantasia airosa, Petra irradiava luz, animação e jubilos em torno de si.

«Ninguem melhor do que ella, nem com mais subtilidade de donaire, rojava a seda abundante d'um vestido, ou se envolvia no estofo transparente do seu pequeno chale.

«Ninguem com mais primor levava os dedos pelas teclas d'um piano, ou entoava com mais vibrante e maguada voz alguma canção do seu querido Trueba. Se, porém, num sentimento agudo de tristeza, fallava de olhos baixos, rubra a face, em borbório manso e lamentavel, como arrulho de amorosas pombas, da estreiteza de scena a que as egoistas sociedades se apraziam em condemnar a mulher, eu não sei como não fremiam os astros em unisona aclamação. Cada syllaba era uma nota perdida da infinita harmonia, que, ferindo a um tempo no ouvido e no coração, lançava J. Moreno em torporoso desmaio.

«Uma camelia purpurina e fresca, como seus labios, precisamente moldados pelo quilate da tentação, constituia o adereço predilecto da negrejante coma de Petra.» E por toda a parte descrições identicas, sempre a «magnificencia de contornos acabados, frescura, colorido, rijezas de carnadura e decididas aptidões para attingir a maternidade». Como se estava longe dos termos idylllicos de Garrett e Herculano, da mulher sonho, a Joanninha do Valle de Santarem e as personagens femininas do *Monasticon* «intermediarias entre o ceu e a terra», das bran-

(1) V. *Herculano — critico, poeta e romancista*, terceira conferencia da serie official, Lisboa, 1910, pag. 5. *Boletim da Sociedade de Geographia*, abril.

Arte portuguesa



CARLOS REIS — DECORAÇÃO DA SALA DAS FESTAS DO PALACIO DO BUSSAGO

cas e timidas castellãs dos dramaturgos historicos.

Outro caracter accentuadamente romantico é o idealisar a Hespanha, como paiz do amôr, paiz da forma e da côr, que satisfazia a preferencia do exotismo dos primeiros romanticos. Mas emquanto naquelles essa preferencia era uma consequencia dum estado moral de inadaptação, de descontentamento, era um exotismo sincêro, em Carvalho é já uma herança tradicional, cuja origem psychica, cujo significado se perdeu. Por toda a parte se revela a mão do auctor, mexendo as personagens, explicando-as ou divagações e commentarios inopportunos vêm truncar o fio, tirando á composição aquella unidade, aquella impessoalidade que é um dos alvos a attingir.

«A mina tem sido explorada por numerosos alchimistas de sensações fortes. A mim, com pena o digo, cae-me a penna da mão. Mas já que vim coxeando até aqui, coxearei um pouco mais. Permite, leitor.. » (*Punhal de Rosaura*, pag. 260.)

«D'onde conluo, aqui entre parenthesis, que o systema nervoso das senhoras é mais melindroso do que o do leitor, que, certamente, não vê motivos de susto. Possa a descoberta ser de proveito á sciencia.» (*Cannibaes*, pag. 284-5.)

«Através das janellas abertas viu a lua no céo, *infallivel em taes casos*, e viu tambem a folhagem compacta do laranjal, recendente ao sopro ligeiro da embalsamada viração.» (Id., pag. 292.)

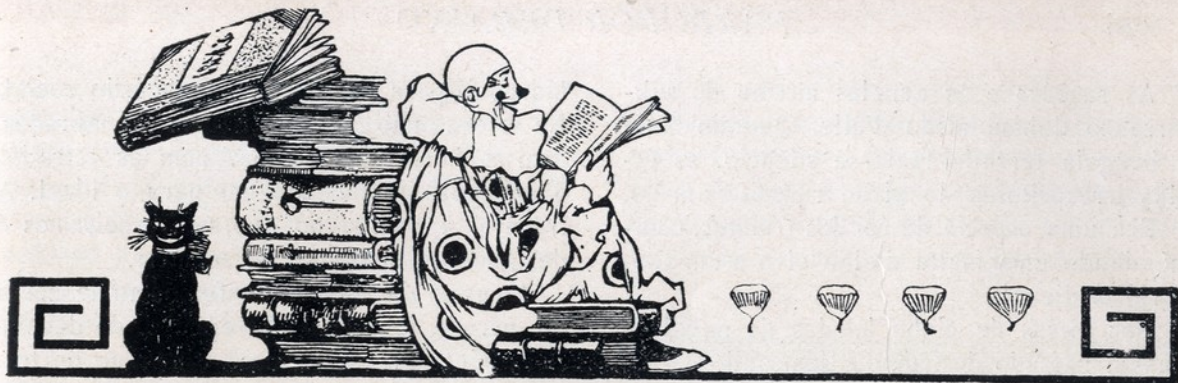
O amor, que as suas personagens sentem, é sempre um amor instincto, um amor que irresistivelmente impelle á posse; só para elle vivem, e, quando o capricho se desfaz contra um obstaculo insuperavel, partem o craneo com uma bala, como D. João nos *Cannibaes*. O proprio Carvalho seria um sensual, segundo se infere desta preferencia, e o prefaciador do livro, Simões Dias, que o conheceu, o affirma. Por toda a parte nas descripções, põe um cuidado particular nos perfumes e nas côres; os convidados rebrilham de joias, as mulheres decotadas, as mêsas com as melhores iguarias e os melhores vinhos, muitos cristaes e muitas flo-

res; na boda de Avelaneda e Margarida, nos *Cannibaes*, os convivas bebem por copos de ouro.

Como Carvalho não idealisava os dados reaes da observação, é claro, é logico concluir que as suas descripções nunca têm independencia pictorica, e são sempre uma repetição de elementos fixos, da costumada scenographia do romantismo: por isso a natureza raro figura nos seus contos, e sempre como retoque ao fim desejado, um reforço de côr para produzir o effeito procurado.

Quanto á composição, conseguiu — exceptuando o primeiro conto, *Febre do jogo*, — sempre marcar as gradações principaes da acção, evitando prolixidades e até pondo, envoltos no dialogo, certos esclarecimentos sobre ella. Mas o dialogo é artificioso, muito litterario, por vezes um torneio de argucias, sem nenhuma significação psychologica e, quasi sempre, desacompanhado daquelles pormenores de gestos, de expressão physionomica, de attitudes, que o definam, o precisem. E no estylo desse dialogo, a cada passo, se encontram reminiscencias filintistas, no acurado purismo syntatico e no aspecto antigo, sem que a expressão ganhe: «lam estes de vagar, com muita quietação, em companhia d'uma apavonada moçoila que, num cestinho á cabeça, levava acipipe *de que fazer* no monte appetitosa merenda.» (*Honra Antiga*, pag. 143.)

Após esta summaria enumeração dos caracteres, que julguei primaciaes na pequena e esquecida obra de Carvalho, uma pergunta nos acóde: que se tornaria esse escriptor, se não houvesse desaparecido tão cedo? Ou condescenderia, com contrangimento, soffrendo disso a sua obra, como succedeu com Camillo, de 1871 em deante, ou morreria litterariamente, com a mesma prematuridade com que morreu realmente, é o que parece poder-se inferir da sua obra. Romantico retardatario em 1868, mais retardatario seria após essa data, por que a sua anormalidade psychologica, se marcou duma maneira pessoal a decadencia romantica, não lhe dava garantias de exito noutra crêdo litterario.



# Paris por debaixo

(Impressões dum bom homem)

**E**u fui, áquella hora, surprehender as naiades de Jean Goujon na calma selvagem do square, veladas, no langôr dum beijo vencido quando quiz transpôr as portas do infinito. Ellas tinham a graça fluida da neve, da nuvem e do vapor subindo por cordas ao céu descendo por cordas á terra. E na velha *Fonte dos Innocentes* disseram-me:

— Nós somos o abandono, o bom humor dos deuses, a chimera menos chimerica da terra! Ao pé de nós és bem miseravel, oh Hilario Barelhas, com ideias, cólica e a necessidade de apodrecer um dia!

Fugi á desinvoltura ironica das ninfas atraz da minha malta. Proseguia-se á caça artistica do *apáche*, da *piereuse*, dos noitibós das baiucas.

A dois passos dali grandes letras chamjavam: *Caveau des Innocents*. Conhecia aquella taboleta de longa data, desde a primeira caravela carregada de capa e espada, que aportou a Lisboa, atravez de Ennery, Capendu, Montepin, Ponson, todos os sarrabulhos a punhal e polvora. As novelas punham-no no alto da pagina e — meninas e donzeis — metiamos por ali abaixo á desfi-

lada, atraz da apostrophe justiceira: *morre infame!* E ficavamos todos a sonhar com Rodolpho, Flór de Maria, o bom Rocambole antes e depois do chocolate.

O estabelecimento começava por um bar em zinco, limpo e honrado como todos os bares de Paris, cheio de copos e duma mulheraça loira. Descia-se na lura dum rato para um corredor afflictissimo, cinco metros debaixo da terra, e á direita desaguava-se no *caveau*, negro, de pedrá bruta, quatro vãos de pilastras comprimidos sob seis andares. As paredes estavam riscadas de caracteres, de milhares de mãos em centenas d'annos, hieroglicos, barbaros, raivosamente *ceci' tuant cela*.

Fervia lá dentro a algazarra. No primeiro compartimento havia apenas garrafas vazias de cerveja e dois *sergents de ville* sabrados e empistolados. No segundo sem ninguém, abancamos nós, e nos outros a moíná arraiava, meliantes de Steinlen e Toulouse de Lautrec, um piano excomungado e o cançonetista um pedaço d'homem como nunca vi na minha vida. Tinha estatura de granadeiro e voz de tambor, cóxo, e a sua testa não era menos imponente que a dos toiros do palacio d'Artaxerxes.

As rascóas e as arnelas mesmo do subterraneo tinham medo d'elle. Quando batia a bengala ferrada fazia-se silencio, as telas irrespeitosas do piano respeitavam-no.

Era uma especie de rei dos *truands*, comandando uma malta d'olho vivo n'um scenario medieval.

Nas mesas de pinho hordas de navalhas tinham passado destruindo, semeando caprichosos arabescos como vermes na madeira

Marconi para se chegar ao acôrdo social. Na treva não se distinguem os abraços, nem a horta da vizinha, nem as estradas d'amargura que conduzem para o ideal. A treva é a paz, e do que nós precisamos é de quietude mais que de sciencia.

Atravez da nuvem de fumo, numa bôssa da parede lobriguei um ephebo, de dezoito para vinte annos, formoso e moreno de tez.

Ao pé, um senhor de chapéu alto, burguezmente paternal, afagava a barba loira. As mulheres catrapiscavam o mocinho e o nababo pareceu-me que tinha por isso o ar contente.

Em volta a cafila biva-cava, homens de todas as edades e de todas as condições, taciturnos uns, barulhentos outros. Havia lá um velhote que pagodeava ruidosamente debaixo do chapéu espaçoso duma *montmartroise*. Uma theoria de rufiões jogava a manilha.

Entre aquella gente encontramos os archetipos do mundo birbantão que atulha as vitrinas dos *marchands de tableaux* desde a Rue Chateaudun ao Boulevard du Montparnasse. Eu tenho a curiosidade das coisas novas como os antiquarios a paixão das coisas velhas. E' por isso que interessadamente tenho

espionado os passos dessa arte vigorosa e incisiva de Steinlen, Toulouse de Lautrec, Leal da Camara, Metivet, Forain, Gris, que anda pelas betesgas e *guinguettes* á caça da linha-mater das samaritanas, o poiso variado das *grues*, o rictus revelador do farçola e do valdevinos. Não creio evidentemente nas miserias e nas infamias que o lapis didactico desses artistas nos vem revelar. Deante de mim ahi estam os modelos, nem deitam lume pelos olhos, nem se arrancam metade do lábio quando se beijam. Diverte-me essa arte mas julgo-a perigosa. E' a revolta que começa pela ima-



«LA BANDE A BÉBÉ» — A BISCA DA MOINA

(Leal da Camara.)

doce. Em volta havia algumas innocencias legiveis, juras honradas de patifes:

— *Mort aux vaches! Gaston crevera la gueule à sa bourgeoise. Vive la sacrée bou-bance! Cré nom d'un chien abas la rousse. Pierrot. Marinette — Ferfampier des halles.*

Notei que geralmente não havia erros orthographicos nas inscrições ociosas dos muros. A moina hoje em dia sabe ler e escrever como as pessoas que tiveram tempo e dinheiro de frequentar a escola. Isto vem confirmar a these obscurantista de Rousseau e do cardeal de Molinos. E' preciso apagar a luz electrica e partir os aparelhos de

gem, o chamariz dessa gente afogada que grita pelas barricadas e vai para as barricadas. Não obstante eu gosto d'elles, dos *goux* de Steinlen, dos rufiões de Leal da Camara, das estapafurdias de Toulouse. Fazem-me amar melhor a arte da linha pura, o lotus elegante das mulheres de la Gandara, Jean Flamand e seus retratos a 100:000 frs., hyperquintessencia do chic e do tom, Baldini e as roupagens que o seu pincel cuida, etiqueta e alfineta como um armazem da Rue de la Paix.

Dando aos olhos este contraste do rôto e do *fashionnable* atinjo o requinte da sensação. Foi Pepe que me ensinou, o mestre que encontrou o valor das sombras nas alegrias claras da vida. Detraz do cançonetista havia toda esta fauna dos artistas, rufiões de casquete, mancebas pintalgadas, *mectons*, parodias da taful e sempre chorada *Casque d'Or*. O nariz petulante das *rouquines* atemorizava a santidade humana.

Depois da *Cogne dur* o aristophanes bateu o chão com a bengala. Fez-se silencio, o cigarro adormeceu entre os dedos das mulheres. Em voz ribombante elle alçou a sua canção triste. Era uma catapulta ás marradas a uma fortaleza.

Mas a voz adoçou-se, chorou:

—La nuit, vous les pauvres catins,  
Que faites-vous dans la brume  
Lorsque les bourgeois rupins  
Dorment dans leur lit de plume?

Les catins ont repliqué:

—D'amour nous sommes les pauvr:sses  
Et nous vendons du chiqué  
Notre chair et nos caresses.

O Marialva não gemia melhor á porta da Severa, nas ruelas estreitas, onde os reposteiros brancos dos alcouces coavam sangrias da luz, e gatos assassinavam gatos. Em seguida o estribilho ressoou nas estreitas abobadas, soltado por cem goelas tremulas.



«LA NOCE DES PETITES GENS» — PANDEGA FADISTA

(Steinlen.)

Cada vez mais vehemente uma barca que se afundisse de virgens loucas não abalaria mais meus nervos ordeiros:

Pendant qu'les femm's des rich's ont de jolis amants  
Et des âm's pour ell's seul's auxquell's d'autres s'attachent,  
Nous somm's les mô'm's des mecs, nous les pauvr's coeurs errants,  
N'ayant d'espoir qu'en toi: Notre-Dam' des Apaches!

A noite de Santa Valpurga não poderia ser mais impressiva que a sugestão morbida da cançoneta. Cobrindo o chapéu fiz saltar um luiz anojado na mesa bichosa da

tavolagem. Ratzau, porem, caiu sobre o meu dinheiro apopleticamente:

— Oh! homem, pois você puxa assim por *poignon* numa espelunca d'esta? Valha-o Deus! Está tudo pago, veja a taboleta: *pedese o favor de pagar no momento da entrega.*

Acolhi-me á sombra protectora dos policcias e fiz correr a cerveja na quadra vazia. Elles deram-me pancadinhas no ventre e falaram-me ao ouvido:

«Aquillo não era mau, papo bem regado

vores a Deus, os braços dos meus abegões sam tesos e as minhas juntas de bois põem o ramo no Trancoso. Alma ao largo, *ca-veaux*, apaches, berros de meu mano atraz do arado, cocotes sarapintadas, *omnia bona quaecumque sunt!!*

\*  
\*  
\*

Saint-Eustache passou-nos á esquerda, embrulhados na sombra os zimbórios, a pasmaceira dos evangelhistas, o transeptum esmagando a casaria como o cotovelo dum monstro adormecido. A flexa aguda desaparecia num céu em braza, a cabeleira de noite de Paris escorrendo lama e oiro dos reveberos.

Logo adiante as *galderias* surgiram dispersas, intanguidas, tilintando o tacão de celuloide sobre o asphalto. Já tarde e noite agreste as portas dos *bistros* tresnoitados desenrolavam-se plangentemente.

Metemos pela Rue de la Grande Truanderie, primitiva e aziaga, do tempo estreito dos prebostes. Ao cabo de metros o anjo Gabriel piruetou sobre as nossas cabeças, branco em campo vermelho como um pagem de Valois na saia duma açafata. Ao vento a taboleta rangia desesperadamente.

— *L'ange Gabriel* — disse Ratzau; por aqui passou e por aqui passa toda a pandilhagem de Paris. Muito pitoresco noutros tempos, não havia noite que ahi não fosse espotejado um gajo.

Hoje não presta, os facinoras perderam a dignidade profissional. Nem vale a pena subir.

Seguindo, seguindo sob o molinheiro cortante desembocamos nas Halles. O grande povo da aurora despertava. Para ali vinha dos quatro pontos, até da Algeria, com os seus comboios de viveres, as carroças celticas atestadas, cheio de nitridos, de cantares de galos, de tamancos, de vozes asperas da montanha. Sob a enorme carapaça de zinco, cortada de ruas, de columnas, de pavilhões,



«LA VALSE CHALOUPEE» — A DANSA DOS APACHES  
(Giris.)

e o estrangeirinho nunca deixava de lhes untar as unhas. De tempos a tempos lá se esfriava um meco, mas maus bocados trincam-se em toda a parte, mesmo a guardar o portão de Madame Steihnel.»

Depois veio uma revoada de moças cujos olhos nadando nas orbitas negras do *baton* eram amacacadas miniaturas de Saturno, o astro esbandulhado. Paguei *bocks*, *sandwichs*, *grenadines* e fui rei, americano, *côcô*, *gigolot*. Espatifei luiz e meio mas, lou-



descarregava o alimento dum dia para tres milhões e meio de estomagos. Em olta havia um rugido crescente d'açude; a confusão ordenava-se, a teta da terra esborrachava-se para ali infinita e multicôr, vermelha das cerejas, loira dos pecegos, musical do cantar dos galos, a pingar sangue dos bois esquarterados.

Os *homens fortes* vinham cambaleantes de somno dar palmadas no ventre das pilécas; e retiravam com uma carroça aos hombros como os atlantes; direitos, o chapelão sobre a nuca parecia o resplendor largo dum martyr medieval.

O monstruoso ventre de ferro ardia de luz electrica. As vagonetas, os vehiculos, as braçadas, as aboboras, os homens, marchavam, ganiam, rebolavam-se mas concertadamente como se uma grande batuta invisivel presidisse do alto, regesse sobre todos aquelles movimentos uma ampliada e feerica *marcha dos Trolls*.

Alacrememente eu entoei a ladainha da ordem da desordem, a simplicidade de Deus sobre o chaos. Aquelle hangar era maior que a minha aldeia, ia banquetear naquelle dia milhões de bocas em que estava comprehendido o boulevard, Fallières, a minha Helia e eu. Eu, a minha Helia e o presidente comeriamos dali á tripa fôrra, do melhor e do mais caro. E não obstante não tinhamos arroteado a veiga, rezado sobre os batataes em flôr, seguido de olho alerta o pintor na vinha. O menu da nossa mesa seria discrecionario, frases lindas de peixe e carne, e não sabe-

mos quantos mezes levam as cabras a parir, o repólho a crescer, e a geada preocupa-nos tanto como a guerra nas republicuetas americanas. Fartarmo-nos-hiamos á barba longa até o arrote, a mãosinha da dama arredando o pudim numa frase implorativa, uma reluctance lirica de ventre empanzinado.

Perfeição, tu és isto, este machinismo apurado de vinte seculos que leva as peras a quem as não colheu, concerto tacito das

coisas, preestabecida harmonia de Leibnitz!!

Não é preciso cavar, estrumar, ordenhar as cabras para se ter indigestões; em absoluto não é preciso moer-se a gente com coisa alguma; basta ser-se bonito como Helia, possuir um morgadio como o meu que vem dos tempos dos Reis Górdos com um companheiro d'armas de Geraldo-sem-Pavor Bondade dos seres! Eu refletia assim entre as cebolas, sobre uma montanha loira de tomates. E, como Junqueiro, eu quiz elevar uma oração



«LE MARQUERAU DES HALLES» — O RUFIAO DAS HALLES

(Ricardo Flores.)

bem pura e pantheista aos feijões, ao hilo dos legumes. Feijão santo, santo, santo tres vezes, que me alimentas, me alegras, me fortaleces e nem te semei, nem te reguei, nem te mondei, nem te descasquei. Devorarte-hei!

Mas sob o sópro tremendo das halles á minha inspiração misturava-se o suór do camponez, o detrito esternutatorio e piolhento das galinhas.

Os comboios descarregavam sempre. Vinham com o seu camponez budico e o cão sclerte das verdes alturas de Pantin, das

incommensuráveis distancias da margem esquerda. As pequeninas vendedeiras mistura-

— *Deux sous la botte de navets, de carottes, deux sous!!*

Passavam arcas de Noé com animaes domesticos, rangentes, frementes, a banda de clarinetes dos bacoros, a alvoroçante gaita de foles dos patos, a brancura silenciosa dos coelhos caeseiros. Uma gaiola veio rolando riscada de mil côres, abalada de mil clarins de galos. Alguns dos cocoricós eram uma ecloga: elles cantavam a mão larga duma camponeza, a volupia recente dum amor de franga.

Elles lá iam para o grande ventre, inundado da luz, repartidos dali para o ventre pequenino e escuro do homem. Em tórno os dentes rangiam, mulheres caiam debaixo das vagonetas, rapações lestos ataçavam velhórros pesados.

Andava no ar o vomito das coisas mortas, dos detritos, o humor acre das hortaliças espremidas, a banha fétida daquellas bestas d'homens. O perfume do meu lenço dissipava-se como um bôlo numa alcatêa de famintos.

Os cães, os gatos, as cocotes, Helia, as gorgonas, dormiam de noite; a gente das Halles dormiria de dia. Santa é esta filosofia da luçta que infinita e sabia reside na alma inconsciente dos humildes!

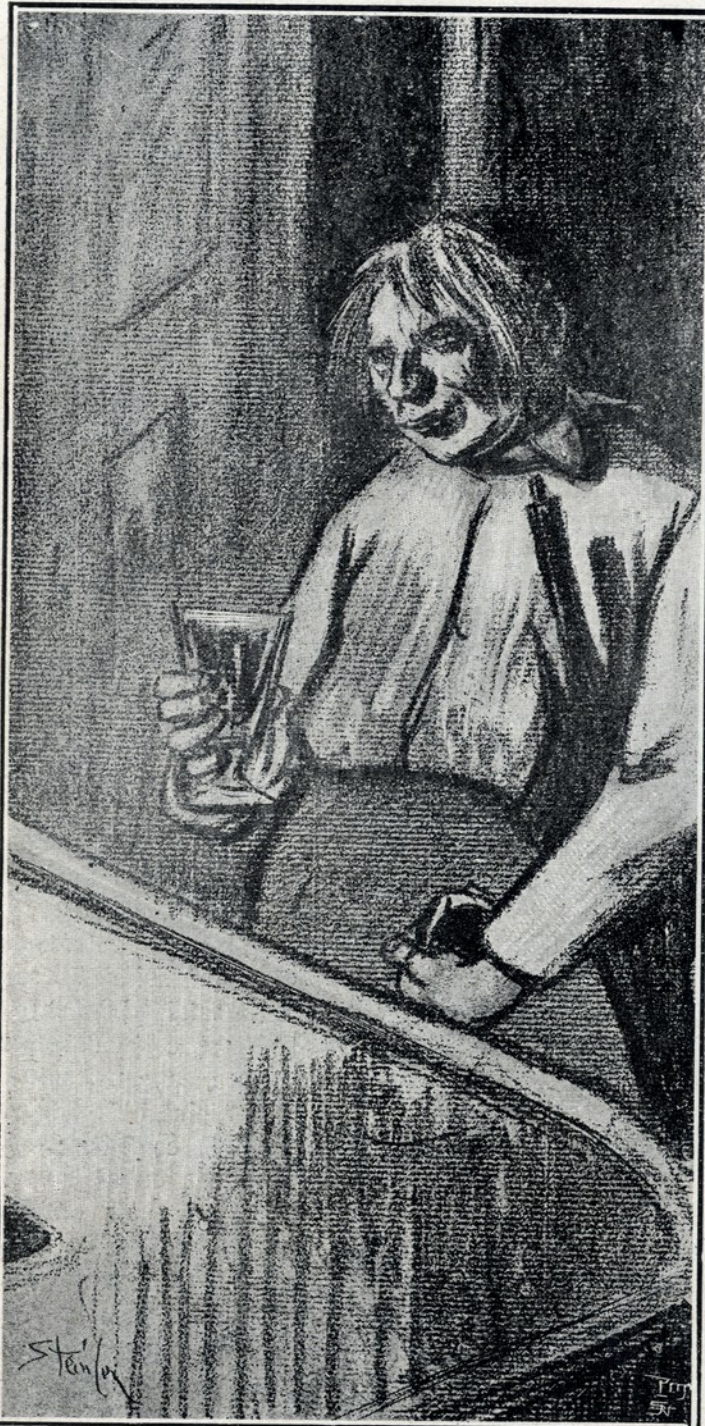
\* \* \*

Chegamos a uma porta negra e ampla como duma estrebaria d'aldeia. Um cacho d'uvas, relunzente d'ouro, bagos taludos de Caleb, estava cravado na torça.

— Chama-se entam aqui...?

— *Au raisin d'or.*

Rolamos por ali dentro numa penumbra ôca e sem fim. Vinha do fundo um ar venenoso, ignobil, lambendo-nos a cara como a lingua apodrecida dum cada-



«LA MOMINETTE»

(Steinlen.)

vam-se, cantantes, mofinas, os mil *Cranquebille*, que pelo dia fóra, rolando uma carriola pela cidade clamariam ás portas:

ver. Presentia-se desde o limiar a decomposição, os vermes, o carbonio dos bronchios escangalhados. Contra o muro havia uma mēsa, um candieiro de petroleo e um toutiço de bigode á Kaiser.

Ratzau apresentou o rancho ao proprietario do *Raisin*, o amigo Emile Colomb, um veterano do *ring*, fundador da *Société des Rigolos*, tam utilmente celebre no bairro. E sobre o aperto de mão, abancamos patheticos e silenciosos.

Por traz de nós e debaixo dos pés sentia-se o arfar opresso dum mundo adormecido. Ao cabo da casa a treva tinha vida, resfolegava alto, mexia-se. Defronte havia uns metros bizzaros de muro, inçados de estampas e daguerreotipos. Era toda uma galeria de arena, luctadores celebres, peitacos tesos, episodios de boxe e savate e figuras catitas de dinastias reinantes. Dentre ellas destacava a figura do proprietario, a lapis, torso nú, mamaçudo e olhar afrontoso de bezerro. Um tubo de fogão escapulia-se por cima, rente ao tecto, medroso e comprido como uma tenia.

Colomb ergueu a luz para o retrato e pôs á mostra um necroterio. Em mesas que não tinham mais comprimento que um covado rumas de cabeças repoisavam. Não tinham idade nem sexo, era um baralho immundo de guedelhas, de bocas desdentadas, olhos cheios de sangue e ramela, ventres latrinarios de lazarus. O halito delles parecia o ranger conjugado de mil gonzos velhos e era pôdre, maldito.

Para cada mesa havia dois bancos onde se espremiavam dez ou doze carcassas d'homens. Só as cabeças emergiam juntas, aliadas na mesma respiração, podendo beijar-se ou morder-se, era só abrir os dentes.

Vinte, quarenta vezes se repetia a mesma visão, aquelles montes d'aboboras combalidas, nadando num mar de sombra. Aquillo eram as ribaudes gastas, velhos paralyticos, a siflis, a chlorose, a chãga commungando irmãmente com os vermes. Visto de relance dir-se-hia a obra benefica duma guilhotina incansavel, ou o desenterramento dum cemiterio. Ali não havia cama, havia menos que o espaço mortuario de cada ser. Penetravam-se uns aos outros, não podendo occupar o palmo de cabeça sobre os braços em novelo ou sobre uma ponta de jornal bur-

guez. Quando um cotovelo se dilatava a cafila erguia-se num só clamor. Colomb vinha com os seus murros de atleta atirar de escantilhão pela pórtta fóra o malandro.



COLOMB

(Ar. Rocha.)

Num sorriso de domador o patrão explicou:

— Aqui é a pensão dos *grands-ducs*. Estes pagam 15 centimos pela dormida.

Fazendo incidir a luz sobre os rostos pôs bem em foco aquelles farrapos de carne podre, uma especie inteira noventa e tinhosa

que é a contracorrente da minha Helia. Nesta ocasião um velho dorido da laminação da luz resmungou uma blasfemia porca. E logo um sóco de Colomb lhe caiu sobre o aparelho, formidável, correcional:

— Meu safado, alguém se mete contigo...!

A casa era terreira, uma só peça cheia de recantos sem tabique algum. Puzemo-nos a vagabundar entre aquella materia putrida.



TETE DE GONSESSE

(Manuel Jardim.)

— Vejam, vejam á vontade, mas não me pisem esses demonios que começam para ahi a ladrar.

Nós andamos a nosso gosto e involuntariamente pisamos mais dum esqueleto de miseravel. Mas a nossa visita foi sumaria, o ar era irrespiravel, saturado de miasmas e de piolhos. Numa semana não pode comer, nem beber, nem sair do banho. Aquilo é a infecção do Paris de pulmões frescos e seria uma boa medida arrasar o casarão e queimar aquella crapula lá dentro como se faz em Barcelona e Moscou com os rebeldes.

Colomb continuava amavel. A sua casa era cantina e albergue. A's 11 horas da noite punha as trancas na porta da R. des

Lombards, mobilisava as bancas e eis a estalagem. A's 6 horas da manhã as portas abriram-se para as duas vielas e ao grito de *leva-arriba* e a sopapo a casa era evacuada e ahi estava a cantina. Havia uma cosinha anexa e elle foi-nos mostrar os panelões que vomitavam miraculosamente sopa a 10 réis.

Emquanto ali estivemos chegaram muitos clientes. Uns desaparafusavam do fundo da algibeira uma moeda de 10 centimos e sumiam-se pela terra abaixo. Outros faziam tinir a fixa d'aluminio da casa, (20 centimos) aninhavam-se entre os *grand-ducs* e rapavam pela manhã um covilhete de rancho.

Colomb desarrollhou champagne e sobre a sede de todos aquelles miseraveis a minha goela desmaiou de voluptia. Reflexo de infinitos reflexos não era eu, não era a minha garganta que libava; eram aquellas 200 gargantas do palheiro, sequiosas, cortadas da lima do ar e das molestias. Zola frisou esta psychologia preversa do requinte. E' no *Travail*; subverte uma deusa por um bandalho e põe a correr a cascata das delicias. E' bem justo nada ser inutil na criação, nem a miseria nem a vibora. Não se sabe ainda para que póde servir a vibora mas eu aprendi no *Raisin* para que serve a miseria!

Bebemos á prosperidade do *roi de la petite flambe* e Colomb contou que havia poucos dias recebera a visita de Pierre Loti e de Sisovar, rei do Cambodge.

— E Pierre Loti que disse?

Que poderia ter dito o poeta dos bambus, dos crisantemos, dos sentimentos palidos? Este parisiense que restaurando o minuete e o *Hotel de Rambouillet* em saraus afamados distribue em redor as boquilhas para o opio? O asiatico que pôs á sua porta as languidas campainhas roubadas nos pagodes e não deixa extinguir os incensos nas caçolletas?

— Oh que disse: bizarro! bizarro!

— E Sisovar?

— Esse não abriu o bico; deixou 30 francos.

Sisovar procedeu como um verdadeiro monarcha e Loti como um asizado bramane.

Isto não é um problema social; não é um teatro pathologico. E' bizarro, é motivo para uma ode ao rei, mais nada!

— O anno passado tive tambem a visita de Sextone... Sextone, o primeiro detective ingles.

— Ah! e que disse elle?

— Que em Londres havia dez vezes mais malandragem. Por toda a parte...

Calamo-nos penetrados de piedosos sentimentos. Houve um grande silencio ôco e Colomb pegou na lampada electrica encaixada em vinhatico para nos mostrar os *rois*. Estes eram os que pagavam 10 centimos e desapareciam por um buraco de baixo da terra. Descemos uma escada ingreme de pedra, meio metro de largura. Pelos degraus havia homens enrodilhados sendo-nos preciso todo um equilibrio difficil para os não trilharmos. Mas que trilhassemos elles grunhiriam e apertar-se-hiam mais contra a parede.

Em baixo topamos realmente o quadro feerico duma seteira aberta sobre o inferno. Uma fila

de casamatas, talhadas em rocha, succedia-se a perder de vista sob a luz aziaga dum candieiro. A luz electrica vasculhou por toda a parte; o chão estava atulhado de cadaveres, estendidos sobre um jornal ou balouçando-se numa corda.

— Mas estam vivos?

— Entam...!

— E porque estam nus?

— Por causa do calor.

As paredes suavam agua e lá fóra caia frio de rachar. Mas ali a atmosfera abrasava, cheia de rescaldo e de peste.

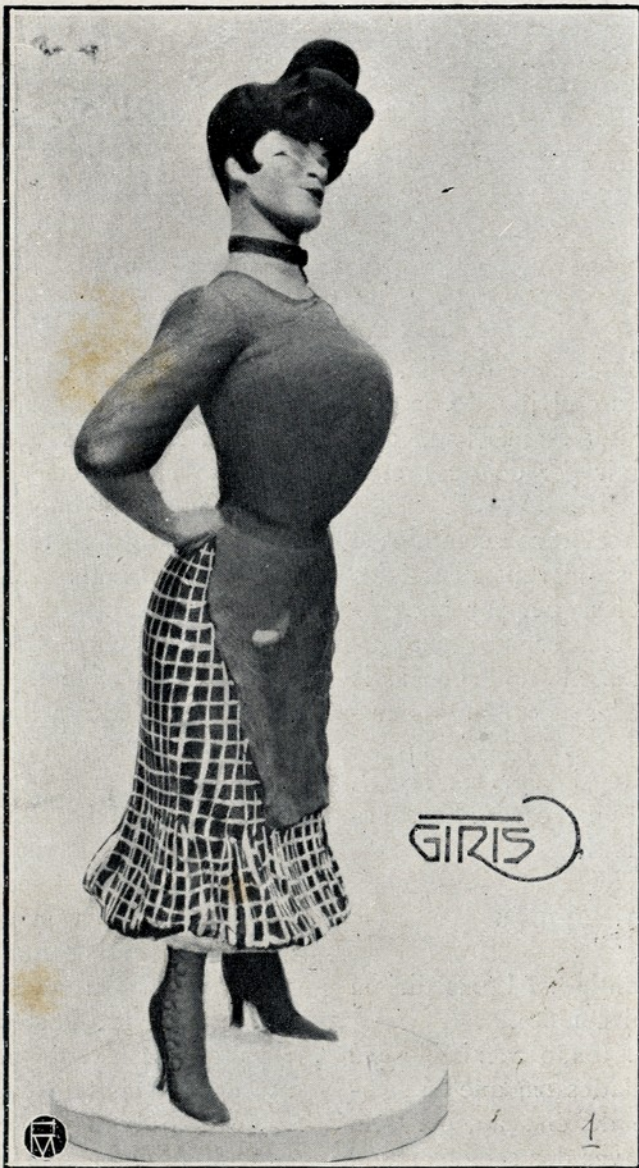
Fugimos deante da espada fulgida da luz electrica remexendo aquelle tremedal e as nauseabundas manchas dos corpos nus. Em cima elevou-se um ditirambo a Colomb *turris eburnea* a acolher os gentilhomens, *domus aurea* a acastelar os pobres, e partimos.

Lá fóra a cidade resurgia freneticamente da noite. As Halles ardiam em ruido. Uma brigada d'agentes ciclistas passava, veloz, surda, envolta nas meias tintas como um bando de tigres á caça na floresta.

Saint-Eustache talhava-se num fundo de opala. Sobre as cornijas as gorgonas,

as chimeras esperavam o sol; os noitibós, os *mectons*, as *catins* desapareciam na cobardia da noite. Os comboios nitriam, o metrô rolava, passavam arrulhando bandos madrugadores.

Paris! Paris!!



«LA PIERREUSE» — A GALDERIA

(Giris.)

# O movimento religioso contemporaneo

**G**STAMOS assistindo, hoje em dia, em todo o mundo civilizado, a um fenómeno interessantissimo, que se pôde definir por dois caracteres essenciaes :

1.<sup>o</sup> — penetração da cultura scientifica e do espirito moderno nos differentes dominios religiosos, mesmo aquêles que, por um tradicionalismo estreito e uma organização autoritaria, teem até aqui manifestado uma mais teimosa obstrucção a todas as conquistas modernas ;

2.<sup>o</sup> — uma nova intensidade, um *reveil*, e ao mesmo tempo uma purificação, da consciencia religiosa universal.

## Sciencia e Religião

Sabe-se do debate antigo. Alguns diriam mesmo: do irreductivel conflito.

Sciencia e Religião, tendo coexistido até hõje no seio das sociedades em que há sombra de pensamento e de emoção, parecem comtudo ter vivido através dos seculos numa luta permanente. Luta occulta por vêzes, sem manifestações externas, mas tão tenaz, que raramente tem permitido ás duas grandes actividades espirituaes do homem cumprir a sua missão em vista do seu destino: que é, como o de todo o sêr vivo, realizar plenamente e livremente a sua natureza.

O facto de em todos os tempos terem existido homens que, como Pasteur e Claude Bernard, aliavam a mais meticulosa consciencia de experimentadores e o mais lúcido espirito scientifico á fé cathólica mais viva,

não nos edifica absolutamente nada, ao contrario do que querem fazer vêr alguns apologistas cathólicos.

Podia muito bem acontecer, como parece ter acontecido, que o que em Pasteur era crente fõsse aquella porção da sua alma que vivia primitivamente, na crença ancestral, sem exames profundos nem meditações exhaustivas. Segundo toda a probabilidade, em nenhum momento da vida, o Pasteur sabio e o Pasteur religioso, *arriscando* a sua fé com a coragem dos máximos heroes, se interrogaram e mediram mutuamente. Viviam em bella harmonia, porque se não encaravam. Não havia conflicto, porque não havia encontro. Sciencia e fé eram coisas que nelle vibravam em planos distintos da sua alma, planos que nem ao menos se intersectavam em qualquer aresta commum. Numa palavra, Pasteur era crente por razões que estavam *fõra* da sua sciencia, e até da sua consciencia.

Mas ao lado d'esses homens que pensavam e oravam sem anceios, decorria uma tragedia secular. Ao lado dos que viviam a sua fé primitivamente, e podiam aliar a uma psychologia muito complexa em questões scientificas uma psychologia muito elementar em relação aos problemas religiosos, havia outros homens, mais desfavorecidos pela sorte, talvez, que meditavam as relações da Sciencia com a Religião, e mais ou menos se inclinavam a estabelecer a sua opposição irreductivel, ou a sua possivel coexistencia.

O conflicto vem d'aqui. E' um fenomeno psychologico e social de primeira importan-

Arte portuguesa



CARLOS REIS — A CAMINHO DA FONTE

cia. A historia das relações da Sciencia com a Religião não é a de um mero problema filosofico que se tenha debatido nas escolas para deleite espirital ou para exercicio de dialecticos engenhosos: é um dramma vivo, uma tragedia angustiosa, feita de aventuras, de desesperos, de crimes, e de martyrios.

Foi da Religião que partiu a primeira declaração formal do conflicto. Todos nós sabemos, por alto pelo menos, a historia da inquisição e as dificuldades que a Sciencia

estavam em flagrante desacordo com as supostas *verdades reveladas* por Deus nos textos sagrados — no Velho e no Novo Testamento. Galileu descobrira que a Terra era animada de movimento, e a Biblia affirmava que era o Sol que girava em volta da Terra. Os anatomistas, procedendo á dissecção, não encontravam o «osso da alma», que, se não era uma verdade revelada, era um ponto de fé tradicional. As ultimas theorias scientificas estabeleciam a vetustez incontestavel da terra, e o Genesis ensinava que ella fora creada há seis mil annos. A revelação dos livros sagrados era pois, para os sabios, uma mentira. Ora a revelação é um dogma fundamental do christianismo, portanto a Sciencia que chegava a conclusões d'esta ordem era uma Sciencia impia, uma Sciencia que merecia os queimadeiros e as torturas da Inquisição.

Sob o ponto de vista do método, a Sciencia exercia a sua actividade num *espirito* completamente differente do que era aplicado nas religiões positivas: um espirito de experimentação, de livre exame, de livre critica, um espirito *independente* de todos os dogmatismos e apriorismos sectarios. *Onde a religião parecia reconhecer a soberania da tradição revelada, a Sciencia estabelecia o dominio da experiencia e da investigação livre.*



CARDEAL NEWMAN, O PAE DO MODERNISMO

incipiente encontrou da parte da theologia christã. Todos nós conhecemos as perseguições odiosas, as limitações aviltantes que soffreram nos primeiros tempos a anatomia e a fisiologia humanas, a astronomia heliocentrica, a filosofia cosmologica e a medicina experimental. E' longo o martyrológio: Giordano, Servet, André Vesale, Galileu. . .

O conflicto resultava de uma questão de doutrina, e de uma questão de método.

Sob o ponto de vista da doutrina, a Sciencia moderna chegava a certos resultados que

Entende-se pois muito bem como o primeiro movimento da theologia foi um movimento de ataque. Se ella ligava um valór supremo á *lêtra* da sua religião e á sua organização autoritaria, estava na sua logica o excomungar. E excomungou.

A Sciencia, nestas condições, mal caminhava. Encontrára, ao nascer, em vez de um acolho paternal, uma atmosphera de sangue e de fumo. E não só por esta pressão *exterior* exercida sobre as inteligencias, mas tambem pelas necessidades interiores, vivas em cada alma, da concordancia entre os



principios scientificos e os dogmas religiosos, viam-se os sabios e os pensadores entregarem-se a um trabalho de confrontação meticulosa e de diplomacia infinita, não lhes fôsse cair ás mãos ou saír d'ellas uma verdade ou a expressão d'uma verdade que a sua religião não admittisse.

Mas através de todos os obstaculos, a Sciencia foi desenvolvendo-se, e com ella o livre exame e o espirito critico.

E então, em pleno seculo XIX assistimos a uma inversão dos papeis. Já não é a Sciencia que procura harmonisar-se com a Religião e põe verdades com a condição de não contraditarem os postulados religiosos. Agora dá-se o contrario. A Sciencia toma o papel *universalista* que a Religião tinha até ahí desempenhado; penetra em todos os cantos em que a Religião tinha dominado como soberana; biologia filosofica, sociologia, psychologia, exegese, historia das religiões, filosofia theologica, em tudo penetra; o seu triunfo é definitivo; e d'ora avante não mais reconhecerá, fóra d'ella, valôr supremo com que tenha de contar: os unicos valôres objectivos supremos são os factos, o unico valôr subjectivo supremo é a razão scientifica exercendo-se livremente sobre esses factos.

A Religião, assim posta neste meio social, que faz então? Busca adaptar-se ás conclusões da Sciencia, explicando os textos sagrados em aparente desacordo com ella por um artificio complicado de exegese theologica por um *concordismo* engenhoso e cheio de sutilezas.

O *Pentateuco* assevera que Deus creou o mundo em *seis dias*? Pois bem; onde está «dias» leiam «periodos geologicos». E' o que se diz, na linguagem figurada da Biblia.

Josué fez parar o Sol nas alturas?

Só uma intelligencia muito limitada não comprehenderá que se trata d'um eclipse.

Eis o novo processo de exegese biblica, da parte dos catholicos tradicionalistas. Ora uma igreja que recorre a processos d'esta natureza é uma igreja irremediavelmente condemnada na sua parte dogmatica.

Isto da parte da Religião. Da parte da Sciencia, assiste-se a uma condemnação formal de todas as Religiões. Draper, Le Dantec, Berthelot e outros, concluem que o conflicto é eterno, e que só poderá sêr resolvido pela morte definitiva da Religião. A

atitude era logica. A uma inquisição succedeu outra, como a um concordismo succedeu outro concordismo. Era a *revanche* dos tempos do queimadeiro e da excomunhão. A Sciencia, por sua vez, excomungava tambem.

### Uma nova maneira de conceber o problema. — As tendencias modernistas das religiões

Mas para as almas sinceras dos crentes que meditavam profundamente a sua crença, o problema foi esclarecendo-se, e começou a sêr posto em termos differentes.

D'uma parte o espirito scientifico, que mostrou o que valia no dominio da tecnica, penetrou nas almas religiosas, tornando inadmissiveis certas «verdades» reveladas e certos dogmas, pelo menos na sua significação intellectual e doutrinaria — d'onde a negação dos dogmas, da parte de uns, e da parte d'outros, a doutrina de que elles devem apenas sêr considerados como regras práticas, como normas da acção.

D'outra parte reconheceu-se por uma experiencia muito longa cujo valôr o espirito scientifico era o primeiro a reconhecer, que a Sciencia, com as suas fórmulas *representativas* e de modo algum *normativas*, com o seu papel de reduzir e simplificar o real de maneira a não nos dar d'elle senão uma expressão simbólica adequada aos usos da prática, mas inadequada á verdadeira intimidade do sêr, a Sciencia — ia eu dizendo — não podia satisfazer as necessidades mais irreductiveis do nosso espirito: a necessidade d'um ideal ao mesmo tempo immanente e transcendente, e o valôr incomparavel da acção humana.

Efectivamente, a Sciencia o que é que nos dava? uma representação aproximada ou simbólica do real, uma historia reduzida do mundo, mas nada mais. No dominio dos *factos*, a sua soberania é incontestavel; nos dominios do *valôr* e do *dever* a sciencia só pôde calar.

E' impossivel extrahir d'ella uma moral intelligivel. Nós podemos *obedecer* á Sciencia e *servirmo-nos* d'ella, fazendo o mal ou praticando o bem. Ella dá-nos o *instrumento*: não nos fornece a *obrigação*. Dá-me o meio de eu me tornar um puro, como Tolstoi, ou um canibal, como Napoleão; de salvar os

variolosos, como Jenner, ou de matar Britannico, como Locusta, ou de escapar ao veneno, como Agrippina. De me tornar *sabiamente* um santo ou de me tornar *sabiamente* um monstro. A Sciencia diz-nos o que se *deve* fazer para este ou aquêle fim, mas não nos diz qual o fim que *deve* sêr. Ella «está para *áquem* do bem e do mal».

Paralelamente a esta critica da sciencia, desenvolveu-se uma nova filosofia religiosa. E assim como se chegou a reconhecer o que havia no fundo de cada Sciencia, só porque era sciencia, chegou-se a determinar o que havia no fundo de cada religião, só porque era religião.

Reconheceu-se que toda a religião nasce d'uma necessidade imprescindível de *ideal* e da admissão de uma ordem sobrenatural, onde os ideaes são intelligiveis, acima da ordem natural dos factos com que a Sciencia conta e que a Sciencia regista.

Habitou-se assim a comparar não esta *fôrma* determinada de sciencia com est'outra *fôrma* determinada de religião, mas o espirito, a essencia da razão scientifica e da fé religiosa.

Nesta necessidade impreterivel de se «despirem» dos accidentes, para pôrem as suas verdades subjacentes em confronto com o espirito scientifico, nesta necessidade hodierna de se harmonisarem com a Sciencia, todas as religiões se viam obrigadas a harmonisar-se entre si. Era o que as distinguia o que as incompatibilisava com a Sciencia: o que nellas era diferente era o que nellas era, lêtra, dogma, representação intellectual em conflicto mais ou menos directo com a razão scientifica, e não espirito, essencia, alma, vida.

A Sciencia teve pois aqui um benefico papel. Negativo, é certo, porque não foi por ella e por amor d'ella que a harmonia se estabeleceu. Cada religião positiva *por amôr de si mesma*, viu-se obrigada a relegar para papel secundario o que a distinguia da religião vizinha: *por amôr de si mesma se negou a si mesma como verdade religiosa exclusiva*. Foi um sacrificio minimo na expectativa de um sacrificio máximo. E era d'uma igreja onde por tanto tempo tinha reinado o exclusivismo mais *fechado* que devia partir esta confissão singular: não há *muitas* religiões, há uma *unica* religião.

## Modernismo e unitarismo

Compreende-se pois muito bem como qualquer elaboração religiosa que se fizesse neste espirito, tinha por caracter um largo solidarismo. Abandonando as questões de fórmula, os caracteres accidentaes a que anteriormente se ligava importancia — e que as diversificava — para apenas apreender a essencia religiosa que lhes constituia o fundo, assentou-se que as diferentes religiões positivas não eram mais do que *aspectos*, do que vistas fragmentarias ou traducções em uma lingua especial, determinada pelo lugar e pelo tempo, d'uma mesma verdade intima, que lhes era subjacente.

Não fazia o mesmo a Sciencia?

O mesmo *dado* real não podia sêr encarado ao mesmo tempo sob o ponto de vista psychologico e sob o ponto de vista social? E tanto uma como outra, psychologia e sociologia, não eram vistas fragmentarias, *aspectos* unilateraes do real?

Como admitir pois que se continue a debitar o sofisma inconsciente de que as religiões são todas falsas, só porque são diferentes? De que não há Deus, porque cada um concebe Deus á sua maneira?

Deixa de haver mundo, só porque cada um de nós o vê com olhos diferentes? A Sciencia deixará de exaurir uma certa realidade, só porque há muitas sciencias?

Mas mais: Condemnar a Religião só porque as *fôrmas religiosas* de hoje estão em desacordo com os *principios scientificos* actuaes, seria o mesmo que querer condemnar a sciencia de hoje, só porque será diferente a sciencia de amanhã.

De modo que, d'uma maneira geral, concebe-se como legitima, ante a Razão, a existencia d'uma *fôrma religiosa* que, aceitando a solidariedade de todas as religiões, exprima um aspecto da verdade eterna, com um particularismo de cultos e de ritos, mas sem apêgo ás tradições insustentaveis e ao autoritarismo clerical.

Porque sempre a melhor tradição é a de evoluir, de viver, de mudar — de se integrar no Tempo.

Mas citemos alguns factos, com toda a simplificação possivel, porque tencionamos publicar nos *Serões* varios artigos respeitantes a cada um dos grandes movimentos re-

ligiosos contemporaneos, isto já se vê, se tivermos provas irrecusaveis de que interessarão os leitores, porque se a primeira condição de probidade intelectual é sêr sincero e a segunda sêr claro, a terceira é certamente o sêr util.

### Na India — Os Brahma Samai e os Arya Samai

Em 1828 Ram Mohum prêga na India a concordia universal. Ao lado d'este, outros reformadores agitam o hinduismo, ao mesmo tempo que se dizem inspirados da mais pura tradição védica. Porque é interessante notar que todos estes movimentos religiosos, ao mesmo tempo que se dizem progressivos, declaram a sua fidelidade mais absoluta ao espirito, pelo menos, da «tradição positiva.»

Ram Mohum, Tagara, Sen, Chander, pretendem pois purificar o hinduismo da sua baixa idolatria e das suas grosseiras superstições. Para elles, Brahma, Budha, Mahomet, Moisés, Christo, Confucio — a Biblia e o Corão. os Evangelhos e os Vedas — não são mais do que consecutivas, concentricas realizações do Divino. Deus é *um* não só para o crente de uma mesma religião, mas para todos os crentes de todas as religiões. Tudo mais é uma questão de pontos de vista. E' urgente proclamar pois a solidariedade de todos os homens no mesmo amôr infinito de Deus.

D'esta doutrinação derivaram os Brahma Samai e os Arya Samai, duas seitas extremamente progressivas. E' por elles que o espirito europeu entra na India. E até hoje já obtiveram tres reformas importantes: interdição do *sattis* ou immolação das mulheres na morte dos maridos, prohibição dos casamentos prematuros e autorização legal do matrimonio das viuvas.

O livro santo dos Brahma Samai é o *Slukha Sangrun*.

### A Devalaya

O germen contido nestas «purificações» religiosas devia produzir algum grande resultado. E o que é certo é que não se fez esperar muito.

Realizavam-se mesmo determinadas condições politicas para que assim acontecesse. Sabe-se que os Hindús desejam ardentemente a independencia da sua patria. Mas os seus impulsos teem sido desordenados: separados por questões religiosas, divididos por dogmas e ritualismos, a união tem sido difficil; não há uma acção una, disciplinada, coherente.

Ultimamente, porém, os hindús comprehendem que era ridiculo que estivessem lutando por questões de «superficie» quando estavam de acordo «no fundo», e que seria extremamente insensato continuarem a preferir ao urgente movimento da independencia discussões de fórmulas mortas e de simbolos mortos. Era estar a fazer o jôgo dos inglêses.

Obedecendo a esta ideia «moderna» fundou-se em Calcutá uma associação progressista, a *Devalaya* (1898), apoiada pela seita dos Brahma Samai, com duas revistas: a *Devalaya* e a *Modern Review*. E num congresso religioso (1895) puderam reunir-se 1:500 delegados das diversas seitas indicas — judeus, crentes de Zoroastro,

mahometanos, brahmanes, budhistas, monistas e dualistas hindús, christãos, Arya Samai.

«As grandes commuidades religiosas — declarou o presidente do congresso, o principe Rames war Lingsh — teem todas por objecto venerar Deus como pae e desenvolver entre os homens os sentimentos de fraternidade.»

E o judeu Issac exclamou:

«Atrás de todas as fórmulas e ceremonias acha-se uma unica grande entidade eterna, uma unica grande verdade, um unico grande amôr! Unamo-nos; destruamos todas as barreiras que durante seculos de ignorancia nos



OLLÉ-LAPRUNE, O PRECURSOR DO MODERNISMO FRANCES

separaram uns dos outros; reconciliemo-nos sobre o terreno da solidariedade dos povos e da liberdade do pensamento.»

### Na Persia: o babismo e o behaismo

Por outro lado, ahí por 1843, começa a prégar na Persia um homem extraordinário. O seu rosto era maravilhosamente encantador, os seus costumes extremamente simples; quando falava, as palavras que proferia pareciam introduzir-se no coração de cada um. Era Mirza-Ali-Mohammed, o «Bab» ou a «Porta».

A que vinha o Bab?

Libertar a religião persa das tradições insustentáveis, a orthodoxia nacional de todas as inanidades, e prégar o soberano amor. Havia na sua crença com que offender os *mullahs*.

Nos seus livros santos o *Kitali-i-akdai* e o *Biyān* (A Exposição) proclama elle a existencia de Deus, não d'um Deus pessoal, dado objectivamente e d'uma vez para todas, mas d'uma essencia espiritual, que incessantemente se renova por si mesma. Deus é essencialmente creador, porque elle é vida, e derrama a vida — e a unica maneira de a derramar é crear.

Por seu lado, a creatura, se não é Deus, porque não possui a plenitude dos attributos divinos, não é completamente separada de Deus, d'onde deriva, porque «nada existe fóra d'elle», e o proprio Deus exclama: «Em verdade, ó minha creatura, *tu és eu!*»

O que são as religiões?

As religiões não são todos «feitos», verdades absolutamente eternas; todas ellas são «aproximações» da entidade divina. Deus só se conhece no juizo final, quando a creatura deixando de o sêr, se integrar na natureza do creador. Então comprehenderá Deus, porque será Deus, visto que a unica maneira de o conhecer é sê-lo absolutamente.

D'aqui a evolução religiosa.

Os prophetas derivam de Deus, como todas as creaturas, e só se distinguem d'ellas por guardarem uma relação mais intima para com Deus.

Comtudo nenhum propheta vem trazer ao mundo a verdade inteira. Todos elles são *parciaes*. Por isso Moysés, Christo, Mahomet não devem sêr lidos. Porque foram inuteis?

Não, porque o já são hõje. E affligir-lhes-há a alma um tal abandono? De nenhum modo. Deus é que se affligiria se visse a sua vontade paralyzada. Deus quer o progresso indefinido, não ama a rotina, ama o misterio das creações e das «aproximações» novas. Da religião morta não se deve guardar nada, nem mesmo a memoria dos doadores.

E elle, Bab, o que era?

Um precursor apenas. A sua obra será necessariamente incompleta.

N'este espirito, o babismo aconselha a fraternidade de todos os homens, a proscricção do tabaco, a tolerancia religiosa, a supressão do véu, a abolição da polygamia, a regulamentação do divorcio, a emancipação e o respeito da mulher, de quem elle diz: «Ornae o vosso ornamento. Glorifica a vossa gloria!»

Ao Bab succedeu Beha-Ulah, «o Explendor de Deus» que foi desterrado pelo governo persa para S. João d'Acre (Syria) e morreu em 1892. D'então para cá, os «babis» teem sido dirigidos por Mohammed Ali.

Esta religião nova é extremamente interessante. E' todo um movimento mystico que se originou e desenvolveu quasi diante dos nossos olhos. Por elle podemos assistir a uma *experiencia* religiosa actual, e determinar nesses grandes *revivals* colectivos, a porção que cabe á personalidade do revelador e a parte a fazer aos outros elementos politicos, ethnicos e sociaes. Para o sociólogo, para o filósofo, para o psychologista, o seu valór é inestimavel.

Além d'isso, esta religião nova apresenta o caracter particular de acusar uma certa identidade com a eclosão e o triumpho do christianismo. Como elle, ella vem dar o sentido da verdadeira «revelação», contida em germen na Biblia, para Christo, no Alcorão, para o Bab. Como elle, conquistará principes, sacerdotes, nobres, quem sabe se imperadores. . . Será perseguido, e as perseguições animá-lo-hão, dando-lhe um novo incremento. Bab, como Christo, discutirá com os doutores; como elle, a sua palavra é um balsamo que deleita; terá a sua Maria Magdalena: Gurret-UI-Ayn, «a Consolação dos olhos», e os seus apóstolos e missionarios: Mulla-Hussein e Hadjy Mohammed. Será chamado o «Mehdy» pelo vulgo, como Christo foi chamado o «Messias». Desper-

tará a guerra religiosa, conquistará um milhão de adeptos, a fé na sua doutrina irá até ás Americas, e depois de muito amado e de muito combatido, andará de mudjeteled para mudjeteled, como Christo de Herodes para Pilatos, terá o seu Judas Iscariote, e morrerá fuzilado, ao ouvir a ultima exclamação d'um discipulo, morto tambem por amôr da sua fé: «Mestre, mestre, não estás contente commigo?»

E para em tudo ser comparado ao movimento judaico-romano, o babismo ha-de renovar o mundo iranio, como o christianismo renovou o mundo occidental.

### Religiões occiden- taes. — Judaismo e protestantismo liberaes. — Mo- dernismo catho- lico

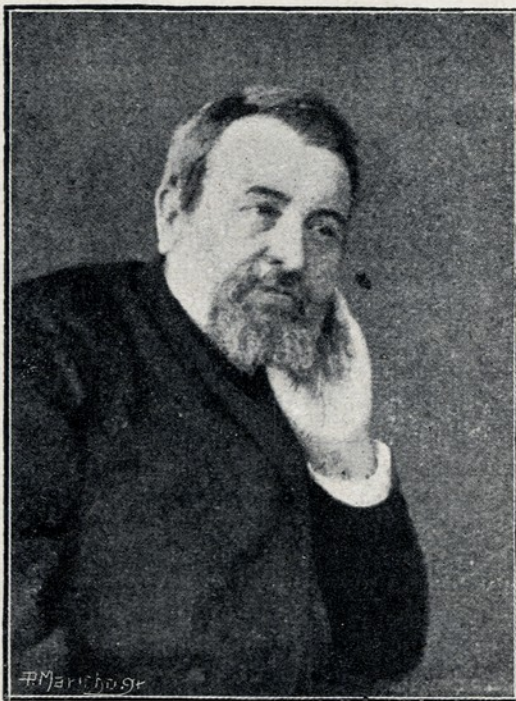
A Europa não se furtou á grande evolução religiosa. O judaismo, com Levy, e o protestantismo, com Harnack, Wagner e Sabatier tornam-se liberaes. Não falo já no *unitarismo* dos Lindsay e dos Priestley, que teve em Boston o seu centro mais activo, e de que foram apóstolos Channing e Emerson, nos Estados Unidos, e na Inglaterra James Martineau.

Mas o movimento mais interessante e de consequencias mais largas e mais profundas fez-se a dentro d'uma igreja, cujas condições historicas e cuja organização rigidamente orthodoxa davam menos garantias de progresso. Falo na renovação catholica. E' certo que Leão XIII preconisára a acção social do catholicismo na celebre encyclica *Rerum novarum*. Mas isto só no respeitante á acção; em relação á parte propriamente intellectual, elle defende os direitos do thomismo contra qualquer usurpação do pensamento moderno e, na encyclica *Providen-*

*tissimus Deus* (1893), combate d'uma vez para sempre a critica moderna dos textos sagrados.

Depois d'elle, Pio X, que é muito menos diplomata e muito mais estreito do que o seu antecessor, só fez acrescer as tendencias reaccionarias da Igreja catholica e tornar mais sensivelmente viva a opposição entre o mundo moderno e a orthodoxia romanista.

E' pois maravilha, depois dos raros exemplos dados por Lamennais, Newman, Montalembert, Dupanlonp, Gratry, o padre Hyacinthe e Duchesne, apparecer uma escola catholica penetrada de *democracia* (Romulo Murri e o *Sillon* com Marc Sangnier) e de *socialismo* colectivista (conde de Mun) e uma escola catholica penetrada do espirito scientifico e filosofico moderno (*modernistas*) dando origem a uma *exegese* biblica que não tem precedentes, em consciencia e em arrojo (Loisy), e a uma *filosofia* immanentista, fideista e pragmatista fundada numa critica das sciencias (Le Roy) ou na analyse do sentimento religioso (Blondel, Laberthonière, sem falar no precursor, Ollé-Laprune).



AUGUSTO SABATIER, CHEFE DO PROTESTANTISMO LIBERAL FRANCES

Num artigo proximo exporemos o que vem a sêr o modernismo catholico, as suas origens, os seus caractéres, os seus intuitos, e a sua luta com Roma, tão tenaz como desigual. Por hoje, bastar-nos-ha dizer que o actual papa já condemnou o modernismo em varios documentos pontificios, como o decreto *Lamentabili sane exitu* (1907), a encyclica *Pascendi dominici gregis* (id.) e o motu-proprio *Sacrorum antistitutuum* (1910).

### Os parlamentos das religiões

O congresso de Calcutá, de que atrás falámos, a proposito do movimento religioso

na India e da *Devalaya*, não é um caso isolado. Até hoje já se tem convocado sete *parlamentos das religiões*, de Chicago em 1893, de Calcutá em 1895, de Londres em 1901, de Amsterdam em 1903, de Genebra em 1905, de Boston em 1907 e de Berlim em 1910. Quasi todos os dois annos crentes de quasi todas as religiões do mundo dizem uns aos outros que adoram substancialmente o mesmo Deus de amôr e creação. O primeiro d'estes parlamentos, que se realisou em Chicago, em 1893, começou pelo «Padre nosso, oração universal da humanidade», recitado por Gibbons, arcebispo de Baltimore, e acompanhado de milhares de vozes, vozes de christãos, de mahometanos, de judeus, de protestantes, de budhistas, de schismaticos grêgos, de unitarios, fazendo um côro emocionante de aspiração idealista, de fé e de communhão espiritual.

Na America o movimento foi tomado tão a serio que se formou uma doutrina de unitarismo, que tem a seguinte fórmula religiosa: «We believe in the fatherhood of God, the brotherhood of man, the leadership of Jesus, salvation by character, the progress of mankind, onward and upward for ever.»

### Crentes e livres-pensadores

Mas não foi só das egrejas que partiu este desejo de aproximação e fraternidade. Um largo sôpro de liberdade e religiosismo passou sobre os proprios livres-pensadores.

Em 1908, Forel e Knapp fundaram na Suissa a *Sociedade internacional para a acção moral e social*, que definiu a sua orientação nestas palavras de Forel: «Emquanto que, a despeito dos seus dogmas insustentaveis, funestos para o espirito e que constituem um obstaculo aos progressos da sciencia e mesmo d'uma ethica mais elevada, as religiões souberam consolar e edificar as almas, sobretudo nas horas sombrias da existencia, a cultura puramente moral e o livre-pensamento tem, sem duvida, aberto vias livres ao espirito, mas não deram ao coração nenhum alimento. E no entanto, o homem tem, num alto gráu, necessidade de tal alimento.»

Na America do Norte tambem os livres pensadores se uniram numa sociedade identica, *Ethical culturists and reverent free-*

*thinkers*. E na França, em Paris mesmo, fundou-se ha bem pouco tempo uma *União de livres pensadores e de livres crentes*, em que homens de inclinações tão diversas, como o filósofo Parodi, o sabio Monod, o dramaturgo Loyson, o medico e jornalista Broda, o literato e historiador Séailles, o pastor Wagner, colaboram alegremente e activamente na mesma missão humana.

### Conclusões

Ora se a religião, apesar das aparentes diversidades, é efectivamente una, como é que ella produziu na realidade fórmulas tão diversas?

Da unidade e da solidariedade de todas as religiões concluia-se logicamente a doutrina da evolução religiosa. E' o que pensam os modernistas catholicos, os protestantes liberaes, os babistas, os Brahma-Samay, os hindús da *Devalaya*.

Como todo o sêr vivo, a religião evolue. A ella, como a tudo o que existe, é applicavel a fórmula de Cazelles: *Mudar ou morrer*.

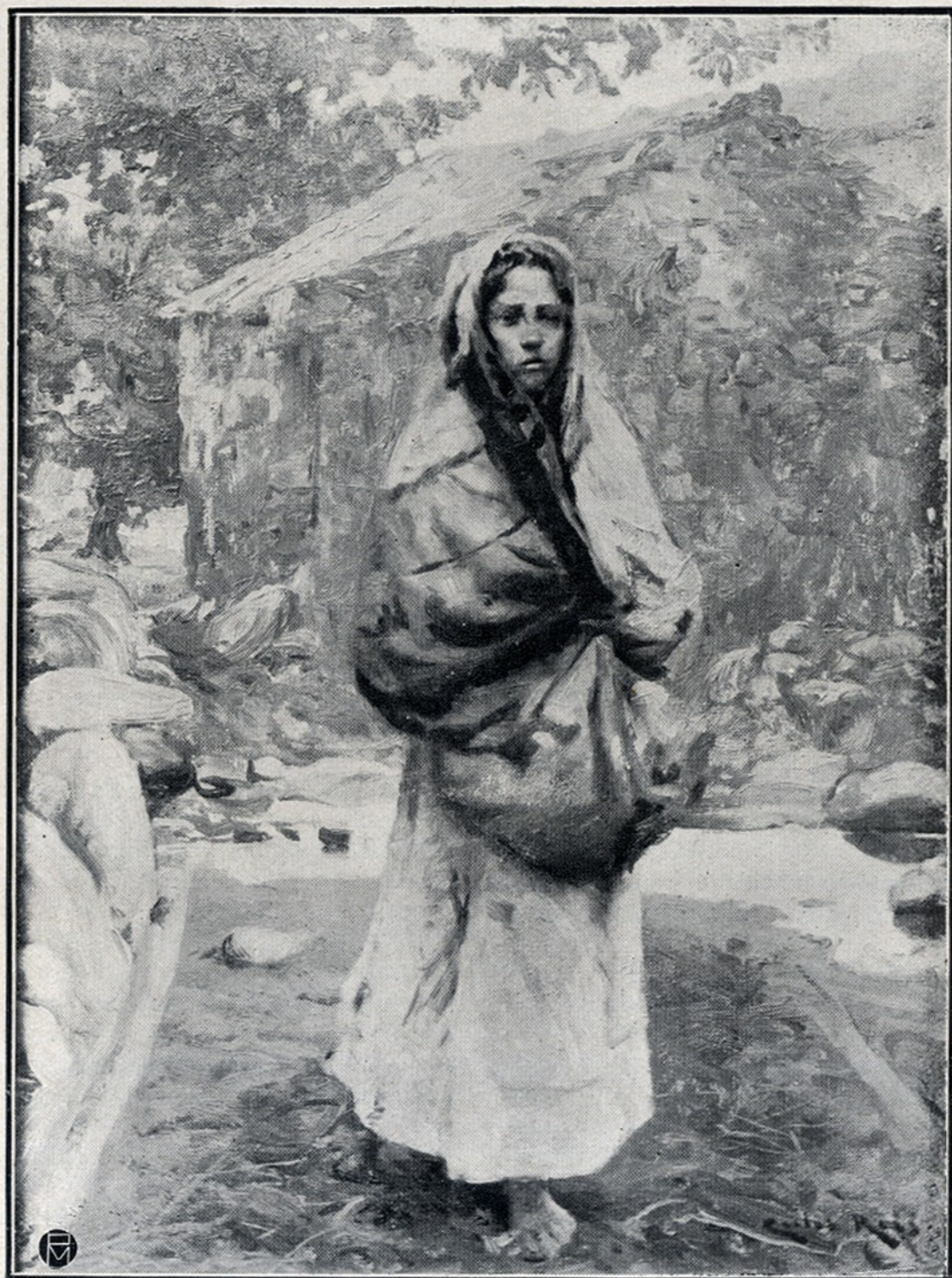
Conforme as circumstancias do logar e do meio, e até do temperamento individual, ella toma este ou aquêle accento original, esta ou aquela nota particular, sem deixar de sêr ella própria no intimo de si mesma.

Estão-se pois passando no mundo religioso dois progressos parâmetros: um no seio de cada religião, que evolue nas suas fórmulas particulares, *modernizando-se*; outro nas suas relações mutuas, pela distilação progressiva d'uma essencia fundamental, *universalizando-se*. Modernismo e unitarismo são os caracteres essenciaes da evolução religiosa de hoje.

Em vez da encrustação, o movimento e o progresso. Em vez da religião-enkylose a religião-vida. Em vez do fanatismo intolerante, a solidariedade activa. Em vez de certas seitas divergentes dentro das quaes era essencial a identidade absoluta de vistas, uma religião viva em que se permita independencia, personalidade, esforço livre, entusiasmo, liberdade, invenção, heresia...

Mas a solidariedade é mais larga ainda. Não é só entre os que se *confessam* que ha unidade de crença: todos nós somos religiosos, mesmo que o não queiramos, porque todos nós vivemos.

Arte portuguêsa



CARLOS REIS:— A POBRESINHA

E' certo que para alguns de nós a consciencia do homem se encontra sózinha no universo, não havendo nelle, em qualquer parte, ou esparsa pela natureza como um perfume ambiente que penetre e derrame as almas, ou fundida lá ao alto num mundo transcendente, uma única voz, vaga ou firme, alegre ou melancólica, que responda ás afirmações da nossa consciencia, ao infinito pasmo, ás torturas que nos anceiam, ás interrogações que formulamos, ao infinito de fé que pómos na vida.

A consciencia é um epifenómeno esporádico ou accidental, nascido no decurso da evolução, no roçar do pensamento pelas coisas. . .

Tudo o que o homem considera acima de si mesmo, tudo o que na realidade determina e hierarchiza as suas acções, não é mais do que uma illusão resultante de uma herança de habitos sociaes ou d'uma excrescencia de actos fisico-chimicos.

Não ha verdades religiosas. Ha atomos.

Não ha ideaes. Ha preconceitos.

Deus existe? Apenas sei que existem assimilações e desassimilações. A vida elementar é um mixto de fenómenos osmoticos e de reacções chimicas.  $A + Q = nA + R$ . A vida humana não é mais do que uma synergia d'esses actos fisico-chimicos. O sér vivo é uma machina que faz a sua propria substancia.

E no emtanto a vida é crença, a vida é fé, é affirmacão, é liberdade, é o absoluto.

*Não se poderia viver sem uma crença* A vida é um acto de fé. No fundo da mais insignificante das nossas acções ha alguma coisa que crê.

E mesmo quando atacamos as affirmacões metafisicas da consciencia religiosa, tudo dentro em nós fica surdo á voz do pensamento discursivo. O que é nós próprios, o que vive e se transforma, o que se exaspera e exalta, o que deseja e que lucha, escarnece das construcções lógicas dos nossos systemas irreligiosos. O irreligiosismo fica assim uma filosofia agradavel para se discutir, defender nas academias, mas que se lança para traz das costas, logo que se entra na vida. Na prática, não nos alimentamos da razão discursiva; é preciso viver, e ter fé na vida.

Mas, por vezes, esse immanentismo religioso que cada um de nós conserva no mais intimo da sua alma, aparece-nos na facha da consciencia, iluminado pela luz projectada por ella, como esses corpúsculos em suspensão no ar, que pareciam inexistentes, e logo se revelam, desde que a fenda d'uma janella lhes envia um raio de sol.

Um sér irreligioso não poderia sentir os transportes sublimes, e viver essas horas «perfeitas» em que se sente uma doçura indizível.

Ha na vida de todo o homem certos momentos irreproduzíveis de exaltação e de milagre, de communicacão por assim dizer mystica, de collaboracão activa e alegre com as coisas, de plenitude vital e de transfiguracão.

Sentimos *religiosa* toda a acção que se destina a um fim que nos *ultrapassa*, e que nos obriga a ultrapassar-nos a nós mesmos. E' como se, no mar plano e socegado da vida quotidiana, uma onda se erguesse e aspirasse ao Infinito.

Tudo o mais são fórmulas, cultos, ritos, ceremonias que não valem mais do que as palavras, expressões, fisionomias, coisas fugazes que teem por obrigacão estriccta exprimir e passar.

*Mas é exactamente a essas coisas secundarias que os sectarios religiosos e os sectarias atheus ligam uma importancia absoluta.* Livres pensadores, não é o livre-pensamento que elles amam: mas a doutrina atheista. Crentes, não é a religião que elles reconhecem: mas a doutrina sectaria. Não são duas atitudes diferentes do espirito: são duas tyrantias antagonicas, numa attitude commum de servidão intellectual. Ora no fundo para quem olhe a vida numa attitude soberana, religião e livre-pensamento não podem divergir por que são uma e a mesma coisa.

Assim, d'uma parte, os catholicos facciosos querem garantir o «non-plus-ultra» da sua religião, e não admitem que se não aceite em bloco o que a Igreja impõe aos fieis. E nisto são coherentes. Servicaes d'uma religião, o seu dever é estar de acordo; o seu papel é obedecer.

D'outra parte, os livre-pensadores olham este movimento *de fóra*, sem tentar o mais pequeno esforço para o considerarem *de*



*dentro*. Por isso só vêem os ritos, as ceremonias, os cultos, isto é, tudo o que é expressão, linguagem, gesto e palavra, superficial e exterioridade. Isolando tudo isso do que está dentro das *fôrmas*, não admira que vejam na Religião apenas uns ridiculos tregeitos ancestraes.

Seria como alquem que, ao passar ao lado d'uma orchestra, tapasse os ouvidos para não escutar a melodia musical. As notas subiam e conjugavam-se, numa harmonia infinita. Era um marulhar de notas, era um oceano de musica. Mas aos olhos do espectador não se desenhavam senão faces injectadas e frentes húmidas, e os gestos da obra adoravel pareceriam caretas de fantoches.

Assim a religião. Só pôde penetrar as suas bellezas aquêle que, destapando os ouvidos, entre os movimentos das Missas e da Liturgia, se põe a escutar, no intimo de si mesmo, numa atenção amoravel, os deslumbramentos da música interior.

RAUL PROENÇA.

### Chronologia

1828. Ram Mohum prega na India a concordia universal.
1830. Funda-se o jornal cath. progress. *L'Avenir* (Lamennais, Lacordaire, Montalembert).
1834. Lamennais publica as *Paroles d'un croyant*.  
Encyclica de Gregorio XVI condemnando as *Paroles d'un croyant*.  
Condemnação do *liberalismo*.
1843. O Ba'b começa a prégar na Persia.
1866. Beha-Ulah sucede ao Bab.
1892. Abbas-Effendi sucede a Beha-Ulah.
1893. Primeiro parlamento das religiões, em Chicago.
1895. Segundo parlamento das religiões, em Calcutá.
1898. Funda-se em Calcutá a associação «Devalaya».
1902. Aparece a obra de Loisy, *L'Évangile et l'Église*.
1903. Loisy publica *Autour d'un petit livre*.  
Laberthonière publica os *Essais de phil. religieuse*.

dezembro. Condemnação das obras de Loisy e Houtin.

- 1904, julho, 3. Condemnação do *americanismo*.
1905. Fogazzaro publica o rom. modernista *Il Santo* (pôsto no index).
1906. E' pôsto no index o livro de Laberthonière: *Essais de philosophie religieuse*.
1907. Le Roy abre um inquerito na *Quinzaine*: «Que'est-ce qu'un dogme?»  
julho, 3. Pio X publica o decreto *Lamentabili sane exitu*, condemnando 65 proposições modernistas.  
setembro, 8. Pio X condemna o *modernismo* na encyclica *Pascendi*.  
Sahe o programma dos modernistas italianos.
1908. Resposta de Loisy ao *Lamentabili e à Pascendi*: «*Simplex réflexions*».  
Forel e Knapp fundam na Suissa a *Sociedade internacional para a acção moral e social*,  
Funda-se em Paris a *União dos livres pensadores e dos livres crentes*.
1909. Tyrrell responde á *Pascendi* com *Suis-je catholique?*
1910. Setimo congresso das religiões, em Berlim, em que entraram Harnack, Loyson, o padre Hyacinthe, etc.  
Pio X publica o motu-proprio *Sacrorum antistitutum*, obrigando os padres ao juramento anti-modernista.

### Bibliografia (1)

#### GENERALIDADES:

1904. J. Payot — *Les idées de mr. Bourru*.
- 1908, março. R. Broda — *La crise universelle religieuse* (in «*Doc. du Progrès*»). (S. G.)  
abril. E. Boutroux — *L'avenir de l'esprit religieux* (in «*Doc. du Progrès*»). (S. G.)
- 1911, abril. P. H. Loyson. — *Un congrès moderniste*. (in «*Doc. du Progrès*»). (S. G.)

(1) Nas minhas notas bibliográficas mencionarei sempre se as obras citadas existem na Bibliotheca Nacional ou na Sociedade de Geografia pelas iniciaes B. N. e S. G., para utilidade do leitor que quizer aprofundar estes estudos.

## MODERNISMO CATHOLICO:

1907. Marcel Rifaux — *Les conditions du retour au catholicisme.*

1908. Loisy — *Simplex réflexions.*  
— *L'Évangile et l'Église*, 4<sup>ème</sup> ed.

Guignebert — *Modernisme et tradition catholique en France.*

1909. J. Bourdeau — *Pragmatisme et modernisme.*

## BABISMO:

1865. Gobineau — *Les religions et la philosophie dans l'Asie centrale* (B. N.)

1869. Pilon — *L'année philosophique.* (B. N.)

1875. Encyclopædia britannica. Art. *Bábi or báby.* (B. N.)

1896. 5 set. *Une visite au chef du babisme*  
— *Revue Bleue*, (B. N.) 1896.

## AMERICANISMO:

1903. A. Houtin. — *L'américanisme.*

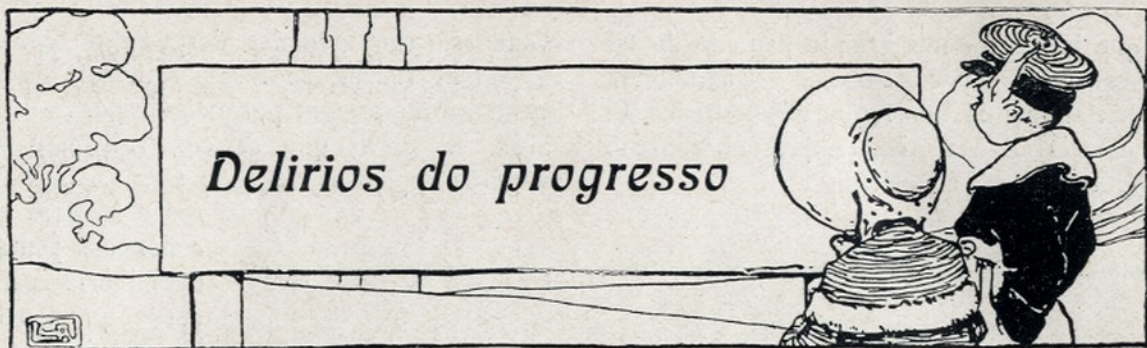
## JUDAISMO LIBERAL:

Lévy — *Une religion rationnelle et laïque. La religion du XX<sup>e</sup> siècle.*

R. P.



FREMIET — PAN E O URSO



## Leviatão e a sua gruta

**A**rivalidade das companhias de navegação transatlântica põem em seriíssimos embaraços não só os engenheiros dos portos ingleses e americanos, como também as companhias ex-

ploradôras d'esses portos, as respectivas commissões, e as varias empresas commerciaes mais ou menos ligadas á grande navegação entre a Europa e a America do Norte. Chega a sêr comica a sua situação, o verdadeiro terrôr com que supplicam constantemente um «basta! basta!» angustioso, vendo-se obrigados a novas obras formidaveis para não perderem a freguezia, dado que os colossos vão buscar a outros portos a profundidade de agua que o seu enorme calado exige, e a vastidão de docas que possa contêr o seu dorso monstruôso.

E' uma lucta offegante, tremenda e formidavel. As companhias e os constructôres navaes dão, anno a anno, passos de gigante; mas o pobre engenheiro hidrografo não os pode seguir com promptidão. O prelio começou a travar-se ha uns dôze annos, e o engenheiro hydraulico nunca mais desde então conseguiu tomar fôlego. Primeiro o paquete de 170 a 200 metros de comprimento, 15 a 20 mil toneladas e 20 milhas, pareceu satisfazêr cabalmente. Tinha todos os riquisitos para a travessia transatlantica e todos pareciam satisfeitos. Mas a marinha mercante allemã, avançando com grandes passadas, deu um salto arrojado, lançando

através o azul das aguas atlanticas o *Kaiser Wilhelm der Grosse*, que arrancou á Companhia Cunard a supremacia da velocidade, dando 23 nós com as suas machinas de 3:100 cavallos de potencia.

Nessa época a velocidade era a consideração dominante entre as varias companhias de navegação entre Nova-York e a Europa. Tão obcecante foi essa idéa, que a todos dominou completamente, precipitando uma situação análoga á que se dava entre as varias companhias de caminho de ferro em Inglaterra.

Mas subitamente a excitação produzida pela preocupação da velocidade acalmou. Ficava a Allemanha na posse indisputada dos louros que havia ganho. As esperanças do publico inglês soffreram um desapontamento com a apparição do *Oceanic*, só de 21 de nós, deixando ás companhias germanicas o cuidado de disputarem entre si a supremacia da rapidéz, que cêdo passou do Lloyd Norte-Allemão á Hamburg-America, quando o *Deutschland* appareceu em scena, deitando 23 e meio.

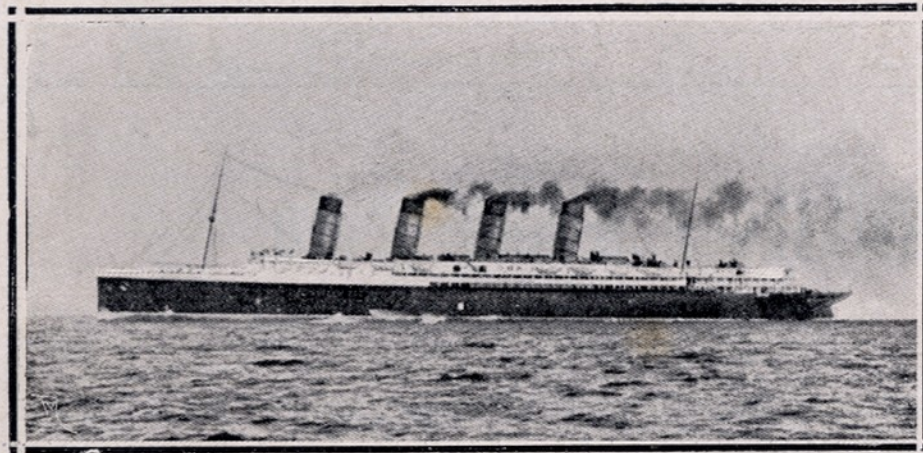
As companhias inglêsas foram atacadas pela sua indiferença. Assim se deixavam batêr completamente! Porém as casas principaes haviam-se reunido em concilio magno,—e, discutindo a fundo o problema, concluíram que a velocidade era uma custosa illusão que a todos cegava. A reflexão convenceu-as de que melhor seria dedicarem-se a construir grandes navios de forte tonelagem andando moderadamente. Assim

foi que lançaram um grande paquete de 18 milhas, numa época em que já não havia transatlântico de nome que desse menos de 19 e meia. E a critica tempestuou sobre o tringalhadaças ronzeirão.

vendo-se com grandes despêsas de carvão e poucos lucros, se foram retirando da rivalidade da pressa, para seguir para a nova idéa. E' certo que se construíram ainda vapôres expressos de 22 e 23 nós, mas raros e só para accedêr aos pedidos da minoria restricta a quem o bicho carpinteiro da pressa leva a não olhar a despêsas.

Nos dois primeiros navios da nova orientação (*Celtic* e *Adric*) adoptára-se um comprimento pouco superior ao máximo que já havia, mas no deslocamento dava-se um grande salto, de 32.500 a 37.700

toneladas. A esses seguiram-se outros de character similar, com um comprimento minimo de 215 metros. Porém o engenheiro hidrógrafo é que começava agora a maldizêr a sua vida. Todos viam que os portos que esses navios haveriam de demandar precisavam de reformar



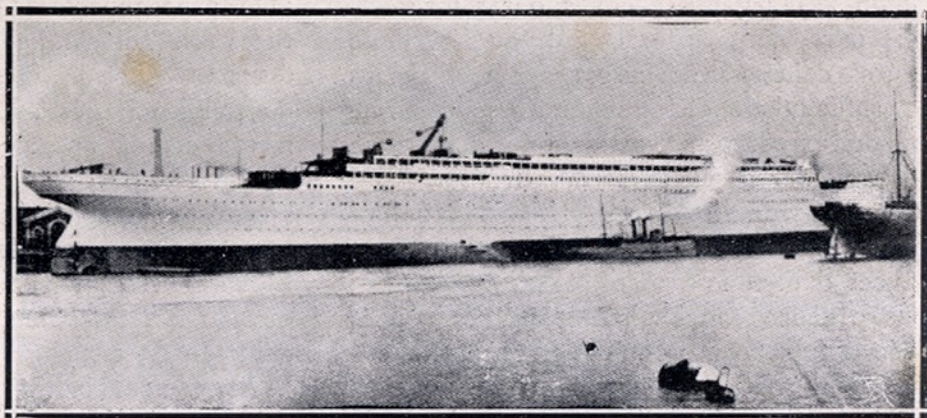
O «LUSITANIA», IGUAL AO «MAURETANIA» — OS MAIORES NAVIOS QUE ACTUALMENTE NAVEGAM

Ora, o tipo deu exito logo no momento em que appareceu, — e de tal forma que a companhia que o lançou — a White Star — abandonou definitivamente a lucta pela velocidade, pela qual, de resto, nunca se apaixonára muito, dando os factos subseqüentemente plenissima razão á sensatêz do seu procedêr. Pensára com muita justêza que a maioria do publico viajante se apaixonaria pouco por uma corrida furiosa através o Atlântico, pouco se lhe dando de gastar uns sete em vêz de nove dias, se fosse rodeado do luxo mais atrahente e das mais requintadas commodidades. Estas vantagens se encontrariam á maravilha realizadas em navios de andamento regular, e por isso taes navios açambarcaram em breve a maior parte do movimento.

O resultado foi que as outras companhias,

as suas condições e facilidades. Até aos 200 metros, porém, as coisas foram consideradas com serenidade, pensando-se que para além desse limite a evolução seria lenta bastante para permittir acompanha-la com

as suas condições e facilidades. Até aos 200 metros, porém, as coisas foram consideradas com serenidade, pensando-se que para além desse limite a evolução seria lenta bastante para permittir acompanha-la com



O «OLYMPIC», QUE SERA', QUANDO PROMPTO, O MAIOR NAVIO

as suas condições e facilidades. Até aos 200 metros, porém, as coisas foram consideradas com serenidade, pensando-se que para além desse limite a evolução seria lenta bastante para permittir acompanha-la com

relativa facilidade. Mas o lançamento do *Oceanic*, e a seguir o do *Celtic*, abriu-lhes os olhos. Co'a breca! Era um salto de 15 metros em comprimento, e de alguns milhares de toneladas. Ia-se realmente muito depressa. Poderiam os gigantes approximar-se das muralhas? Seriam os canaes bastante fundos? E que trabalho, quanto dinheiro, quanto tempo levaria tudo isso? O receio tornou-se desespero quando se percebeu que taes avanços eram o começo de uma nova era na construção dos transatlanticos. Era uma positiva loucura, de desesperar os mais serenos.

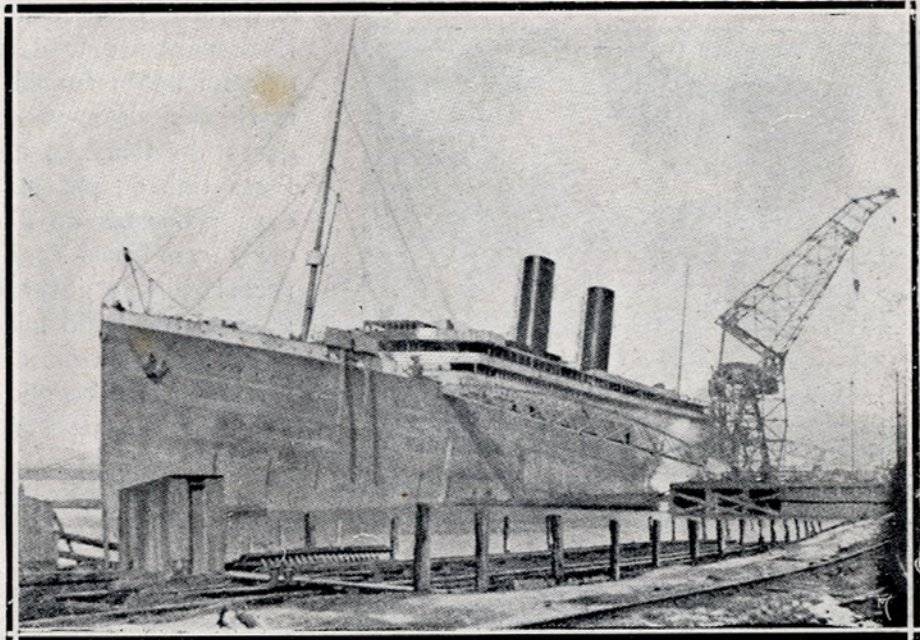
Foi no meio de taes circumstancias que lord Pirrie annunciou que a sua ambição immediata eram as 50 mil toneadas e os 300 metros de comprimento.

A's auctoridades não se lhes concedia tempo para discutir e argumentar. O publico dos dois lados do Atlantico espicava os responsaveis pela prosperidade dos seus portos. Os

engenheiros por seu lado affiançavam que a realização das 50.000 mil toneladas demoraria ainda não menos de meio século. A classe *Celtic* satisfaria por muitos annos. Illudiam-se a si mesmos com falsas confianças. Mal passára porém o choque produzido pela declaração de lord Pirrie, quando se produziu um verdadeiro terramoto nos seus espiritos: a Cunard Line projectava dois monstros, dois pavorosos, dois terrificos monstros de 237 metros de comprido, 88 de bôca, 45 mil toneladas de deslocamento!

Foi uma azáfama. Já, era necessario mexêrem-se já. Atiraram-se offegosamente á obra, esfalfando-se por ganhar o tempo que a sua letargia deixára perdêr. Os navios constrôem-se bem mais depressa do que se

alargam as docas e os canaes se dragam. Erricava-se agora um fundo antagonismo: desde a appareição do *Celtic* guerreavam-se internacionalmente os armadôres e constructôres de um lado, do outro lado as autoridades dos portos. Esfalfavam-se estas na tentativa de refrear o movimento ascensional das tonelagens, os engenheiros procuravam fazer vêr que as docas e caes acostaveis para taes leviatões obrigavam a despezas fabulosas. Respondia-se lhes que não custavam menos os navios, e que se o seu



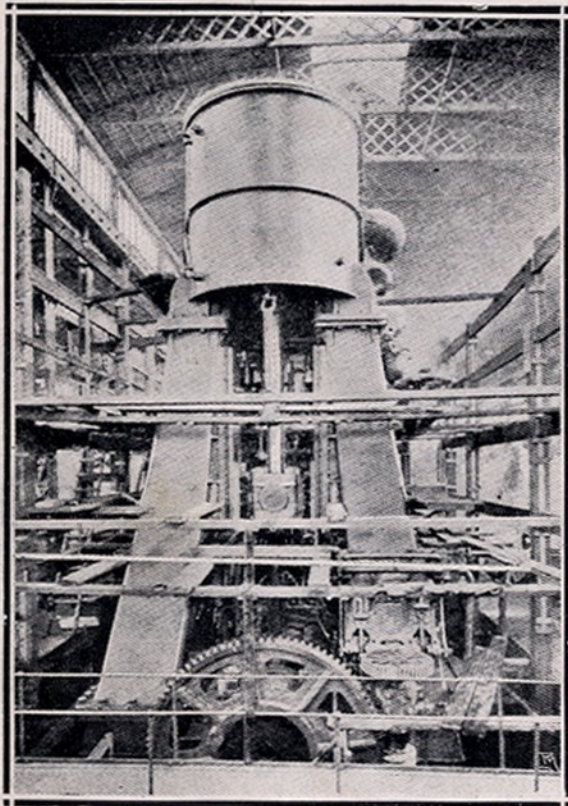
ULTIMA FOTOGRAFIA DO «OLYMPIC»

serviço pagava os gastos das companhias que os lançavam, certamente seria tambem remuneradôr para os portos que os recebessem.

Uma comissão de commerciantes de Nova-York lembrou-se de forçar os armadôres recusando accomodações para os novos barcos. A resposta era fácil: iriam a outro porto. Veriam quem perdia com a innovação. Em Inglaterra a lucta era identica, e ha pouco tempo chegou ella a um ponto critico. Quando foram lançados o *Olympic* e o *Titanic* (45.000 ton., 268 metros) não havia porto que elles pudessem demandar, e onde pudessem entrar em doca sem difficuldade de maior.

Em Southampton o movimento do porto

está dividido entre três entidades, difficeis de conciliar. Quando os dois novos paquetes da White Star foram lançados, a Companhia proprietaria das docas consagrou aos melhoramentos nellas necessarios a quantia de três mil e quinhentos contos. Além dos navios de 45.000 da White Star, farão escala por Southampton o futuro *Europa*, allemão, de 50.000, e outros vindoiros rivaes allemães dos gigantes inglêses. Por esse lado pois está tudo preparado, mas tratando-se de aprofundar o canal navegavel, a capitania do porto pretendeu que as Companhias interes-



A MACHINA DE ESTIBORDO DO «OLYMPIC»

certo é que o *Olympic* foi lançado, e ainda não havia, apesar dos grandes melhoramentos realizados, uma doca sufficiente para o navio. A cidade correu o perigo de perdêr o seu privilegio de terminus das grandes linhas de navegação. Boston, uma seria rival, prontificou-se a fazêr os melhoramentos necessarios no seu porto, e a Companhia dos Caminhos de ferro da Pensylvania annunciou um projecto de grandiosas obras em Montank, extremo oriental de Long Island, onde os paquetes poderiam vir a encontrar todas as facilidades, com as vantagens de podêr traçar d'ahi derrota directamente para a Europa, e de evitar demoras em Sandy Hook para a entrada em Nova-York. O clamôr foi então formidavel, e as autoridades maritimas viram-se obrigadas a apresentar docas do tamanho necessario em Brooklin. Essas tinham, porém, varios inconvenientes, e as propostas de Boston e da Companhia obrigaram Nova-York a um supremo esforço, recorrendo ao governo federal em Washington. O resultado foi o War Office permittir que se alongassem as antigas docas para o lado do rio, obra que se fez com a promptidão peculiar nos norte-americanos. Os trabalhos não ficaram comtudo por ahi, e foi necessario empreendêr a abertura de um canal artificial que, segundo os calculos, exigiria a remoção de 42 milhões de metros cubicos de areia e lodo, com uma despeza de 3.600 contos, — obra que provou sêr muito difficil, após encetada em 1901, com a obrigação de o empreiteiro removêr 4 milhões de metros cubicos por anno. Foi necessario o governo vir em auxilio do arrematante com duas grandes dragas, e continuando-se com energia, conseguiu-se que o *Lusitania*, na sua primeira viagem, encontrasse já metade do canal com a largura de 600 metros com que deverá ficar. Hoje já sete oitavos do comprimento do canal apresentam essa largura, estando ainda um oitavo com a largura de 300 metros.

Em Londres, em Liverpool, tambem os novos grandes paquetes estão exigindo grandes obras, análogas ás que esboçamos de Nova-York e Southampton.

E o futuro? Parece provavel que por bastantes annos se não irá muito além das grandes tonelagens actuaes. Segundo Booth, presidente da Cunard, o futuro da grande na-

sadas no assumpto a ajudassem nas despezas, pretensão a que ellas teem feito ouvidos de mercadôr.

Em Nova-York as coisas correram mais difficeis e demoradas. As docas são ahi perpendiculares ás margens, e as autoridades, vendo que o rio já não é muito largo para a navegação, propuseram alonga-las para dentro, para o lado da terra, — proposta de que riram os homens de negocio, porque na secção commercial da grande cidade americana o terreno tem um valôr fabuloso. O

vegação transatlantica está nas 40 a 50 mil toneladas. Mas essa media geral não significa um limite: já uma companhia alleman se propôs lançar um paquete de 60.000, e lord Pirrie declarou que as 100.000 toneladas não são uma impossibilidade. Nos ultimos dez annos subiu-se das 20 ás 60.000 toneladas, e se continuasse a mesma proporção o vigésimo anno do vigésimo seculo veria o paquete das 100.000, gradualmente attingido.

Dir-se-á que tal navio está fóra de toda a possibilidade porque não ha porto que o

receba. Não é razão sufficiente. O constructôr naval, se lhe achar vantagens, dirá simplesmente ao engenheiro hidrógrafo que se arrange como pudér. O porto que conseguir accomodações apoderar-se-á da corrente commercial, e a concorrencia terá como resultado o obrigar os engenheiros a acompanhar a marcha. Se o trafico attingir taes proporções que torne commercialmente práctico o paquete de 100.000 toneladas, tambem os trabalhos nos portos se tornarão remuneradôres.



**FARINHA  
LACTEA**

**NESTLÉ**

Alimento completo para crianças e  
pessoas edosas.

Grand Prix — Exposição Internacional de Bruxellas de 1910



**T**ERIA um livro raro de anedoctas, acerca de Camilo, o escriptor que se dispôs a uma viagem de mezes pelos arredores de S. Miguel de Seide (em Famalicão), correndo sobre tudo as freguezias de Vermoim, Joanne, Requião, Landim e Santa Marinha da Portela, a investigar, entre cavadores e morgados, do que foi a vida intima d'esse grande impulsivo e genial improvisadór, Camillo Castello Branco — dando as *falhas* moraes do homem de critica implacavel que escrevera, á mistura, tanta pagina de amorosidade, de imprecação e de juizo moral.

D'elle se contam, por lá (á maneira do que, após a sua morte, se conta de tanto artista e homem publico), monstruosidades sem numero; factos que são, positivamente, a contestação de tudo quanto sobre a sua generosidade se haja escripto. E factos tão duros, e todos tão singulares, que (d'alguns que ouvi), me pareceu que um novo Camilo se encerrava n'aqueles episodios, — um Camilo que ninguem trazia a publico e, portanto, uma estranha face da sua biographia que ha-de dispersar-se no *livro* inédito e grande da memoria dos *seus visinhos*.

Tudo quanto se tem escripto sobre a extraordinaria figura do romancista dos *Brihantes do Brasileiro*, pretendendo ser o seu *retrato*, o considero d'um interesse exclusivamente litterario. Camilo, em Lisboa, nada dá — porque saiu d'aqui com uns annos ainda inuteis para o trabalho da escripta; na Samardam nada dá, porque passou ao numero dos mortos o seu amigo Padre Antonio d'Azevedo — unico homem que podia ter feito as *memorias* da sua meninice; e o Camilo estudante no Porto e em Coim-

bra (em periodos extremamente curtos), d'esse pouco valerá a pena pesquisar e guardar.

Da vida do grande romancista depois do caso da fuga com Anna Placido e da prisão na cadeia do Porto — isto é: quando já homem — é que deviamos recolher, sobre tudo, as *memorias*, os factos extranhos.

Desejo, agora, tratar de varios factos da vida sacudida d'esse homem singular, na cidade de Guimarães; mas antes deixem que lhes conte (a proposito d'essa inteligente mulher que se precipitára no agitado mar da vida do auctor das *Memorias do carcere*), dois interessantes episodios, que eu garanto serem absolutamente verdadeiros:

Camilo estava em Coimbra com Anna Placido em 1870, para procurar medicos, e hospedava-se no *Hotel Mondego*. Entrou ali, certo dia, a visital-o, um estudante de direito, rapaz beirão de longa cabeleira «á Barjona» e atitudes de esperteza, que veio a ser mais tarde o escriptor Candido de Figueiredo. Camilo recebeu-o na sala de visitas do hotel, fallou-lhe do seu livro de versos *Quadros Cambiantes* (sobre que havia escripto), da demais litteratura da epocha e perguntou-lhe, por fim:

— Quer, talvez... visitar a sr.<sup>a</sup> D. Anna Placido, que se encontra n'esta casa?...

— Com todo o prazer!

E os dois, mestre e discipulo, seguiram por um longo corredor escuro, até á porta do quarto. Camilo bateu.

— Quem é?... disse uma voz forte e serena.

— Eu e uma nossa visita. Candido de Figueiredo.

— Podem entrar.



Abriu-se a porta, Camilo deu passagem ao poeta janota dos *Quadros*, e os dois viram-se n'um momento encerrados no quarto. O que era a «joven senhora» que se fizera raptar e vivia já então, em 1870, na companhia do homem que amorosamente a apartára dos bailes elegantes da cidade do Porto? Era aquela mulher que, ali em frente, se reclinava no leito — estatuada e alva! — cobrindo-se com um roupão de casa, claro, e fumando, um grande prospero e optimo charuto.

— Ninguém, certamente ninguém podia fumar mais á sua vontade. No gosto com que expelia o fumo do charuto, e o adeantava entre dois dedos, lia-se «commodidade», «habito», «predilecção» e, mesmo, «vicio».

E elucidou, ainda, o sr. dr. Candido de Figueiredo:

— Note, você, que o roupão que a cobria era levíssimo; tão leve que, atravez das largas flores que se desenhavam, quasi se via toda a roupa branca, e o proprio córte da camisa, no seio. Era uma mulher robusta, bem formada, e com todas as indicações de que dez annos antes devia ter sido uma optima mulher!

O outro episodio contou-m'o uma linda e piedosa senhora da Portela de Requião; e, como o primeiro, está absolutamente authenticado, e é inédito.

D. Anna Placido tinha adoecido. O seu estado não era grave, mas umas terríveis

dôres nevralgicas apertavam-lhe dolorosamente a cabeça.

Camilo andava, n'uma d'essas manhãs, a divertir-se no terreiro da casa de S. Miguel de Seide, com os pequenos *Jorge e Nuno*, guiando-lhes, a pé, uma parelha de authenticos e fogosos cavalos. De repente o Jorge grita:

— O' pae, mete pela escada!

E Camilo (sem sequer reparar nas visitas que ali tinha para sua mulher), atirou um pontapé a uma ilharga de um dos cavalos, fel-os galgar um degrau, apertarem-se e cahirem, precipitadamente, n'um barulho insurdecedôr que agitou toda a casa. Ao recordar-lhe, uma creada, que «a senhora» estava doente, Camilo sorriu e atirou para fora o chicote . . . todo impassivel.

A senhora que me contou este episodio rematou com esta significativa phrase:

— Tinha *pintas* na cara como as cobras! . . .

Tambem dos passeios semanaes do

romancista ao *berço da monarchia* se contam scenas muito interessantes.

Camilo, aos sabados de manhã cedo (porque era dia de feira), fazia-se certo em Guimarães. Rompia a cavalo pela rua dos *Pombaes* — quasi sempre com seu filho *Jorge* —; e, subindo as ruas de *Gatos*, *S. Domingos* e *Toural* (lado sul), ia instalar-se na antiga *Hospedaria da Gaita*, que ficava ao principio da rua de *Mata diabos*.

De dia, o romancista passeava na feira, conversava em certas lojas, parava no bo-



CAMILO, SEGUNDO RAFAEL BORDALO

(Album das Glorias.)

tequim do *Bago-Mestre* e estudava, talvez, esses *typos* cheios de observação da sua novela *A viuva do enforcado*. O *Eusebio Marcario* devia ter tido ali, também, um grande estudo. E outro tanto a scena da *Engeitada*, da creança exposta na *rôda* de Guimarães, que elle por certo colheu d'algum caso da travessa que faz face com o edificio da Camara d'aquella cidade, chamada ainda hoje *Travessa dos Engeitados*.

Camilo apparecia em Guimarães quasi que nas circumstancias de vestuario em que Raphael Bordalo o fixara para o seu magnifico *Album das Glorias*: longo casaco de camelão; uma *tira* de seda preta enlaçada na frente do colarinho; um alto chapéu de pasta, em *chaminé*, oculos, a face mosqueada das bexigas, calções ajustados de anta preta, botas «á Frederica» e um *cassête* arroxeadado ao pulso. Na partida envolvia-se, pela cara, n'uma capa *dom-juanesca*. Mas durante o dia mantinha, inalteravelmente, essa *toilete* mestiça: de morgado e bolieiro.

No botequim da terra, á noite, Camilo jogava immenso; e perdia quasi sempre. Para elle — como, creio, para quasi todos os jogadores — existiam cartas de azar, de perda certa. O «monte» era o seu fraco.

Ca fóra, na sala do botequim, ao largo da Oliveira, o *Jorge Botelho*, já então com evidentes manifestações de loucura, fazia o *espectaculo* dos frequentadores. Era certo que, em aparecendo um policia, o pequeno se metia debaixo de uma das mezas, tremendo e mostrando os olhos arrazados de choro, afflictivamente abertos. Alguns freguezes d'aquella ralé burgueza — que então, mais do que hoje, deviam ser de uma bruta-

lidade a toda a prova — entretinham-se, pelas costas do Camilo, com a amargura e tortura nervosa da pobre creança. Uma das suas maiores agonias era ouvir bater, violentamente, as bolas de um bilhar. *Jorge Botelho*, sempre que sentia essa vibração dura e forte, levava afflictivamente as mãos aos ouvidos, estalavam-lhe as lagrimas nos olhos grandes, e, rompendo n'um choro angustioso, corria á procura do pae, para junto da meza do «monte».

Estas notas reaes são, quanto a mim, de uma significação curiosa, porque creio justificarem, relativamente, todos os documentos medicos que até hoje se possuem ácerca da ascendencia e descendencia desse escriptor sobre todos os pontos de vista iminente.

Era assim que elle passava os sabados em Guimarães. Como ahi digo, Camilo (infeliz no jogo), arruinava-se. Os seus debitos e desmandos de lingua, na batota de Guimarães, eram extraordinarios. E regressando tarde ao hotel — quando regressava! . . . — levantava-se poucas horas depois, montava a cavallo com o filho, traçava a capa e rompia, lá ao fim das mesmas ruas, pela estrada plana de Creixomil — a qual liga Guimarães com Famalicão.

\*

Dou-lhes estas poucas palavras sobre a vida do homem inquieto e infeliz. E não querem ellas significar, no seu todo desagradavel a minha menos admiração pelo grande escriptor — o qual eu, aliaz, considero o maior de todos os prosadores portuguezes.

ALFREDO GUIMARÃES.





## Musicos excêntricos

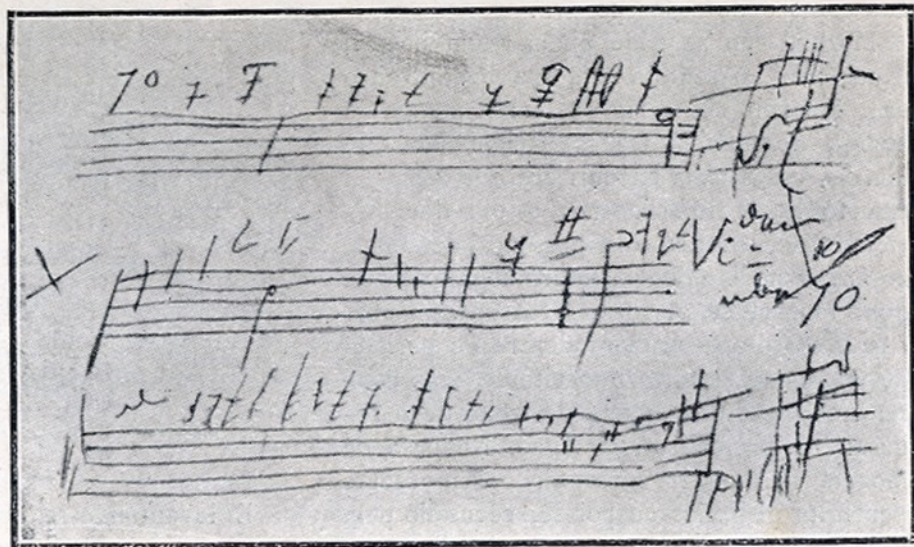


propósito de músicos excêntricos, devemos começar por falar de um dos maiores que foi, sem dúvida, o mais excêntrico; o mais excêntrico dos músicos e talvez o mais excêntrico dos

homens: Beethoven. Quem conhece as maravilhosas tramas suas sonatas e sinfonias dificilmente imaginará a estranha criatura que houve por detrás d'esse veu. Começava por escrever a própria musica de maneira diferente da commum, com uma esquisita notação, não raro sem linhas, e tão illegivel que elle proprio algumas vêzes a não entendia. Escrevia os seus apontamentos em pequenos cadernos de algibeira feitos de pedacinhos de papel cosidos, ou nas costas das cartas, ou em velhos sobrescritos: assim notava as inspirações da sua fantasia sempre que lhe occorriam, o que succedia em toda a especie de conjuncturas, passeando,

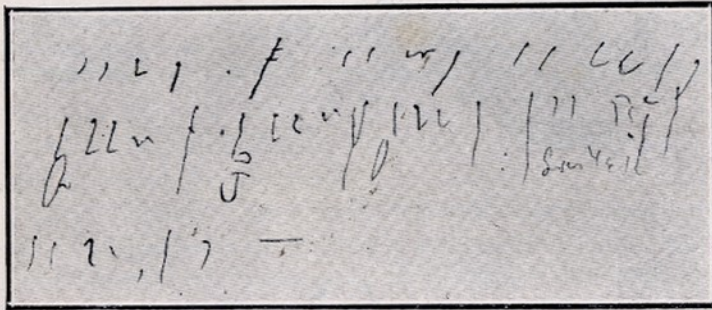
jantando, conversando com um amigo. No meio das ruas apinhadas via-se um homem de cabellos em desalinho estacar de súbito, e com risco de colisão com a turba apressada, escrever febrilmente durante dois ou três minutos num bocadinho de papel. No restaurante o criado que o vinha servir encontrava-o com os pratos e talheres para o lado, ronronando surdamente e pontilhando o seu papelucho.

Uma outra das suas excentricidades era sair a passeio quando chovia torrencialmente. O passo em que andava e o tempo que escolhia para as suas divagações tornaram-no uma figura conhecida nas ruas de Vienna,



MUSICA ESCRITA POR BEEHOVEN

e especialmente nos arrebaldes seus preferidos. Quem o via passar voltava-se admirado, enquanto as crianças lhe gritavam:



MUSICA ESCRITA POR BEETHOVEN

«lá vae o Beethoven que gosta de se encharcar!» Facilmente se descontentava e aborrecia; a minima cousa o fazia abandonar a casa em que se hospedava, e acontecia estar pagando três quartos ao mesmo tempo, porque se despedia no fim de alguns dias de um que pagára por todo o mês.

Depois de estar tocando piano por horas a fio — sua diversão favorita das tardes — tinha ás vezes as mãos quentes. Gostava de as refrescar collocando-as sobre a bacia e esvaziando sobre ellas o jarro de agua. O mal era que em algumas occasiões se esquecia de que a bacia era indispensavel nesta operação, e agarrando no jarro o despejava sobre as mãos a passeiar pelo quarto. Esta distracção, que era vulgar, devia ter sido causa de muitas das suas saídas precipitadas das casas onde se hospedava.

Mozart não se pôde chamar um homem excentrico no sentido em que Beethoven o era. Foi pelo contrario até certo ponto um homem do mundo. Deu-se porém com elle um dos casos mais excêntricos que a historia relata. Referimo-nos a um documento escrito, feito na presença de um notário a pedido de sua futura sogra, pelo qual Mozart se obrigava a casar com uma das filhas d'essa senhõra dentro do periodo de 3 annos, se ella o aceitasse, mas conservando a dita senhõra o direito de o recusar se preferisse um outro. No caso de Mozart não poder conseguir o seu intento por falta de meios ou por sêr recusado pela dita senhõra, obrigava-se a dar-lhe uma pensão regularmente paga, trimestral ou

semestralmente, onde quer que ella vivêsse, e de que maneira vivêsse.

Wagner, esse, era cheio de excentricidades. Uma das mais extraordinarias foi a de mandar preparar a sepultura no jardim da sua casa, sufficientemente ditanciada e em sitio escuso, de forma que pudesse lá ir quando lhe apetecesse, ou então esquecê-la completamente.

Mas não era o peor. Quando tinha amigos a jantar costumava interromper subitamente a conversa com declamações sobre a morte e a eternidade. «Meus amigos, no meio de vida estamos na morte. Todos devemos encarar a morte, que a todos nos espera — mesmo a um grande homem como eu. Tambem eu hei de morrer. Gostava de lhes mostrar a minha sepultura.»



UMA EXCENTRICIDADE DE BEETHOVEN

E levantando-se da mesa dirigia o resignado grupo dos seus convidados para o canto do jardim onde estava a sepultura, e

ali, na humidade e na sombra, regalava os companheiros com novas dissertações sobre eternidade, sobre a sua propria decomposição, sobre o futuro, — depois do que os reconduzia a continuar o jantar, com o resto de appetite que acaso lhes tivesse ficado.

Na excentricidade talvez Haydn se siga logo a Beethoven na historia dos musicos. Um contraste perfeito nos quartos d'estes dois homens: o de Beethoven, uma incrível confusão, — e no meio d'elle, passeando, o compositor, o próprio genio da desordem; e o de Haydn um modelo de meticulosidade e arranjo. Para poder compôr a seu geito era para Haydn necessario levantar-se com a toutinegra, convencido de que enquanto os passaros cantavam é que as idéas musicas lhe acundiam mais numerosas ao espirito. Primeiro certificava-se de que todos os objectos do gabinete, todos os *bibelots* estavam no seu lugar e em perfeita ordem; depois sentava-se a escrever. Mas o mais extraordinario é que logo de manhan, para se pôr ao trabalho, invariavelmente vestia fatos de cerimonia, cabelleira, espadim e punhos de renda. Em nenhum outro trajo, segundo dizia poderia escrever. Deveria, além d'isso, têr no dêdo um anel especial que muito estimava, — d'outra forma, tal era a sua nervosa naturêza, nenhuma idéa musical lhe vinha ao cérebro.

Mayerbeer cortejava a inspiração d'outra forma. A frescura da manhan, o canto dos passaros, nada eram para o seu saturnino espirito. Mas o rugir do trovão, o relampago, o batêr da chuva, nunca deixavam de o inspirar com uma torrente de pensamentos musicas. Para poder gosar este singular acompanhamento e fonte de inspiração, mandou construir um quarto no telhado de sua casa, onde podia expôr-se á vontade á furia dos elementos, sem mais que uma parêde de vidro para o abrigar. Era muito curioso dos contactos d'esta especie com a naturêza, e aproveitava-os metodicamente, como verdadeiros estimulantes musicas. Farejava uma tempestade imminente com a

segurança infallivel com os corvos e as andorinhas as predizem nos campos.

Conta-se que uma occasião em que dava em sua casa um jantar, ouvindo-se um trovão distante quando encetava a sopa, Mayerbeer se levantou com grande admiração dos convivas e saiu para se aproveitar do seu estimulante musical, deixando os seus hospedes abandonados o si mesmos para o resto da noite.

Donizetti que foi o musico mais popular da Europa aquando da grande voga da Lu-



WAGNER PERANTE O SEU TUMULO

cia procurava a inspiração por meios tão excentricos como este, mas infinitamente mais prejudiciaes. Costumava fechar-se num quarto com papel, penna e tinta, e ainda três ou quatro cafeteiras cheias de café. Começava a bebê-lo ao principiar a escrever, e continuava até esvasiar as cafeteiras; depois mandava vir mais, e quando esta se acabava, nova ração. A quantidade de café que bebeu foi fabulosa; achava-o indispensavel para a sua inspiração. Com este habito esse homem que fôra bollo adquiriu a

côr de um indio, labios negros, o desarranjo completo do sistema nervoso, e o prematuro declinio das suas faculdades.

Em Rossini encontramos uma excentricidade de typo differente. Foi o mais preguiçoso dos homens, e a preguiça era a causa principal das suas excentricidades. Estava raramente fóra da cama antes do meio dia; e ao acordar de manhan, se o dia, feio, lhe não agradava, ou se não tinha nada especial a fazer, era capacissimo de se voltar para o outro lado, gritando para a criada; «chama-me amanha á mesma hora.» E



DONIZETTI E O SEU CAFE'

dormia as 24 horas seguintes.

Escreveu grande parte da sua musica na cama, talvez mesmo maior parte. Costumava ter um rôlo de papel de musica e um lapis á cabeceira, de maneira que de manhanzinha sem se incomodar e commodamente aninhado, trabalhava na composição de uma opera.

Sucedeu que um dia, depois de escrever um bello duetto d'esta forma, e tendo-o quasi acabado, a folha rolou para fóra da cama, indo parar no chão a distancia, além do alcance do compositor. Que fazer? levantar-se e apanha-la seria desanrrijar a disposição da roupa, e estragar o seu conforto para o resto da manhan. Resolveu, pois, para se não incomodar, escrever novamente o duetto, e como já esquecera o que estava escrito, escreveu uma melodia

inteiramente nova. D'esta maneira a opera «O turco em Italia» tem dois duetos para a mesma scena, e os cantôres poderão escolher segundo as suas preferencias.

As excentricidades de Liszt provinham do seu genio extraordinariamente vaidoso e caprichoso. Só tocava piano se se sentia em muito boa disposição. Se insistiam contra sua vontade era inconvenientissimo muitas vezes.

Uma vêz em Roma foi convidado para um grande jantar por uma senhora americana que se orgulhava do seu gosto musical e entusiasmo. Acabado o jantar, depois de

varios amadores terem exibido as suas habilidades, Liszt foi muito dedicadamente supplicado para tocar um pouco; não estando de maré, recusou-se. Os presentes insistiram. O compositor continuou obstinado, — e, d'ahi, rude. Por fim Liszt atirou-se ao piano, e espadanando uma brilhante cascata de notas, logo se precipitou para fóra da sala, a exclamar. «Ahi tem, minha senhora: está pago, o meu jantar».

Em outra ocasião foi convidado para uma soirée em Paris.

Tinham tocado todos os *virtuosos* presentes, menos Liszt — cuja presença constituia o grande acontecimento da noite. Pelo seu aspecto carrancudo e nervoso era visível que se não achava em disposição. «Não insiste», segredou um amigo commum á dona da casa: — «olhe que é perigoso». Surda ao bom conselho, continuou na insistencia. Liszt por fim encaminhou para o pianno, voltou as costas para o téclado e nesta posição executou um canto popular, tocando com as mãos atrás das costas.

Algumas vezes era espantoso o seu pro-

cedimento para com os discipulos, tal que o não aturariam da parte d'outra qualquer pessoa. Uma vez estava um rapaz tocando na presença d'uma classe uma rapsódia do compositor. A' medida que a peça ia continuando Liszt passeiava no quarto a resmungar. Por fim sentou-se no banco ao lado do joven pianista, e com uma mão acompanhou oitava acima o que elle tocava. Depois com duas mãos, assenhoreando-se cada vez mais do banco e do piano, até que tendo já empurrado o rapaz para o outro extremo acabou por num brusco movimento atirar o desgraçado do banco abaixo, e no meio do riso geral continuar a peça como deveria ser tocada!

As excentricidades de Schumann não teem conto. Eram reforçadas pelo seu temperamento original e por um lamentavel gosto por bebidas a que se entregou bastante nos ultimos annos da sua vida.

Quando foi editor da *Neue Zeitschrift fur Musik* apaixonou-se desesperadamente por uma talentosa dama muito conhecida pela passada geração de frequentadores de concertos, que veio a sêr Madame Schumann. Para exprimir a sua adoração não achava nada melhor do que imprimir todas as semanas uma carta amorosa *in extenso* que figurava entre varias noticias e artigos sobre musica.

N'esta carta o compositor dava largas aos seus sentimentos, chamava-lhe os nomes mais ternos, convencido de que os seus extraordinarios desabafos passavam completamente despercebidos pelos seus leitores.

Para augmentar a força dos dedos fez uma serie das mais comicas experiencias. Uma d'ellas era atar um comprido cordel a uma tranca do tecto, na extremidade do qual passava uma argola onde enfiava o terceiro dedo. Não se sabe bem com que fim. Comtudo a persistente applicação d'este machinismo acabou por aleijar-lhe o dedo de modo que o impossibilitou de tocar em concertos.

Tinha as mais comicas theorias sobre os tons e o compasso.

Nunca queria escrever em certos tons porque lhe lembravam determinadas coisas e escolhia outros em relação com a epocha do

anno ou hora do dia. O tom de *lá*, com tres sustenidos, assegurava que sempre lhe trazia a impressão de verdes campos e cordeirinhos brincando, emquanto o de *mi* com quatro sustenidos não lhe era menos suggestivo de verdes folhagens e ribeiros cantantes. Coisa alguma o podia induzir, excepto em raras occasiões, a escrever no tom de  *fá* menor (quatro bemoes) porque, dizia, sem-



A PREGUIÇA  
DE ROSSINI

pre lhe trazia á idéa a imagem da morte, do julgamento e a figura do cavalleiro do Apocalypse no cavallo branco. O trabalhar uma composição n'este tom representava para elle tal esforço nervoso que só em rarissimas occa-

sões a isso se prestou. Nos ultimos annos da sua vida era constantemente perseguido pela obsessão da nota *lá* que lhe cantava nos ouvidos, resoava-lhe no cerebro, acompanhava-o á comida e nunca o deixava nem de dia nem de noite. Tornara-se tão insupportavel a obsessão que o levou a uma tentativa de suicidio.

Não poucas excentricidades se poderão

encontrar nas *Memorias* de Berlioz. E' curiosa a descrição das noites na Opera, quando novo, acompanhado dos seus neófitos cujo zelo animava com grandes prédicas. Comprava, para os levar, bilhetes que dizia terem-lhe sido offerecidos; explicava-lhes as bellezas da opera que iam ouvir, instruia-os sobre as qualidades e defeitos dos executantes que iam entrando para os seus logares na orchestra, tudo com grande espanto dos visinhos da platea. Quando o panno subia, estava ali um critico vigilante e escandaloso. Se a orchestra fazia modificações na partitura lançava ba-

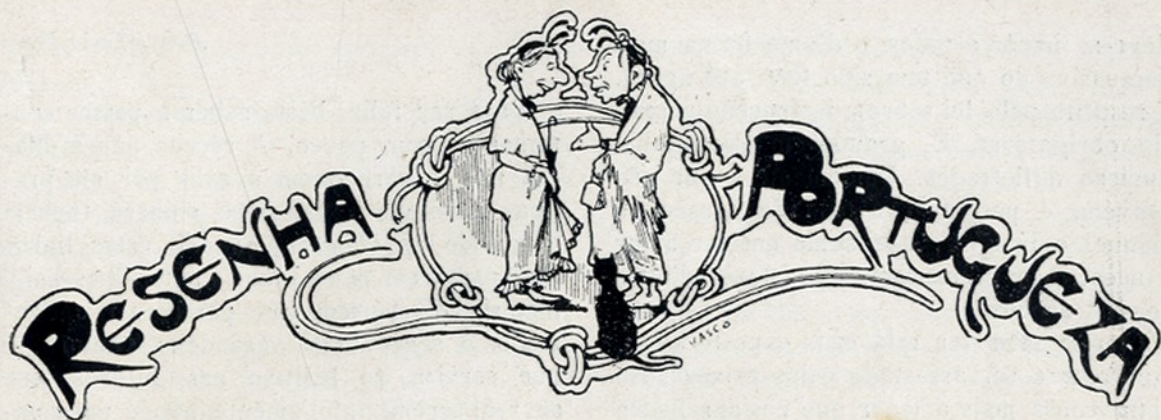
rulhentamente o seu protesto: «Quem é ahi que se permite corrigir Gluck?» Um dia, desesperado da indiferença do publico visinho, cae nos braços de um espectador igualmente entusiasta. «Sois musico, senhor?» Oh, desapontamento: era um engenheiro!

Poderíamos ainda citar outras excentricidades de musicos celebres, mas quedamos por aqui. Cláro que não pretendemos demonstrar que os musicos são os mais excentricos dos homens, mas aquelles a que nos referimos foram, certamente, os mais excentricos dos musicos.



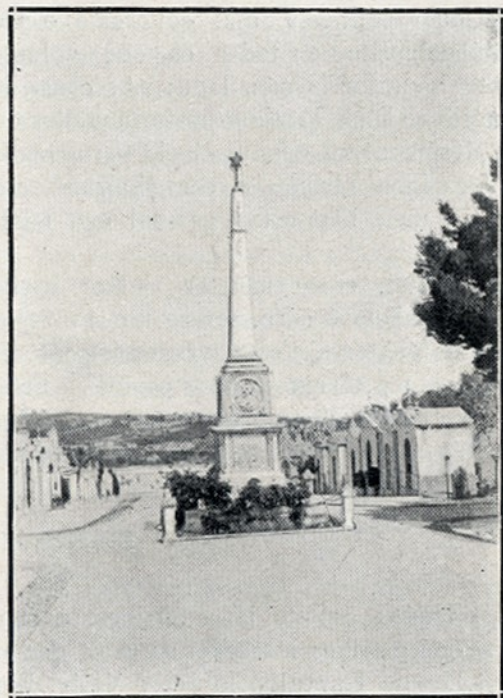
UMA MANEIRA EXCENTRICA DE TOGAR PIANO





### Elias Garcia

Amigos queridos e dedicados, vinte annos após a sua morte, quizeram recordar as altas qualidades pessoaes, o grande civismo, o muito amor pela instrucção, d'um verdadeiro homem de bem, que foi um justo, um enorme coração, e a quem nos ultimos mezes de vida, alguns bastante lapidaram.



O JAZIGO NO ALTO DE S. JOÃO

Conta-se que Fontes dissera uma vez que se Elias Garcia não existisse era preciso inventa-lo, e d'ahi tiraram-se illações que sempre me pareceram falsas, por que se o

chefe do partido regenerador era mais brilhante, mais parlamentar, mais *pannache*, a verdade é que o famoso republicano, com os seus processos mansos, alcançava o que queria, sendo mais um evolucionista do que um revolucionario.

No pelouro da instrucção, que estava a cargo da Camara Municipal, o que aquelle homem trabalhou não se descreve.

E comtudo, ha hoje um grupo, e se não muito numeroso pelo menos uma grande parte dos que o constituem tem um alto valor, que se mostra contrario a tanta instrucção que se busca ministrar.

Recordo-me que n'uma peça *Les Ouvriers*, Manuel escreveu:

*Tout homme qui sait lire est un homme sauvé...*

E o poeta, que era ao mesmo tempo um funcionario do ensino, julgava, com a maxima sinceridade, que a instrucção dada a todos seria a salvaguarda certa contra o impulso das paixões más e os excessos da criminalidade.

Era a tarantula que picava as pessoas ha quarenta annos: acreditavam na acção moralisadora do saber. Infelizmente hoje é preciso rebater essa theoria. O ensino obrigatorio em nenhuma parte do mundo obistou a que a criminalidade fosse n'um decrescendo d'anno para anno... Mais: a estatistica demonstra-nos tristemente que ella é duas vezes maior nas pessoas que sabem ler e escrever que nos analphabetos.

Pretendo com estas affirmativas dizer que a instrucção é um mal, e devemos retrogradar e fechar as escholas?... Os que tal pensassem erravam!... Pelo contrario,

deve-se impôr a todos, e d'uma fórma mais persuasiva do que tem sido feita até agora, o respeito pela lei sobre a instrucção primaria obrigatoria. E' grande em Portugal o numero d'illetrados. Unicamente o que não convém, é perpetuar a candida illusão de Manuel e imaginar que basta ensinar a ler e a escrever ás creanças para fazer d'ellas homens de bem.

O que sabe ler está mais exposto que o ignorante a ser arrastado pelas paixões. Ha outra cousa mais a fazer que ensinar-lhes a ler nos livros... é ensinar-lhes a ler na sua consciencia... o que se tem desprezado bastante.

A instrucção é obrigatoria, a educação também o devia ser.

O ensino moral tem d'estar á frente de tudo. Mas a escola deixa esse cuidado á familia, e muitas vezes a familia conta que a escola é que se encarrega d'essa missão.

De maneira que, nem d'um lado, nem d'outro, a creança encontra os exemplos e as lições precisas.

E assim nos tribunaes acham-se algarismos bem eloquentes que demonstram os resultados d'esta negligencia, e pelos quaes se vê que a maior parte dos criminosos teem menos de 21 annos.

E', pois, quasi ao sahir da escola, que elles praticaram os crimes porque foram condemnados. Alguns mesmo ainda não tinham quinze annos... Acreditam que teriam resvalado tão depressa no crime se, quando os ensinaram a ler e a escrever, lhes tivessem também ensinado a pensar, a reflectir e a obedecer á voz da sua consciencia?

Que os principios de moral e de dever, o respeito das obrigações sociaes, se inculcam nas creanças ao mesmo tempo que a grammatica e a escripta, e então talvez se possa dizer affirmativamente que *o homem que sabe ler é um homem salvo*.

Foi o que a Elias Garcia com toda a finura do seu espirito passou despercebido, foi o que os continuadores da sua majestosa obra não comprehenderam, e d'ahi uma semi-fallencia a que se póde pôr cobro, e tanto mais que seria justissimo, e o diadema mais brilhante para enaltecer a memoria d'esse tão grande amigo da instrucção popular.

## As eleições

Pará ser feliz, basta saber a pessoa contentar-se com pouco. A receita não é difficil, mas é raro quem a sabe pôr em pratica. Comtudo existem, e embora tenham decorrido as eleições, quando estas linhas lhes passarem pelos olhos, contar-lhes-hei a historia do homem que parece ter encontrado o segredo da verdadeira ventura, e que servirá de lenitivo nas futuras que se realisarem. Infelizmente não é um compatriota nosso. E' um allemão, mas nada impede o imita-lo, porque o seu systema é dos mais simples.

Este afortunado mortal é o primeiro burgomestre da cidade d'Herford, e apresentou-se nas ultimas eleições legislativas, que se effectuaram no seu paiz. Toda a gente concluiu que elle desejava ser deputado. Pois bem, não! Sendo derrotado, dirigiu os seus agradecimentos tanto áquelles que votaram por elle como aos que votaram contra.

Mostra-se até mesmo mais caloroso com os ultimos.

«Como politico,» diz, «expresso o meu reconhecimento a todos os que valentemente luctaram a meu lado; mas como homem, devo uma gratidão maior áquelles que não desprezaram nenhum meio para combater a minha eleição e contribuíram assim para o meu bem-estar pessoal e a minha felicidade.»

E' difficil, conveem? ter melhor caracter. E também é raro, ser-se tão favorecido como os eleitores d'esta circumscripção. Do mesmo lance tornaram duas pessoas satisfeitas: o que foi eleito e o que não o é. Porque não será sempre assim após cada batalha eleitoral?...

## Taborda

Dedicados quanto leaes amigos, e compromisso-me em lhes inscrever aqui os nomes: Leopoldo de Carvalho, o actor Valle, Eloy de Jesus e Carlos Posser — conseguiram que n'uma recita que se realisou em D. Maria, em que tomaram parte alumnos do Conservatorio, se inaugurasse no atrio o busto d'um grande actor — Taborda, o exemplo da disciplina, um artista d'enorme merito, d'aquelles, hoje mais do que raro, onde o ta-

lento suppria quaesquer deficiencias que se dessem.

A decadencia do theatro portuguez é evidente

Cada vez apparecem mais actores — elles é que assim se denominam — e cada vez a arte é mais arrastada pelas ruas da amargura.

Não surge nada digno de registo; muito collarinho bem engommado, calça excellentemente vincada, sorrisos de creaturas superiores, desdem enorme pelos collegas que teem annos de serviço applicado, e um desconhecimento absoluto pelos seus deveres o que obriga as emprezas a formularem tabellas que seriam outr'ora a vergonha d'aquelles para quem são sobrescriptadas, e que na actualidade se leem com sorrisos de mofa, ou com gargalhadas ironicas

Porque já não ha discipulos, são todos mestres, arvorando-se em censores, e é por isso que as peças são tão mal representadas!

E recordando-o que de saudades me aco-dem ante a memoria de Taborda!

Quem é que sabia contrascenar como elle! Que respeito para com o publico! que austeridade com a sua arte!

Tudo n'elle era grande, muito intuitivo, e a scena portugueza quando Taborda morreu, revestiu-se de crepes, e tão pesados, que ainda não conseguiu converte-los, ao menos, em luto alliviado, tal é o desanimo que invade todos os que apreciam theatro, e veem o que está por esses palcos... pavões que se supõem armados de pennas brilhantissimas, e se se lhes diz o contrario, respondem convictos que se não tivessem inimigos era signal evidente da sua nullidade...

### O primeiro de maio

Uma parte da Europa — em Paris foi prohibida — festejou esta data, onde ha muita politica e o seu tanto de reivindicção... Para mim é um anniversario commovente. Na secular historia das nossas almas, marca um dos mais formosos episodios.

Fez 637 annos que Dante encontrou, pela primeira vez, a Beatriz, em Florença.

Era a festa da primavera, e nos corações desabrochava a alegria da fresca luz que o calor nunca entorpece. E Dante foi levado

á casa de Folco Portinari, que era o pae de Beatriz. Dante tinha então nove annos, e viu essa creança que era mais nova do que elle. Vestia uma tunica encarnada com os enfeites que convinham áquella idade...

Dante poucas vezes lhe falou, porque ella casou e a morte foi prematura. Mas toda a mysteriosa importancia d'esta aventura reside n'esse dia 1 de maio de 1274, em que aquellas almas privilegiadas se encontraram, quando desabrochava a suave primavera florentina.

A lembrança de Beatriz conservou-se fiel no coração d'aquelle a quem a vida tanto atormentou, lançando-o á mercê dos acasos. Beatriz ausente e Beatriz morta converteram-se n'uma imagem viva e admiravel, ou, se o entendem melhor, Dante chamou Beatriz á sua alma, impressionada para sempre com a lembrança de Beatriz. Assim todos os seus pensamentos, no decurso d'essa existencia, se fixaram n'essa creatura ideal e real, e quando se entregou ao estudo austero, á leitura dos classicos, á theologia, Beatriz tornou-se a sua alma sabia e a sua alma theologica...

Não houve nunca amor mais duravel e nunca o houve mais feliz. A morte livrara-o da devastação do tempo. A vida, com certeza, te-lo-hia gasto; os destinos, n'este mundo, divergem.

Mas Dante apossou-se d'essa lembrança docil e conformou-a ao seu sonho incessante... Em todo o amor deve haver uma morte, pelo menos, o sacrificio d'um ser pelo outro, mais imperioso, mais avido. E' por isso que as lendas, onde as velhas allegorias se occultam, aprêsentam o amor e a morte unidos...

Em memoria de Dante que amou Beatriz Portinari e que a viu pela primeira vez, ha 637 annos, vestida de vermelho, celebrei em pensamento esse dia de primavera, o anniversario mais tocante de todos e o mais formoso...

### Trindade Coelho

Mogadouro desobrigou-se a 14 do corrente d'uma enorme divida de gratidão:

Mandou collocar na casa onde nasceu o integerrimo magistrado uma lapide commemorativa, significando assim o alto apreço que consagra a um dos seus filhos mais dilectos.

A commemoração foi modesta, mas lembrar uma memoria honrada era o unico intuito, porque Trindade Coelho despedindo-se d'esta vida enojado com os homens, com os politicos, com as cousas, nunca deixou, mesmo nos seus momentos de desanimo — e tantos foram elles — de ter a seu lado, pautando-lhe a vida, a honradez, a generosidade de coração, o seu muito amor pelos desgraçados.

Era um grande caracter, alma d'ouro, brusco na apparencia para occultar a bondade que dentro d'elle residia, um justo que honrou a sua profissão de tal maneira que



A BORDO DO «S. GABRIEL»

não é favor nenhum dizer que a magistratura que se digna não tem mais que seguir o são exemplo que legou Trindade Coelho.

Todas as homenagens que lhe prestarem — e muitas não tem sido — merecem-as aquelle que era um patriota sincero, enamorado do bello, e que sonhara a humanidade tão perfeita que ao encontral-a corroida até aos ossos, pediu a um revolver o socego eterno, para afastar alfin os seus olhos da podridão que via subindo, subindo, e sem que a repreza a detivesse...

Pobre Trindade Coelho!

Que em paz descance o auctor dos *Meus amores!*

## O «S. Gabriel»

Depois d'uma viagem de circumnavegação que durou dezeseite mezes, e que começou ás tres da tarde de 11 de dezembro de 1909, fundeou no Tejo a 20 d'abril o cruzador *S. Gabriel*, commandado por um dos mais briosos officiaes da armada portugueza, o capitão de fragata Antonio Jervis d'Atouguia Ferreira Pinto Basto.

Destemido, corajoso, valente como as armas, querido pela marinhagem, estimado pelos seus subordinados, muito intelligente, foi com sentimento que se soube a resolução que elle tomara: a de pedir a sua demissão.

O governo, porém, entendendo que homens d'aquelle valor, que tem por timbre a nobreza d'alma, seja qual fôr o partido em que militem; todos á uma o acolherão com alvoroço, não lh'a acceitou, e como o sr. Pinto Basto insistisse, concedeu-lhe uma licença d'um anno, porque muitas vezes o tempo é bom conselheiro.

Como as razões que impendem no brioso homem do mar são d'aquellas que demonstram nitidamente a transparencia do seu caracter, deve-se felicitar quem, n'uma epocha de tibiezas, tem a energia de dizer:

— Eu sou o que sou!

## Sousa Larcher

Outra homenagem!

E digo outra, porque em verdade tem-se abusado ultimamente d'este genero de manifestações, que são lindissimas quando merecidas, e a que é preciso presida um bom senso extraordinario na escolha, afim de não se mercadejarem, e terem o alcance que se pretende attingir.

A consagrada a José de Sousa Larcher pertence ao grupo das que se applaudem sem restricções.

Eram 80 annos que o antigo republicano fazia, 80 annos dedicados ao seu paiz, e para celebrar o dia em que os completava, uma commissão convidou o povo da capital a ir festejar quem nunca perdera a fé nos seus ideaes, sinceramente se agarrara á sua bandeira, nunca se recusando ao trabalho, não pretendendo logares, e assim pôde, quando chegar a sua hora, ter a certeza que cumpriu excellentemente a sua missão n'este mundo.

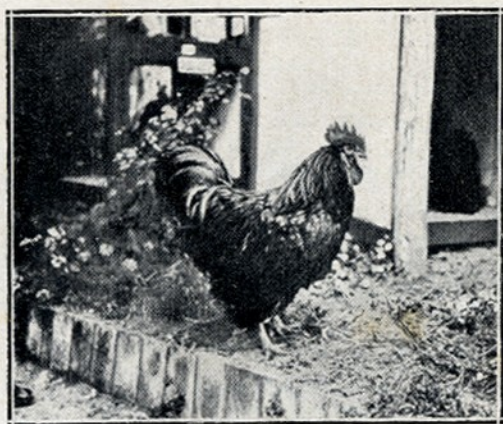
A festa que lhe fizeram, embora modesta, merece elogio, porque sahiu dos corações e a ella associou-se o chefe do governo provisório o sr. dr. Theophilo Braga.

E vendo as creancinhas a cercarem aquelle velhinho — a primavera e o inverno — aos olhos de muitos assomaram as lagrimas, e todos pediram que ellas seguissem o exemplo d'aquelle a quem applaudiam, o prototypo da honestidade e do bom senso.

### A exposição d'avicultura

Interessantissima a que se inaugurou na Associação Central d'Agricultura Portuguesa.

Alguns dos exemplares eram notaveis pela



GALLO HARPSINGTON

sua corpulencia e pela maneira como tinham sido tratados.

Depravavam-se alli muitos gallinaceos, pombos-rola, um trio da Cochinchina, ma-

riolas pretos, suissos dourados e prateados, innumeradas variedades, denotando o cuidado que está presidindo ao apuramento da raça.

Tambem na secção d'aves canoras se viam bastantes curiosidades.

E a exposição d'apparelhos d'incubação dos srs. Herold Mascarenhas era muito curiosa, funcionando tres machinas chocadeiras, vendo-se sahir os pintos de dentro dos ovos.

A gravura que acompanha estas linhas é a d'um gallo da raça Harpsington, pertencente ao sr. Anão, e que teve a medalha d'ouro.

### A delicadeza

Foram dadas ordens terminantes á policia — mais uma vez — para prender os individuos que se intromettem com as senhoras que andam sosinhas pelas ruas, o que denota uma falta de gosto e uma má criação muito accentuada.

Pois era já tempo de fazer renascer entre nós um pouco d'essa velha galanteria que nossos paes consideravam uma lei, mas nós somos um povo pessimamente educado.

Não se sauda a senhora que se encontra n'uma escada, fuma-se em caminho de ferro diante das damas, sem mesmo, a mór parte das vezes, lhes perguntarem se o fumo as incommoda; nos electricos não se lhes cede o logar, devendo-se ainda dar por muito felizes, se não tem mais a soffrer que essa incivilidade.

Sim, porque no Rocio, tenho visto muitas vezes os homens precipitarem-se para os carros, servindo-se dos cotovellos, empurrando as mulheres que esperavam ha mais tempo do que elles, e responder com as peores invectivas ás observações das pessoas que estão incommodando.

E' triste e vergonhoso dizer-lo: mas, em geral, quem assim procede é gente nova... E' ella que se conserva sentada emquanto o sexo feminino vae de pé nas plataformas; são os rapazes que no theatro, incommodam uma fila inteira para tomarem o seu logar, sem se darem ao trabalho de levar a mão ao chapéo... Mas o que é que hoje se ensina nas escholhas?

Estes detestaveis costumes levaram a que se perdesse a bella reputação de galanteria de que nossos paes tanto se ufanavam. O

estranheiro que vem aqui é que nos julga com severidade, ficando mesmo assombrado.

mais tentam engrandecê-los com melhoramentos. A idéa é boa, e se na pratica os resultados nem sempre são dos mais aproveitáveis, deve-se á somma d'innúmeros factores que mallogram as melhores vontades.

Os algodoeiros foram recebidos pelos srs. dr. Theophilo Braga, Bernardino Machado e Correia Barreto, presidente do governo e ministros dos estrangeiros e da guerra.

O presidente do congresso, o sr. Macara, falou em inglez mostrando como estava encantado com a patria de

Camões, e que Portugal era o digno continuador das suas heroicas tradições, e ficava agora certo que a terra das conquistas



A FESTA DAS FLORES

Ensine-se, pois, aos rapazes que a pratica da delicadeza, em vez d'humilhar, honra; e bom será que nas escholas, onde se fala tantas vezes á mocidade dos direitos do homem, se lhe falasse tambem um pouco dos seus deveres e, particularmente, d'este. Não seria tempo perdido.

### Dois congressos

Lisboa escovou-se ultimamente para receber uns hospedes estrangeiros: os que foram assistir ao congresso algodoeiro em Madrid e os do congresso do turismo.

Não ha duvida que estas convocações são sempre uteis para os paizes onde se reúnem os homens mais eminentes d'uma industria ou que



UM CARRO ALLEGORICO

abraçava do intimo as da paz e do trabalho, e desejava progredir.

Respondeu-lhe em francez o sr. Theophilo Braga declarando que esta nação acompanhava com o seu voto incondicional todos os movimentos de progresso.

Os nossos hospedes estiveram no Estoril encantados com aquelle delicioso panorama, sendo tambem recebidos na Camara Municipal, e foram a Cintra, esse delicioso e eterno paraizo e que maravilhou os nossos hospedes.

O congresso do turismo — e que ainda segue á hora em que escrevo estas linhas — tem tido no seu programma numeros brilhantissimos.

E' seu presidente o sr. dr. Bernardino Machado, tendo como presidentes honorarios os srs. Antonio José d'Almeida, José Relvas, Brito Camacho, Magalhães Lima, Anselmo Braamcamp Freire e Fernando de Sousa, compondo-se a commissão executiva dos srs. Cupertino Ribeiro, Vasconcellos Correia, Ventura Terra, Manuel Roldan, Raul Fabri, Fernando Emygdio da Silva, José Lino Junior, Luiz Fernandes, Ferreira Madail, Rodrigo Peixoto, Conrad Wissmains, Alfredo da Cunha e Eusebio Leão.

Os trabalhos do congresso constaram do seguinte programma:

*Meios de communicacão e transporte — Hoteis — Syndicatos d'iniciativa e de propaganda — Excursionismo e villigiatura — Publicidade — Questões d'ordem geral.*

A sessão inaugural realisou-se na Sociedade de Geographia.

A festa das flôres concentrou-se na rua do Ouro, e a verdade é que o mau gosto presidiu em muito ás ornamentações.

Carradas sobre carradas de plantas, mas sem arte, mais de metade dos predios não correspondendo ao convite da commissão para ornamentarem as janellas, e tudo pedia que se obedecesse a um plano geral e se chamasse um entendido.

No palacio de Belem houve recepção aos congressistas assim como nos paços do concelho, sarau do Gymnasio-Club no Coliseo dos Recreios, concurso hippico, excursões aos arredores de Lisboa, visita aos monu-



O DESFILAR DO GRUPO DOS CAMPINOS

mentos e museus, passeio no Tejo, etc.

Mas um numero que despertou o maior interesse foi o da parada agricola em Villa Franca de Xira.

Abria o cortejo um grupo de 53 campinos a cavallo, de jaquetas com alamares, calção e meia de malha e barrete verde com lista encarnada, empunhando varas enormes, carros com um arado antiquissimo, o carro d'honra com figuras allusivas ás nações dos congressistas, uma machina ceifeira, outra semeadora, cinco debulhadoras, duas enfardadeiras auto-motoras, grupos d'eguas, cavallos reproductores e poldros, bois de trabalho e varios burros.

Uma festa linda e caracteristica!



## Almeida Garrett

O sr. Coelho de Carvalho é um notavel escriptor, erudito, de muito talento, um magnifico conversador, e a tantas qualidades é justo que se busque a maneira d'addicionar algum senão.

Encontrei-o, embora seja perdoavel, e é o querer ser auctor dramatico.

E assim como aos filhos deformes são aquelles que os paes a mór parte das vezes teem mais estima, tambem é crível que o primoroso traductor da *Aventureira*, consagre um profundo amor ás suas producções theatraes.

A terceira tentativa apresentou-a no mez findo com a *Infelicidade legal*, peça em quatro actos, que não alcançou seis representações, devido tambem á deserção do publico que foge d'este theatro, como se receiasse ser empestado.

E quem assistiu ao drama do sr. Coelho de Carvalho illudiu-se por completo ante o decorrer do 1.º acto que se póde considerar impecavel, onde tudo está excellentemente marcado, a exposição é clara, e mesmo os que teem visto e lido muito theatro, suppõem que ante elles se desenrolará algo de grande alcance, d'empolgante, constituindo a verdadeira arte scenica.

Não é assim, infelizmente, apesar do que alguns escreveram no dia seguinte á primeira representação, embora a assignatura

por baixo da noticia — porque actualmente não se fazem analyses, mas apenas locaes — d'esse logo a idéa clara do valor do critico.

No 2.º acto encontramos uma scena entre Augusta Cordeiro e Pato Moniz muito bem feita, inda que não é nova, mas d'ahi por diante, se se exceptuar a dialogação brilhante e sem esforço, o desastre é completo, não ha coherencia, as scenas atropellam-se, a conclusão é illogica, e sobre tudo o peor, é que o espectador desinteressa-se por completo.

Mesmo o comico, que é uma carapuça, representado n'aquelle socio d'uma academia scientifica, passa sem nos levar a sorrir, quasi despercebidamente, e nunca poderá ser a caricatura d'um *Caro*, descripta por um Pailleron.

Falar com uma certa clareza bem sei que não agrada, mas até hoje tenho-me dirigido sempre d'esta maneira, e consola-me o applauso de meia duzia que conhecem a minha sinceridade.

E entre o que é facil de conquistar, que conduz a tudo, que dá um certo bem estar, preferi sempre a paz de consciencia, e ver muitas vezes olhares irados sobre mim, porque fui sincero, a receber apertos de mão que só seriam em detrimento da minha honestidade de jornalista.

Se me falarem do desempenho, dir-lhes-hei que entendo dever notificar apenas Augusta Cordeiro e Pato Moniz.

Os mais não prejudicaram, signal evidente



que também nada produziram, a favor do original que representavam, e o que houve, evidentemente, foi uma má distribuição nos papeis, o que significa que na casa de Garrett a fallencia d'artistas é extraordinaria...

No mesmo theatro effectuou-se a festa dos alumnos do Conservatorio, e o Gil Vicente, o Camões, o D. Francisco Manuel de Mello, o Antonio José, o *Judeu*, lá andaram aos tombos.

Foi uma recita classica, reclamou-se bastante nos jornaes, mas afinal reprimiu-se muito bocejo, e nenhum dos que lá foi tornará a assistir a espectaculos d'essa ordem.

Convocar litteratos d'alto valor como Lopes de Mendonça, Coelho de Carvalho, Abel Botelho e Lopes Vieira para proferirem meia duzia de palavras antes da exhibição do trabalho de cada um d'esses comedigraphos dos seculos XVI, XVII, e XVIII de nada serve, desde que não tenha o publico uma educação litteraria bem orientada, o que actualmente não acontece.

Nas cousas da vida precisa-se sobre tudo ser pratico, para não imitar o astrologo que ia seguindo por um campo estudando as estrellas e cahiu n'um poço, ou aquelle sabio que podia dizer em todos os idiomas a palavra cadeira, mas não sabia servir-se d'ella.

## Republica

E' já costume no mez de maio ser explorado por uma companhia hespanhola, genero de que o nosso publico tanto gosta, e assim, pela contextura das zarzuelas, e pela lindissima musica de que todas ellas são esmaltadas, deve-se perdoar mesmo as deficiencias do desempenho.

E' difficil organizar uma *troupe* d'este genero, porque o melhor vae para a Argentina onde ganha rios de dinheiro, e esse

*melhor* encontra-se hoje n'uma tal ou qual decadencia.

E mesmo que os artistas estejam longe de ser de primeira plana, não se póde apresentar outra cousa, porque custa carissima a organização d'uma companhia, não dando afinal quasi nenhum lucro ao empresario.

Eu adoro o genero, e recordo-me de tres zarzuelas—ao acaso, é claro,—que se podem considerar obras primas: *Puritanos*, *Agua, azucarrillos y aguardiente* e *Verbena de la Paloma*, mas vejo que o genero vae affrouxando, porque ultimamente principiam a explorar operettas como o *Conde de Luxemburgo*, e quando a Hespanha tem o seu genero tão caracteristico, é uma pena altera-lo, e tanto mais que aquelles typos em nada se coadunam com o que elles estão costumados a interpretar.

## Rua dos Condes

Um homem tão trabalhador quanto infeliz, José Rodrigues Chaves, tentou apresentar alli uma companhia d'operetta de pretos e pretas.

E' claro que a concorrencia nos dois primeiros dias foi razoavel, mas o spectaculo fatalmente tinha de decahir, porque se a nós já nos custa aturar tanto branco e tanta branca que representa por esses theatros, com certeza a curiosidade não havia de ser muita vindo de creaturas que não teem a graça necessaria para a interpretação, e apresentavam trechos desprovidos d'interesse.

## Animatographos

O **Chiado Terrasse** e o **Salão da Trindade** continuam apresentando *films* interessantes, obedecendo á actualidade, e que despertam sempre a attenção.

E, como variam immenso, é vulgarissimo ver hoje no *Terrasse* os que amanhã encontramos no da *Trindade*.

PORTUGAL DA SILVA.

# Somatose

Recommendada nas doenças do  
**ESTOMAGO E DOS INTESTINOS**

Vende-se nas pharmacias e drogarias



## Noticia bibliographica



ADA qualidade de um escritor tem seus admiradores especiaes, e não é pelas mesmas razões que vários espiritos se deleitam na leitura do mesmo livro. Todos aquelles que entre nós se interessam pela análise psicológica e pelas idéas hão de ter saudado com grande satisfação o nôvo romance de *Silva Gayo*, que toma um logar raro e de destaque em toda a nossa



MANUEL DA SILVA GAYO

litteratura. E' um género alto, difficil e não explorado que elle vem representar, — e se accrescentarmos a isto que a acção dos **Torturados** é extraordinariamente attractiva e

dominadora, que as suas personagens são ao mesmo tempo vivas, superiores e típicas, teremos indicado um conjuncto de qualidades internas próprias a formar uma obra de profunda significação e de um valôr excepcional.

Três personagens occupam o primeiro plano da acção dos *Torturados*. Maria do Resgate é uma mulher de espirito nobre e original, temperamento rico a que circumstancias favoraveis permittiram desenvolver — através leituras, viagens, museus, — uma alma larga mas toda feminina, admiravelmente combinada de paixão e delicadêza, sedenta de uma *perfeição* que ella primeiro concebeu como realizavel na fusão das qualidades de dois homens: Carlos da Motta e Miguel Gouvêa. Aquelle é-nos apresentado como um filósofo agudo e ponderado, este como um poeta impressionavel e eloquente; mas, além d'isso, o primeiro como um espirito que vê e reduz tudo em psicologia, o segundo como um espirito objectivo tendendo a integrar-se num todo. A concepção d'estes dois tipos é perfeitamente justa e característica, simbolica a sua opposição, e representativa de duas correntes actuaes do pensamento; podemos mesmo imaginar a lucta d'essas duas tendencias a dentro do mesmo cérebro. E é assim que, descrevendo o romance psicológico as relações entre os elementos da vida interior das personagens, como o romance de costumes descreve as

relações sociaes entre estas, um e outro podem representar uma época, — por isso que estas tanto são caracterizadas pelas fórmas e tipos sociaes, como pelas idéas e tendencias de pensamento que nellas dominam.

D'esta fórma, as figuras dos *Torturados* dão-nos uma análise psicológica como vulgarmente se realiza no romance do género mas ainda mais uma distincção de tipos, — não de tipos sociaes como o conselheiro Accacio ou o brasileiro do Minho, mas de tipos representativos de certas maneiras geraes de pensar e de sentir. A intensidade e a vida com que o drama interiôr nos é descrito evitam os inconvenientes que d'esse facto era de temer que resultassem. E' que, sem duvida, o autôr nos dá a transposição artistica de um caso profundamente sentido.

Se considerarmos a acção do romance, somos levados a dar principal importancia áquellas propriedades fundamentaes que primeiro apontámos no character de Miguel. A emotividade, a fantasia e o *bovarys-mo* são as características preponderantes que na acção do romance importam, e não as tendencias objectivas do espirito de Miguel; essas tendencias são para ahi secundárias, mais em *potencia* do que em *acto*, — o que de resto se compreende, pois acaso a insistencia nesse ponto seria descabida num romance. Não é um pensadôr, mas um reflexo, um fantasista sentimental jogando com idéas feitas. D'ahi as falhas do seu espirito.

O leitôr não espera que lhe façamos nesta noticia a análise dos *Torturados*. Basta que lhe digamos que Maria do Resgate — outra intellectualização superficial e desenraizada da vida — tendo-se casado com Miguel e debatido com este numa vida de torturas, vem afinal a encontrar o sentido da existencia na vida plenamente *humana* e da acção. Na acção estaria pois o remedio das *torturas*. E que torturas essas? As que resultam da intellectualização indirecta da vida, do seu commentário mediato; as que resultam da eterna contradicção de quem tenta anciosamente conciliar antagonismos de idéas e sentimentos, reduzir á unidade a multiplicidade de direcções para que o espirito é arrastado.

Não garantimos que nessa apologia da acção esteja uma grande panacéa: porque não é definida e commentada essa idéa vaga da

Acção, e porque vemos o livro acabar numa attitude de ironia. Seja como fôr, não é o remedio mas a descripção do mal que faz o grande valôr e o grande interesse dos *Torturados*, sólido e formoso romance que vos hade attrair profundamente, e commovêr, e fazêr pensar, — qualidade esta das melhores e mais seductôras que pôde têr um livro.

Terminada a leitura do **Sol Criadôr**, de **Alberto Monsaraz**, fica-se tentado a discutir a recommendação que o autôr nos faz logo á entrada do seu livro:

*Estes versos, alguém, quem quer que os leia,  
Diga-os baixinho, leia-os para si...*

*Sol Criadôr* não é realmente titulo que evoque sentimentos recatados, confissões intimas, ensimesmações profundas, soliloquios dolorosos, — e ao titulo corresponde o texto, quasi todo elle pictural, descriptivo, pouco sentimental e muito artistico, cantando uma Naturêza fecunda onde perpassam ninfas e aegipans flautistas. D'esses quadros rarissimas vêzes se evola um perfume sentimental, como nesse bello *Amôr supremo*, uma das poesias melhores do livro, se não a melhor, cheia de fôlego e de movimento nos seus candenceiados alexandrinos. Mas em tudo mais, como diz o poeta,

*Nestes poemas que fiz, seja qual fôr,  
Tem cada metro o gosto de uma fruta,  
Cada rima o perfume de uma flôr.*

Esses cantos são, portanto, poémas da Naturêza, tomada a palavra na accepção dos artistas e dos poetas. Poeticamente falando, «Naturêza» quer dizêr a pacificação ou a vitalização que traz ás almas a contemplação da paizagem, a placidéz dos campos, a fluidéz dos horisontes, o frescôr excitante das manhans húmidas, a calma melancollia do entardecêr saudoso. O arvorêdo parece, ás horas fôscas, uma assembléa de filósofos e de profetas d'onde cae, sobre as almas dos contemplativos, um evangelho de consoladôra sabedoria. Os espiritos menos subjectivos ou menos filosóficos, se ali não encontram uma prégação moral, encontram a magnificencia do espectáculo, a riquêza

artística das linhas, das côres e dos sons, o ar vitalizante, a energia criadôra :

*Encantou-me a paizagem, encantou-me  
O vigôr das raizes seculares;  
Tenho sede das noras, tenho fome  
Da carne succulenta dos pomares.*

Quando porém trocamos a Naturêza, de quadro e ambiente em objecto de pensamento, é que as opiniões poderão divergir, porque nem todos terão aquella bôa disposição de vêr

*Apezar de um genio tão diverso  
Que anima ás vidas todas do Universo,  
No Universo que paz e que harmonia!*

Pan pode sêr assim tão immodesto e pretençioso como Jehovah, o qual, segundo affirmam as Escrituras, se desvaneceu babôso da sua obra, tendo chamado terra á terra e mar ao mar :

*Gerei-vos a sonhar numa alegria extranha,  
A uma na planicie, a outra na montanha,  
E agora, que prazêr!  
Admira-vos ao sol minha alma enternecida,  
Felizes na existencia, acarinhando a vida,  
Gostando de vivêr...*

*Minha alma em vos criar toda a sua alma pôs.  
Bemdito seja eu! Bemditas sejaes vós!*

Seja como fôr, quem tem sem dúvida razão para se desvanecêr da sua obra — mais talvez do que Jehovah e do que Pan — é o sr. Alberto Monsaraz. Através do seu livro é que a Naturêza nos parece magnifica de belleza e de bondade, — pela excellencia do verso, pelo fôlego da estrofe, pela riqueza e variedade dos ritmos, pela limpidez da inspiração. Quando a esperança se nos apaga, é o poeta que a reaccende; é essa uma das suas glorias, e das mais bellas. Aquece-se a gente ao calôr d'aquelle enthusiasmo, e por isso lhe agradecemos e o bemdizemos, pensativos :

*Morresse o sol, talvez elle apagasse  
Das nossas almas e da nossa face  
As saudades nostalgicas do sol!*

Uma das personagens mais dignas do nosso maior e mais grato interesse foi, sem duvida, o illustre autôr das *Recherches sur la priorité de la découverte*. Na sua monografia sobre **O Visconde de Santarem como guarda-mór da Torre do Tombo**, a que fez recentemente um additamento, publica o sr. **Antonio Baião** a parte mais interessante da sua correspondencia official,



ANTONIO BAIÃO

precedida de uma exposição lúcida e rigorosa, como era de esperar de tão consciencioso e sabedôr erudito. Em 1819 — tinha o Visconde então 28 annos — começaram as suas relações, como leitôr, com o archivo. Propunha-se em tão verdes annos fazêr uma compilação de todos os actos diplomaticos desde o inicio da monarchia.

Cinco annos depois tomava posse do cargo de Guarda-Mór, dedicando-se especialmente á idéa da reforma dos documentos que o tempo deteriorára, e da formação de indices de muitos outros dos quaes não existiam nem os extractos. «Quer-se porventura, diz muito bem o sr. Baião, plano mais ponderado e mais scientificamente concebido?» Além d'isso advogava, patrocinava e acompanhava a entrada para a Torre do Tombo de muitos documentos que lá se deviam recebêr, como bullas, livros da Chancellaria Real, e sobretudo os importantissimos cartórios do Santo Officio, — encontrando, porém, bastantes difficuldades no seu caminho. As

luctas politicas, em 1834, fizeram com que fosse substituido pelo cardeal Saraivá, retomando o lugar em 1842.

Na sua gerencia «ficou sobejamente demonstrado, diz o sr. Baião ao terminar a sua interessante monografia, o valôr inestimavel que o Visconde de Santarem dava ao Archivo da Torre do Tombo, o interesse com que via augmentar as suas collecções. E se em 1842 Santarem lhe chamava *um dos mais preciosos e ricos depositos de monumentos historicos*, que lhe chamaremos agora, quando, mais de sessenta annos volvidos, a Torre do Tombo está enriquecida com milhares de documentos e processos provenientes dos conventos que successivamente se foram extinguindo?»

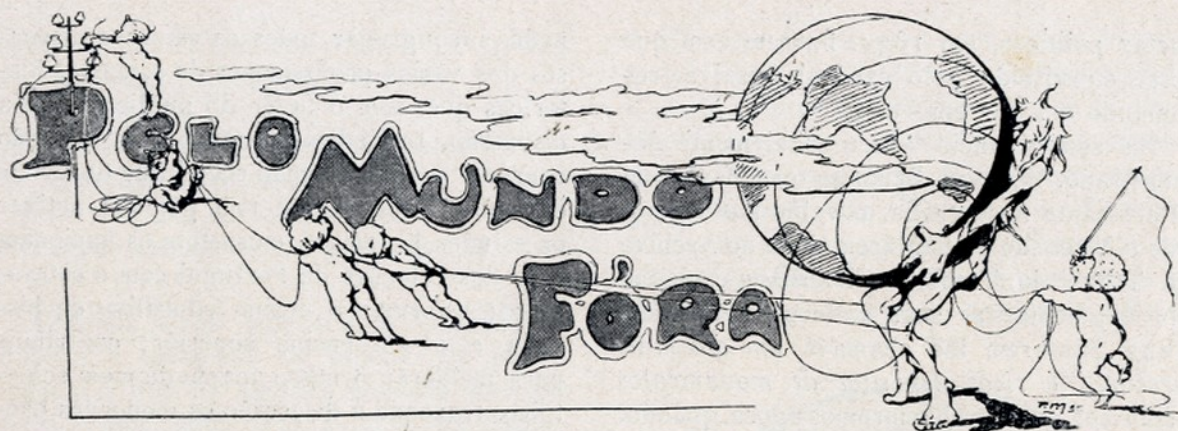
**Henrique de Vilhena**, que ha cêrca de um anno publicou um bello, rigoroso e meditado livro sobre a *Expressão da cólera na litteratura*, dá-nos o primeiro fasciculo de um trabalho sobre **Os musculos subcutaneos do crânio no tipo portugês humilde**, obra que sae do campo mais restricto da anatomia desde que o autôr pretenda iniciar com ella um estudo minucioso da musculatura mimica, implicando directamente com a arte emocional e a psicologia humana. «L'auteur qui aura lhe bonheur de faire une étude complète de l'anatomie comparée des organes de l'expression de la physionomie, escreveu o anthropologista Chudzinski, élèvera un grand monument, dont l'importance n'échappe à personne.» Assim pensou igualmente Henrique Vilhena, dirigindo nesse sentido as suas duas obras, levadas a cabo com profunda consciencia e alto espirito, na impressão de realizar aquella «harmonia amplíssima, suavissima», de que fala no seu prefacio.

Em outro campo, cumpre-nos noticiar com o maior applauso a iniciativa da fundação de uma *Sociedade Nacional de Historia*, desti-

nada a congregar todos os esforços dispersos dos varios profissionaes de sciencias historicas que, sem o favôr do publico e sem a discussão, se dedicam a trabalhos que não exercem porisso a acção social que deveriam exercêr. A Sociedade tem por fim activar os estudos historicos, mórmente os nacionaes e os das relações de Portugal com o estrangeiro; reformar o ensino educativo da historia e o seu ensino superiôr; contribuir para melhorar o nosso acanhado meio scientifico, trazendo á discussão os modernos problemas das sciencias historicas, e, finalmente contribuir para as relações estreitas do nosso meio scientifico com as sociedades, academias e altas individualidades scientificas estrangeiras. Para conseguir tão importantes e levantados objectivos usará a Sociedade de varios meios, entre os quaes a publicação de uma revista de especialidades, a conferencia e a leitura publica, a collaboração com as instituições nacionaes congeneres, a realização dum proximo congresso de historia, peninsular e brasileiro. Assignam o respectivo prospecto os srs. Christovam Ayres, David Lopes, José Leite de Vasconcellos e Fidelino de Figueiredo.

A commissão nomeada pelo governo para procedêr á reforma ortográfica, composta da sr.<sup>a</sup> D. Carolina Michaëlis de Vasconcellos e dos srs. Adolpho Coelho, Joaquim Nunes, Gonçalves Vianna, Leite de Vasconcellos, Borges Grainha, Candido de Figueiredo, Gonçalves Guimarães, Julio Moreira e Garcia de Vasconcellos, fez já conhecêr algumas das suas resoluções. Essas resoluções mostram que a illustre commissão, cuja auctoridade tão incontestavelmente se impõe, se orienta no sentido da simplificação ortográfica sem cair porém em exagerados radicalismo. E' um criterio evolucionista e pratico, ao mesmo tempo que racional, cuja alta sabedoria nos compete venerar e applaudir.





## Curiosidades do tempo

### O preço e a circulação da Bíblia

Os ingleses teem inundado o Universo de Biblias, distribuidas por aquelles viajantes por excellencia aos naturaes de todos os paizes.

Completa-se este anno o tri-centenario da versão inglêsa «autorizada», feita com enorme trabalho por quarenta e sete traductôres durante mais de dois annos. Eruditos como Lancelot Andrewes, de quem se disse que poderia têr sido o «interprete geral da torre de Babel», Edward Lively «um dos melhores linguistas do mundo», Miles Smith, Andrews Downs, contribuíram para essa versão, que apesar de nunca têr sido explicita e verdadeiramente autorizada, tem sido conhecida com esse nome.

Esse trabalho foi sendo adoptado vagarosamente. John Bull, então como agora, não se resolvia com rapidez pelas innovações. Um sabio emminente chegou mesmo a dizêr que antes queria sêr esquartejado por cavallos selvagens do que dar o seu assentimento a que tal traducção fosse imposta ás igrejas pobres. Apesar de todas as criticas e opposições a versão autorizada fez o seu caminho, pela razão de ser a melhor.

O seu alto preço não ajudava a propagação. Se bem que já não fosse necessario pagar cincuenta libras por uma Biblia como ao tempo da sua primeira impressão em Roma (1471), nem desaseis como pela traducção inglêsa de 1571, as biblias eram muito caras em Inglaterra no principio do seculo xvii. Vendiam-se por dez libras, e o preço promettia mantêr-se, porque os impressôres do rei tinham obtido monopolio. Quem transgredis.e o *copyright* era

preso e só solto quando entregasse os livros, que os monopolizadôres vendiam depois por sua conta.

Varias tentativas se fizeram para vendêr edições baratas em Inglaterra, mas todas se



SANSÃO E DALILA

(Revista Nacional, China.)

frustraram ante o poder dos impressôres do rei. O curioso é que esse direito se manteve legalmente até hoje, somente partilhado com a imprensa de Oxford e Cambridge. Não ficaram indícios da circulação no seculo xvii, provavelmente por não sêr digna de nota. A venda es-

tava ainda confinada ás classes mais ricas. Ainda havia de passar por muitas edições antes de chegar ao preço mínimo de hoje. A *British and Foreign Bible Society* foi fundada ex-



A guerra: Porque estás ahi, irmã Peste?

A Peste: Tanto falam de guerra que me pareceu occasião de voltar, como nos velhos bons tempos.

(Pasquino, Turim.)

pressamente para tornar a Bíblia barata. Hoje podem-se obter Bíblias inglesas a seis pence, vendendo-se mesmo pelas ruas edições a vinte. O preço é determinado, não pelo custo da edição, mas pelo que estiver ao alcance dos mais pobres do país. Vendem-se Novos Testamentos por quatro vintens na India, enquanto os Evangelhos separados se encontram por cinco réis; no Japão vendem-se por 15 réis, na China encontram-se a quarenta. O Arabe pode tê-la em Oran por algumas laranjas, o Indio por um punhado de arroz. Vende-se por velas no Peru, em outros pontos por queijo, leite, etc.

Escusado será dizer, que a perda da Sociedade com estas Bíblias baratas é enorme. A perda com os nove milhões de exemplares da edição mais barata vendidos em vinte e cinco annos foi de vinte e cinco mil libras.

Além das despesas de impressão, encader-

nação, etc., ha a dos fretes para os paizes distantes aonde a Sociedade a faz chegar. Ainda não ha muito mandaram de Changai para uma missão em Liang-Tchêu, na provincia de Can-Su, desasete caixotes que não só atravessaram as mil e quinhentas milhas do rio como ainda mais quinhentas em mulas através as montanhas. Preferem em geral fazêr as edições no proprio paiz de venda, e os trabalhos de traducção nas várias linguas indigenas são necessariamente vagarosos e dispendiosos. Vinte annos gastou um missionário em Tahiti para aprender a lingua, e outros vinte para a traducção. Só a revisão da Bíblia Malagásy custou três mil libras, e a do Velho Testamento Hindi três mil e quinhentas.

O Evangelho foi traduzido em quinhentas e trinta linguas diversas, e o anno passado quinze milhões de exemplares das Escripturas circularam nos diferentes paizes. Ha depositos nas cidades principaes, e d'ellas uma perfeita organização de homens e mulheres leva-as ás mais remotas partes do globo. O trabalho consagrado á diffusão da Bíblia é enorme, e muitas vêzes as Escripturas precedem nas regiões affastadas toda outra influencia da nossa civilização. O primeiro viajante que entrou em Merv nos modernos dias viu com espanto que a Bíblia o tinha avançado, e tambem em Klondyke, antes da descoberta do primeiro ouro, o Novo Testamento chegára ao valle de Yukon.

Celebrando o tricentenario da Bíblia a Inglaterra celebrou o que ha de mais nobre na grandeza da Inglaterra, alguma cousa que está na propria raiz da cultura, da força, do impe-



POSIÇÃO DO TIO SAM NO PANAMA'

rio desse grande povo, e que o acompanhou e animou na sua expansão sobre o universo. São os proprios ingleses pelos menos que o dizem, ou antes são elles que o reconhecem.

## Vida na Sciencia e na Industria

### A agua do mar, origem da vida

Foi o professor René Quinton, de Paris, que realizou a serie de experiencias importantes, tendendo a demonstrar a teoria de contêr a agua salgada das maiores profundidades do Oceano os elementos vitaes das cellulas organicas, os verdadeiros elementos sem os quaes a vida no planeta seria impossivel. O professor Quinton espera provar que a agua salgada contém substancias capazes de combater os ataques da doenca e da velhice no corpo humano, substancias cujo emprego nos permitiria prolongar extraordinariamente a vida.

Se accetarmos a doutrina de Quinton devemos considerar o corpo humano como um verdadeiro aquario. O sangue é um liquido oceanico em que os globulos vermelhos nadam. Todas as partes do corpo são perpetuamente banhadas em agua do mar, restos do meio em que os nossos remotos e originarios antepassados viveram. Qualquer organismo animal, de que especie fôr, é composto num terço do seu peso total de agua do mar em que as cellulas banham. Essa agua é o liquido vital das cellulas organicas, liquido sem o qual a vida seria impossivel.

Numa das suas primeiras experiencias o professor Quinton tomou um cão e sangrou-o até o animal jazêr como morto na mesa de operações. Depois injectou-lhe nas veias uma quantidade de agua do mar igual á do sangue perdido: pois o cão sentou-se, abanou a cauda, e breve começou a passeiar tão vivo como d'antes! Só quatro annos mais tarde morreu, de uma morte perfeitamente vulgar e natural. As experiencias foram repetidas com outros animaes, obtendo-se sempre os mesmos resultados, e notando-se que os pacientes não só se restabeleciam mas pareciam ganhar em vigor com a substituição do sangue por agua do mar.

Seguidamente foram as experiencias tentadas em individuos humanos, que se não deixaram evidentemente sangrar até á morte, mas em que a substituição do sangue pela agua foi effectuada nas proporções em que esses individuos a permittiram. Não se torna necessario ir além do grau já realizado, e parece provado que se poderão obter resultados ple-

namente satisfactorios com a agua do mar sempre que haja, por qualquer accidente, grandes perdas de sangue.

A principal applicação comtudo não é a da substituição do sangue pela agua marinha, mas sim o tratamento de varias doencas. Como se sabe a agua deve sêr tomada num ponto bastante distante da terra, e em fundo bastante para assegurar a sua purêza.

Os sêres vivos appareceram na terra numa época em que a temperatura era superior á actual, e tendem a mantêr essa temperatura em face do resfriamento successivo do globo. Proseguindo nas mesmas ideas já por elle expostas, a si mesmo perguntou o Prof. Quinton se a vida animal não tenderia a mantêr outras primitivas condições além das da temperatura, e por uma serie de provas mostrou a origem maritima dos sêres vivos, e a tendencia a mantêrem as condições maritimas originaes na vida dos seus organismos cellulares, assim como mantem a original temperatura.

Não se attribuem geralmente aos saes que ella contem as virtudes vitalizantes da agua do mar. Um argumento a favôr d'esta idea é fornecido pelo professor Puettner, de Berlim, que descobriu contêr a agua do mar em dissolução materias nutritivas. Suppunha-se que todos os animaes marinhos se alimentavam d'outros animaes ou de plantas. Ora as experiencias do sabio allemão mostram que a agua do mar contem em dissolução materias alimentares de que alguns sêres marinhos, principalmente as esponjas, parecem viver exclusivamente. A agua do mar contem em dissolução vinte e quatro mil vezes mais carbono do que contem em forma de organismos. Puettner provou que uma especie de esponja, se fosse obrigada a viver de alimento organizado obteria em uma hora só uns dois mil e trezentos avos da quantidade de carbono que consome n'aquelle intervallo de tempo. São comparativamente pequenas as quantidades de alimento organizado achadas nas cavidades digestivas dos mais inferiores animaes maritimos. A agua do mar é pois, para um grande numero de invertebrados, um fluido nutritivo, como o são os fluidos do corpo para as cellulas dos tecidos animaes, e para as plantas o meio ambiente.







**D**EPOIS de tantas fantasias que durante uma epoca de transição, indicaram ora uma tendencia ora outra, apresenta-se-nos finalmente a moda sob uma fórma que nada tem de exagerado, e que se faz notar pela sobriedade distincta das suas linhas.

A *silhouette* feminina tornou-se esbelta e graciosa com o ligeiro alargamento das saias, e a moda decretou, como se a sua palavra fôsse lei, que n'esta modificação, ella se conservasse por algum tempo.

Os casacos são curtos, e substituidos raras vezes pelos boleiros que brigam com a nossa sympathia, mas que se repartirão todavia com os primeiros, em agradar a certas pessoas. Nos vestidos, comquanto se manifeste na verdade uma grande preferencia pelas cinturas curtas, alguns já voltam á cintura normal.

As mangas semi-curtas, quasi sempre sem costura nos hombros, gosam de um privilegio invariavel; o pequeno decote redondo, é algumas vezes substituido por uma pequena *guimpe* de tulle, de

uma leveza e transparencia tal, que dá a impressão do decote. Quem não tenha um pescoço de uma belleza impeccavel poderá usar esta fórma tão fina, quanto discreta.

A par de lindas guarnições de *broderie* e de renda cobrindo os hombros, nota-se novamente uma grande predilecção pelos *fichus* genero Marie Antoinette, que sendo de tulle, musselina ou linon, dão sobretudo nas *toilettes* de tecidos vaporosos ou de sedas ligeiras, um effeito encantador.

Quanto á novidade nos tecidos, como fallámos já no nosso numero precedente, está na transparencia e leveza, preditados estes, que só por si, dão todo o realce a uma *toilette*. A grande moda da estação, são no entanto os *foulards* cujas cores e desenhos apresentam uma grande variedade.

O azul reina em todas as suas *nuances*, desde o azul marinho tão apreciado, até aos mais delicados tons pastel esverdeado, escorregando para lilaz, cores estas sempre combinadas com o preto e o branco. Muito modernos são tambem os *crêpons* lavaveis com pintas.



tecidas, ou mesmo bordadas, de muito bom gosto, sobretudo em branco ou em crú claro. Geralmente são guarnecidos de renda d'Irlanda. De recente data são também as

guarnições de etamine branco ou de linho crú, ornados de bordados multicolores. A renda de *filet* apesar de considerada já um pouco em segundo plano, como guarnição, produz um fundo delicioso para esses

bordados coloridos, e são de uma extrêma originalidade. Na tendencia habitual de antecipar a estação, e apesar do calor ainda se não fazer

sentir incommodamente, apparece-nos como que precozmente um variadissimo sortimento de cassas de uma mimosidade inegualavel, tão leves e frescas, que por ellas se não trocariam tantos

outros tecidos de maior riqueza. A longa tunica de linon procedente do estylo Imperio, é n'alguns casos muito favoravel sobre qualquer tecido de riscas, ou sobre seda de phantasia. Algumas d'essas tunicas formam como que um avental na frente. Os largos cintos de setim preto cortam bem qualquer vestido, e de algumas sedas de riscas, sobretudo em preto e branco se fazem guarnições para punhos, golas, etc. e se adaptam simples mas bonitas confecções. A forma kimono nos corpos está mais do que nunca em voga, e as mangas curtas que correspondem a esse estylo, têm a maior parte das vezes uma outra manga vindo de dentro, sendo esta de gaze ou de renda. Os vestidos são sempre curtos,

e só para os de cerimonia se usam as pequenas caudas. Os modernos tecidos *tussor* e *shantung* são o mais proprios possivel para os *tailleurs* assim como os linhos que estão muito em voga.

Um complemento gracioso, além de indispensavel, para uma *toilette* de verão, é sem duvida uma bonita sombrinha. Algumas são um verdadeiro mimo de bom gosto, em linho branco, com bordado inglez, reunindo á belleza o serem também muito praticas, o que não succede com as de seda, que a não serem muito boas, são de pouca duração. Nos cabos, uns grandes laços de velludo preto tem novidade. Para mais *toilette*, as de renda, sobre seda, são também de bom gosto.

Os chapéus, como fallámos no numero anterior, tem quasi todos uma fórmula original, e alguns são de tal fórmula floridos que lembram açafates de rosas. As toques pequeninas são grande moda; algumas muito simples e bonitas são apenas enfeitadas com um grande laço de velludo sobre a copa. Também se usam os chapéus bastante grandes, mas as toques além de ficarem muito bem ao parecer, são sobretudo muito praticas, e têm também duas vantagens, o não se tornarem tão incommodas á propria pessoa, e o da caridade... com o proximo.

Uma das nossas gravuras representa um chapéu de fórmula Napoleão, feito de palha tagal beije, todo guarnecido de variadas flôres e muita folhagem. Na extremidade do chapéu um lar-



go vuez de velludo preto. A seguir damos um lindo modelo de saia e bolero muito elegante para uma *toilette* de menina. Póde ser executado de qualquer tecido como *shantung* ou *tussor* por exemplo.

A saia completamente lisa apenas tem umas pregas viradas dos lados, que fingem fechar por meio de pequeninos botões de velludo preto. O bolero fecha á frente com dois grandes botões tambem de velludo preto e a gola guarnecida do mesmo velludo fórma um pequeno cabeção atraz. Completa esta *toilette* um pequeno chapéu tão simples quanto bonito e elegante. A fórma de palha de duas côres, verde e *bordeaux*, tem uma larga aba revirada toda em volta, e é apenas enfeitada com dois *couteaux* de fantasia mas nos mesmos tons da palha, presos por um pequeno *cabochon*.

Damos tambem em gravura um elegante *tailleur*, que pela sua simplicidade e elegancia se presta para *toilette* de jornada de uma noiva gentil. De qualquer dos tecidos em que temos fallado poderá ser executado, na certeza de que o effeito será o mais harmonioso possivel. Apenas um leve galão serve de guarnição, e pequeninos botões oxidados, dão toda a graciosidade. O casaco completamente fechado, requer um corte impeccavel porque d'ahi depende toda a sua elegancia. Uma pequena guarnição de renda em volta do pescoço formando gola, remata á frente com um laço de seda preta. O chapéu d'esta *toilette* tambem merece especial referencia porque sendo despretençioso, reune o ser muito leve todo guarnecido de flôres do campo e laçadas de fita.

Finalmente, mais um modelo damos ás nossas leitoras. E' um vestido de *fôulard taupe* com pintas brancas. Na saia tres bainhas e um largo entremeio de tulle fino. No corpo o mesmo entremeio e em volta da *guimpe* um vuez de velludo côr de cereja muito escuro. D'esse mesmo velludo são os pequeninos botões á frente, e o cinto com duas pontas cahindo atraz. O chapéu é lindo pela sua simplicidade. De palha tagal bege, tem a aba por dentro toda forrada de velludo

preto, e sobre a aba do lado esquerdo dois ramos de flôres côr de cereja tambem, e a respectiva folhagem.

### A origem e a influencia das pedras preciosas

E' antiga a superstição de que as pedras exercem uma certa influencia nas pessoas, a ponto de se atribuir n'algumas um mau presagio, quando outras ao contrario são usadas como talisman de felicidade.

O rubi, por exemplo, era considerado na Edade Media como uma pedra de grande virtude, chamada a Pedra de Sangue, pela razão de que, a quando a crucificação de Jesus, as gotas de sangue que verteu sobre

a terra, lembravam rubis. D'ahi se romantizou a sua existencia, e se lhe attribuiu uma grande magia e poder divino, em casos miraculosos, e até nos grandes combates era usada pelos guerreiros. Como valôr material nenhuma pedra eguala ao diamante. Ha varias theorias sobre a sua composição, e segundo um antigo perito — Plinio — affirmou que os diamantes derivam do ouro, o mais precioso dos metaes. Na mais moderna theorica é que são derivados do carbone pela acção do calôr.



Attribue-se ao diamante uma grande efficacia segundo uma velha sciencia, quando este seja dado e não comprado, sendo considerado de grande virtude como antidoto de venenos, e até como firmeza no amor conjugal; por esta mesma razão, era muito usado em aneis de *fiançailles*, e muitas vezes chamada a pedra de reconciliação, mas n'esse caso deveria ser usado na mão esquerda. O mais afamado diamante que existe é o *Koh-i-noor* ou «Montanha de luz» e a sua existencia é attribuida a desde meio seculo antes da era de Christo. Desde que está em poder dos Inglezes tem diminuido em tamanho, perdendo muito no peso, mas ganhando em belleza e brilho. Foi offerecido á Rainha Victoria em 1850 pelo Lord Dalhousie. Ha uma superstição na India, de que até que essa pedra seja restituída ao seu primitivo dono, naturalmente algum *rajah* indiano, a desgraça acompanhará os passos dos seus possuidôres.

A safira é conhecida e apreciada desde menos remota antiguidade, mas crê-se que tenha sido uma das primeiras pedras conhecidas, tendo sido achada nos leitos dos rios e nas torrentes, e ainda hoje, alguns especimens são encontrados entre ruínas de abandonadas cidades da Persia e Arabia. Como superior qualidade a saphira deve ser inteiramente azul, e quanto mais se assimilhar ao azul aveludado do amor perfeito, maior será o seu valôr. São muitas e variadas as qualidades medicinaes attribuidas á saphira taes como cura de febres, dôres de cabeça, etc.

A turqueza tem sido sempre uma das pedras favoritas tanto pela sua belleza como pelas virtudes que se lhe attribuem; não só é considerada como penhor de uma verdadeira affeição, e portadôra de amigos, como preventivos contra perigos que possam ameaçar o seu possuidôr. Na Russia e no Oriente existe ainda a superstição de que a turqueza dá felicidade e fortuna quando offertada por mão amorosa.

O coral tem varias qualidades e diversas côres mas, o mais apreciado por Plinio, era o coral vermelho, uma producção de corpos gelatinosos chamados polipos, a maior parte encontrada nos tropicos. Os poetas gregos attribuiam um poder maravilhoso ao coral. Desde os remotos tempos dos Romanos, até a

actualidade, o coral tem sido sempre universalmente considerado bom para creanças, os antigos acreditavam que os collares de coral em volta dos pescoços dos recém-nascidos protegiam-nos de enfermidades taes como anginas, tosse convulsa, e era da praxe, nos anniversarios, que os padrinhos offerecessem sempre um presente de coral aos afilhados.

A esmeralda é uma das pedras de maior valôr quando seja de bom tamanho e sem o mais pequeno defeito. E' curioso que sendo esta pedra tida em grande apreço na India, não é ali produzida, apezar da origem da palavra vir de lá, pois que deriva do sanscrito em que a palavra esmeralda quer dizer verde. Os Orientaes têm uma grande veneração por esta pedra, crendo que ella lhes incute coragem e boa memoria.

A perola tem sido desde seculos a fascinação do genero humano em todas as eras e em todas as regiões. O mysterio da sua origem tornou-a consagrada pelos Egypcios e pelos Romanos; a poetica fantasia de que as perolas eram as lagrimas de espiritos celestes fallou-lhes á imaginação, e tinham a crença do seu grande poder como protector da innocencia e da virtude. Ainda hoje é costume entre os povos do Oriente presentear as noivas com uma perola, como emblema de pureza. Sendo a maioria das pedras encontradas em minas, só a perola deriva do mar, e as mais valiosas são as do Golfo Persico.

### Pensamentos

A sinceridade verdadeira, profunda e grande é o primeiro caracterisco de todo o homem por alguma fórma heroico.

Carlyle.

Procurae ter um coração que se não endu-  
reça, um genio que não enfade, e um tacto  
que nunca fira.

Charles Dickens.

O homem sensato adapta-se ao mundo; o  
insensato persiste em adaptar o mundo a si  
proprio; não obstante todo o progresso se  
realisa pelo homem insensato.

G. B. Shaw.